UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas

Área de Letras Clássicas

REFLEXÕES SOBRE O PRONOME RELATIVO E A ORAÇÃO "ADJETIVA" EM LATIM E PORTUGUÊS

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre

Clóvis Luiz Alonso Júnior

Orientador: Professor Doutor Ariovaldo Augusto Peterlini

2001 / 2

DEDICATÓRIA

Dedico a meus pais.

Singularmente,

a minha mãe, pedaço de minha alma...

a meu pai, interesse calado...

Conjuntamente,

aos dois:

com feijão sustentam o sonho...

Também dedico a

Gloria, "Gloríssima", que me vê bem maior do que sou,

porque é grande demais...

Angélica, Gé, minha terapeuta informal,

cuja "luz do discurso" reflete o que a imagem prefere esconder...

Eliane, Li,

um doce tão bem doce

que nem o doce mais doce

sabe ser assim tão doce.

Doce lá sol

faz-me redobrar as alegrias!

E mais doce fica a escala...

Rubinho, exemplo de Gente,

relíquia neste planeta...

AGRADECIMENTOS

Agradeço às pessoas que, de algum modo, fazem parte deste Trabalho:

Os Funcionários ligados aos Departamentos de Letras da USP, companheiros de jornada;

Todos os professores de Língua que tive...

Professora Doutora Ingeborg Braren, a Inge, entusiasmo de ser...

Professora Doutora Lygia Corrêa Dias de Moraes, pancrônica, aberta...

Professora Doutora Norma Seltzer Goldstein, opiniões generosas...

Professor Doutor Heitor Megale, que ama a história da nossa língua;

Professora Doutora Esmeralda Negrão, que ama Sintaxe...

Professor Doutor Válter Kehdi, cientista rigoroso e apaixonado;

Professor Doutor Bruno Fregni Bassetto, também rigoroso;

Professora Erika Pereira Nunes — a Erikinha — , Professora Márcia Borghesan — a Marcinha — , apaixonadas pelo conhecimento;

Professora María Teresa Celada, a Maite, predisposta a dar informações;

Professora Doutora María Zulma Moriondo Kulikowski, a Zulma, séria e serena diante da vida...

Professor José Joaquim Degasperi — o Joaquim — , Professor Juvino — o Juvino — , que oferecem trabalhos...

Professor Doutor Clóvis Barleta de Morais, diligentíssimo... e xará...

Professora Elaine Sartorelli, que é pelo trabalho... e pela conjunção dos astros...

Professora Elisa Leonardi, doce...

Professora Doutora Maria Adélia Mauro, a Déia, sinônimo de bondade...

Professor Doutor Erasmo d'Almeida Magalhães, o Professor Erasmo, preocupado com "o menino"...

Professor Marcelo Módolo, o Marcelão, sorriso que vai de uma orelha à outra...

Professor Ricardo de Oliveira, jeito quieto de ser amigo...

Professor José Dejalma Dezotti, o Dejalma, pax-vóbis...

Professora Doutora Lênia Márcia de Medeiros Mongelli, de verdade márcia e "lênia"...

Professora Doutora Marlise Vaz Bridi, que divide criatividade...

Professora Mari Noeli Kiehl, que divide seus materiais...

Professora France Murachco, com quem adoro brigar porque freqüentemente descobrimos que estamos com a mesma idéia...

Professora Ana Paula Celestino Faria, deliciosa conversa...

Professora Adriana Seabra, inspiradora...

Professora Doutora Cristina Altman, inteligência que trabalha em grupo;

Professora Vânia Parada, a Vaninha, toda coração...

Professora Beatriz Christino — a Bia — , Professora Olga Coelho, Professor Ricardo da Cunha Lima, Professor Pablo Schwartz Frydman, colegas de barco...

Maria Elisa, Professora Maria Helena — a Helena — , Professora Yvonette, Professor Alfredo — o "Arrrrfredo" — , grandes companheiros...

Professora Sílvia Cunha, a Silvinha, puro afeto...

Professora Marly Bari Matos, generosa em conselhos;

Professor Dílson Ferreira da Cruz, o Dilsão, generosíssimo em reconhecimento...

Professora Roberta de Souza Palhares, amiga dos amigos...

Professora Diana Schuler, rosto iluminado como o nome...

Professora Valéria Maria Borges, severa e humana...

Professora Sheila Lima, Sheila "Madalena", que suporta esse "apelido"...

Professor Doutor Armando Gens, transbordante de atenções...

Professora Ana Cristina Fernández, espírito de companheirismo;

Professora Maria Flora Salles Mazzilli, a Florinha, companheira no aprendizado de uma língua "morta"...

Professor Pérsio Witkowski Frangetto, que me acolheu na casa paterna;

Professora Maria de Nazaré Ordonez de Souza Ablas, a "Nazinharé", coração maior do que o nome...

Professor João Bernardo Filho, o Joãozinho, distância sentida...

Professor João Petri, o João, pureza indefinível...

Professora Maria Helena Aranha, a Lena, incentivadora...

Professora Simone Zaccarias, maravilha de sensibilidade...

Professor Angelo Caio Mendes Corrêa Junior, amigo infalível;

Renata Manzini, a Rê, amiga dia e noite...

Professor Diego de Bernardin Stadoan, amigo dirigente...

Professor Adriano Aprigliano, o Adriano, afeto discreto...

Dona Márcia de Moura Castro, colecionadora da expressão barroca e generosa em mostrar...

Luís Roberto Alonso Trench, que quer que sejamos primos...

Márcia Alonso, que não faz questão de parentesco...

Mauro César Mungioli, o Nenê, que é meu primo...

Dona Maria Donata Satriani Dias Serralheiro — a Dona Mariazinha — , Maria Carolina Golfetto — a Nenê — , que tantas vezes perguntaram...

Luciana Maria Napoleone e Professor Doutor Alberto do Amaral Júnior, atenciosos em cuidados técnicos;

Professor Paulo Maturano Santoro, socorro em computação!!

Professora Doutora Safa Alferd Abou Chahla Jubran e Professor Doutor Mamede Mustafá Jarouche, competência em língua árabe, que dá vontade...

Professora Fátima Ghazzaoui, a Fá, "jamiilah"...

Andréia Ferreira, "meu Carneirinho", solidária e estratégica...

Samuel Vieira Gambier Neto, que sempre teve certeza...

Professora Maria Elisa Colagrossi Bittencourt, a Melisa, que sempre acreditou...

Professor Andrei Sousa Santos, sempre pronto...

Professor Júlio César Suzuki, o Julinho, grande força...

Professora Tatiana Longo dos Santos, a Táti, frágil e tão forte...

Professor Renato Figueiredo — o Renato — , Luciano Baraúna — o Lu — , com os quais divido o amor pela Música...

Professora Odete Rodrigues Baraúna, a Detinha, que a cada lua se torna mais encantadora...

Professora Tárcia Garcia Leal, a Tarcinha, toda poesia...

Carolina Maria Garcia Queiroz, a Carol, brilhante e prática...

Professora Teresa Maria Magalhães Araújo, a Tê, emoção silenciosa...

Professor Richard Joel Corrêa, o Chade, fiel no estar ali...

Professor Jacob Bettini, que gostaria de ler isto...

Professora Zélia Navarro, parte da minha história...

Jorge Eduardo Paes Aguiar Barbosa, o Du, que se dispõe...

Professora Yvone Dutra, a Dona Yvone, interesse renovado;

Professora Cleonice Rocha Vieira, a Tia Cleo, que pensa no futuro...

Dona Amália Gomes da Silva, a Dona Amalinha, enfermeira de almas...

Professora Doutora Vera Lúcia do Amaral Conrado, a Verinha, fonte de luz pra mim...

Dona Julieta Bastos Reis, a Dona Juliete, Ju, Juju, "Mulé", farta em apelidos e em grandeza de ser...

Maria Betânia da Silva Santos, a Bê, "linda, linda"...

Vó Avelina, que me acolheu em casa...

Vó Efigênia — a Vigeninha — e Telma "Maria Piulim", que me esperavam em casa...

Luís Antônio Vecchi, o Tuia, que agora é Anjo "de verdade"...

Margarida Maria Vecchi Malaspina (Adélia Sophia!!!), a Margô, Dodô, avó menina...

Professora Rosângela Bulgarelli Travesso Contin, a eterna Dinda, que sabe dizer "eu te amo"...

Tia Nida, minha "Bulola", segunda mãe...

Tio Vicente, Tio Tente, segundo pai...

Eva, nossa "Babete"...

Cris e Fernando, meus IRMÃOS...

Os serezinhos Superiores, que ludibriam minha enorme capacidade de autoboicote...

Todos os manejadores da língua portuguesa, que me fartam de construções bem-vindas...

Agradeço especialmente ao Professor Antônio Carlos dos Santos, o Toninho,

que sabe estar perto estando em outro continente.

Muito especialmente, agradeço aos Professores Doutores membros da Banca Examinadora, cordiais em aceitar,

e ao Professor Doutor Ariovaldo Augusto Peterlini, o Professor Peterlini, meu Orientador, que após muitas ressalvas, porque o todo lhe pareceu estranho, desde o começo. Mas aceitou orientar e teve a grandeza de me deixar ser livre.

SINOPSE

A partir de um breve questionamento da descrição estruturalista do pronome relativo e da oração chamada adjetiva, contraria-se a idéia de "forma vazia", sobretudo aplicada a esse pronome, em Latim e Português. Para isso, propõe-se interpretá-lo como portador de uma, por assim dizer, "semântica" que o aproxime dos pronomes reconhecidamente dotados de alguma significação, em especial os demonstrativos.

"Preencher" o pronome relativo é base para desenvolver, tratando-se das línguas mencionadas acima, um entendimento da oração "adjetiva" alheio à idéia de subordinação.

Considera-se o processo de gramaticalização; todavia, nem mesmo a oração restritiva faz, aqui, entendê-lo como esvaziador. Propõe-se quanto à restritiva o conceito de "foridentificação": o objeto referencial do termo a que o pronome relativo diz respeito é especificado, restringido, pela oração restritiva; não é, na intenção do enunciado, senão aquilo que a oração restritiva diz sobre ele.

Nem a gramaticalização, entendida como processo não esvaziador, nem a oração restritiva, explicada por um fenômeno específico de referencialidade, reclamam a idéia de subordinação.

Palavras-chave:

Latim; Português; Morfossintaxe; Pronome Relativo; Oração Relativa.

RESUMEN

Desde un breve cuestionamiento de la descripción estructuralista del pronombre relativo y de la oración llamada adjetiva, se está en contra a la idea de "forma vacía" en Latín y Portugués sobre todo aplicada a este pronombre. Para eso, se plantea interpretarlo como portador de una, por así decir, "semántica" que lo acerque a los pronombres reconocidamente dotados de alguna "significación", en especial los demostrativos.

Tratándose de las lenguas mencionadas, es fundamental "rellenar" el pronombre relativo para embasar el desarrollo hacia un entendimiento de la oración "adjetiva" ajeno a la idea de subordinación.

Se considera el proceso de gramaticalización, pero tampoco la oración especificativa hace, aquí, entenderlo como vaciador. Se plantea para la especificativa el concepto de "foridentificación": el objeto referencial del término al cual el pronombre relativo se refiere es delimitado, especificado, por la oración especificativa; en la intención del enunciado el término no es sino lo que la oración especificativa dice sobre él.

Ni la gramaticalización, entendida como proceso no vaciador, ni la oración especificativa, explicada por un fenómeno específico de referencialidad, reclaman la idea de subordinación.

Palabras-clave:

Latín; Portugués; Morfosintaxis; Pronombre Relativo; Oración Relativa.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO QUASE PESSOAL 2

1. PRONOME RELATIVO SOB SUSPEITA 11

2. APELO À ETIMOLOGIA 22

3. ALMA GÉMEA GENTIL? 48

4. *LIBERTAS QUAE SERA TAMEN* 58

5. E A GRAMATICALIZAÇÃO? 111

À GUISA DE CONCLUIR 137

APÊNDICE 139

BIBLIOGRAFIA 142

FONTES ORAIS *IN LOCO* 148

INTRODUÇÃO QUASE PESSOAL

Se não a primeira, uma das primeiras certezas veiculadas num texto tradicional sobre Sintaxe é que os "procedimentos sintáticos" são dois: coordenação e subordinação. Isso quer dizer que aquele que maneja uma língua natural, falando ou escrevendo, lança mão ora de um, ora de outro desses procedimentos. A cada momento, um **ou** outro, porque opostos; **necessariamente** um **deles**, porque necessários.

Tão necessários que às vezes a expressão "procedimentos sintáticos" dá lugar a outra, peremptória: "processos sintáticos". *Procedimento* é, primeiramente, o **ato** de proceder, mas *processo* é mesmo a **técnica estabelecida**, o que faz essa expressão mais sincera: ao usuário da língua apenas cabe escolher, com maior ou menor consciência, entre um processo e outro; é esse o seu procedimento. Noutras palavras, o procedimento é a escolha do usuário; o que existe para ser escolhido é o processo da língua.

Talvez quem diz "procedimentos sintáticos" não esteja, nem de longe, pensando no usuário e queira dizer que a língua proceda, ou seja, proponha processos. Então *procedimento* é sinônimo de *processo*, porque é abstração.

E abstração é o que existe previamente. De fato, a oposição entre coordenação e subordinação — preferencialmente nessa ordem — parece prévia a todo entendimento sintático. Muito é questionar se isto ou aquilo é coordenado ou subordinado, verdade em si que é mister perscrutar e desvendar: que é coordenado ou subordinado não comporta dúvida, pois na Sintaxe, aliás em toda a Língua, aliás em todo o Mundo (ou **m**undo?), as coisas se coordenam ou subordinam — vale lembrar que preferencialmente nessa ordem!

Nunca entendi bem por quê. Mais do que isso, nunca acreditei que essa dicotomia fosse importante a ponto de rasgar a Sintaxe em duas partes, a "Sintaxe de Coordenação" e a "Sintaxe de Subordinação".

Para mim, existe a "Sintaxe dos Sentidos". O que orienta as relações sintáticas é eminentemente o sentido, não bem o "sentido semântico", próprio da

Semântica, mas o "sentido sintático", próprio da Sintaxe. Assim como das palavras se extrai uma tentativa de leitura, também das relações sintáticas emanam possibilidades de sentido, sentido sintático, ligado a uma razão provável das relações entre partes. O **modo** como as partes de um todo se inter-relacionam diz algo sobre esse relacionamento. Nesse modo é possível não ler nenhuma hierarquia, não estabelecer nenhuma conclusão quanto a isto estar "no mesmo nível" daquilo ou estar "em outro nível", de "dependência", de "subordinação". O **modo de inter-relacionamento** carrega — isto sim — pistas de sentido.

Um exemplo do que isso quer dizer é a atuação das preposições.

Em primeiro lugar, ressalto que me parece rejeitável a idéia de que as preposições sejam vazias de sentido, assim como a idéia de que qualquer forma lingüística o seja. Se as preposições não têm significados *stricto sensu*, nem por isso deixam de **indicar noções**. Não é em determinadas ocasiões que *de* indica a noção de origem; é **sempre**, porque essa noção é o que preenche a forma *de*. O fato é que a noção pode enfraquecer-se ao longo do tempo, já que o tempo representa uso, e uso desgasta; pode alterar-se de várias maneiras, já que o tempo altera. Mas então somos nós que perdemos o fio do novelo. A preposição *de* que há em *mesa de madeira* é exatamente a que ocorre em *sair de baiana no Carnaval*. *Mesa de madeira* é um objeto que adveio da madeira, literalmente **saiu** dela, daí se **ex**traiu, **de**rivou. *Sair de baiana* é sair com a indumentária típica de uma baiana "paradigmática", mas não é imprescindível subentender algo como *com a indumentária*, intercalando-o entre *sair* e *de baiana*; talvez baste considerar que do *frame* que se possa ter de *baiana* se extraiu uma parte, e a extração está marcada por *de*. É **semântica** a relação **sintaticamente** estabelecida entre *mesa* e *de madeira* e entre *sair* e *de baiana*; é essa semântica que une tais partes e não uma laboratorial apreciação hierarquizante. Laboratorial porque secundária; secundária porque muitas vezes pautada por critérios formais.

Ora, em Sintaxe a forma se constitui em função do conteúdo, a construção se estabelece para dizer algo. Embora essa idéia possa parecer ultrapassada, assumo que é uma das razões deste Trabalho: um libelo, não furioso mas

convicto, contra abordagens lingüísticas que preconizam arbitrariedades, formas vazias, casualidade no encontro entre forma e conteúdo.

Não é que uma construção sintática A diga exatamente A' e apenas possa dizer A'. Creio que entender isso seria mesmo equivocado, assim como me parece equivocado o argumento de que a prova da arbitrariedade do signo lingüístico esteja no fato de haver em cada língua natural um significante para o "mesmo" significado "universal", ou seja, o fato de as línguas naturais diferirem entre si na forma pela qual designam as "mesmas" coisas do mundo. Se é que são as mesmas coisas, isso não quer dizer que deveriam ser sempre vistas com o mesmo olhar, igualmente interpretadas e identicamente codificadas. A motivação é subjetiva, "ilógica", mágica, variável. Sua existência nada tem que ver com padrão. Em Sintaxe, propor motivação não é propor ditadura entre forma e sentido — língua não aceita ditadura, embora exista imperativo para o verbo *amar*... — . Propor motivação em Sintaxe é propor motivação semântica na mitologia das constituições sintáticas; daí, é dizer que há **sentido sintático nas relações sintáticas**, é dizer que, enquanto Sintaxe, **a Sintaxe significa**, significa sintaticamente.

Quando se fala em subordinação, não se está falando em sentido; está-se falando em centros de gravidade, em elementos que têm o poder de estabelecer traços formais no entorno. Diz-se que, num sintagma nominal com núcleo e periferia, o que faz subordinante o elemento determinado é o fato de o(s) elemento(s) determinante(s) determiná-lo ou, em outra linguagem, o que faz subordinante o elemento nuclear é o fato de o(s) elemento(s) periférico(s) concordar com ele. Então o núcleo é núcleo porque a periferia concorda — não apenas na língua... — , e esse *porque* não é explicativo, é causal mesmo. Argumenta-se que o que há de seguro para propor classificações seja a forma, por ser corpórea, detectável, segmentável. Isso lembra o critério gerativista para a conceituação de *sujeito*: o elemento com que o verbo concorda. Então o sujeito é sujeito porque — *porque* causal — o verbo concorda com ele; o que o faz sujeito é a concordância do verbo.

Posturas assim me parecem uma subversão infeliz. A desforra do subordinado é ser necessária sua existência para a definição do subordinante; isso é mesmo delicioso, mas, para mim, o verbo — geralmente — concorda com o sujeito porque o sujeito é sujeito, ou seja, o dado formal da concordância se estabeleceu — em modalidade lingüística dita culta, exceto ainda as ocorrências em que o verbo parece concordar com o predicativo — como forma de explicitar que a idéia expressa pelo verbo "parte" do(s) elemento(s) representado(s) pelo sujeito, tem que ver com ele(s); então ambos, sujeito e verbo, **con-cordam** um com o outro. Também, a periferia — geralmente — concorda com o núcleo dum sintagma nominal porque o núcleo é núcleo, isto é, o dado formal da concordância se estabeleceu — em modalidade lingüística dita culta — como forma de explicitar que a(s) informação(-ões) veiculada(s) pela periferia circunstancia(m) o(s) elemento(s) representado(s) pelo núcleo, tem(-ê-) que ver com ele(s); então ambos, núcleo e periferia, **con-cordam** um com o outro.

Em mantendo os termos antes aportados, alheios a mim, pergunto se é aceitável dizer que o núcleo dum sintagma nominal seja subordinante porque a periferia concorda com ele e dizer, também, que o verbo concorde com o sujeito e o subordine, como propõe Tesnière em seu Estruturalismo. Aliás já é um tanto pitoresco algo concordar com seu subordinado. Não concebo um patrão que regularmente concorde com o empregado e se flexione diante dele.

Por que o verbo é central relativamente ao sujeito? Afinal, que é que isso "significa"? Que o verbo seja presença infalível na oração? Ora, o sujeito também é; se não presença física infalível, existência infalível. De fato, a idéia expressa pelo verbo "parte" do(s) elemento(s) representado(s) pelo sujeito; há de ser por isso que o agente da voz passiva, outrora chamado complemento de causa **e**ficiente, é expresso em Latim no caso **ab-lat**ivo, e, quando esse agente é ser animado, ou seja, quando é "demasiado agente", explicita-se com $a(b(s))$ o "ponto de partida". A cada idéia expressa por verbo corresponde um ponto de partida. Então, se há verbo há sujeito, expresso ou não. O verbo sempre se expressa de alguma forma porque a idéia nele contida não pode ser adivinhada.

Em se tratando de alguns verbos, o sujeito pode não estar expresso porque o elemento que seria representado por ele pode ser infalivelmente — aí sim — depreendido: é quando se diz, equivocadissimamente, "oração sem sujeito", como se isso fosse possível, como se fizesse "sentido". Exceto as situações de linguagem figurada, o elemento que seria representado pelo sujeito do verbo *chover* só pode ser a chuva, o que seria representado pelo sujeito do verbo *nevar* só pode ser a neve, o que seria representado pelo sujeito do verbo *ventar* só pode *ser o vento*. Então, os verbos *chover*, *nevar*, *ventar* têm sujeito, ainda que não expresso; não estar expresso não é inexistir. Para cada um desses verbos, o elemento que seria representado é tão infalivelmente depreensível, que o sujeito não precisa ser expresso e, como sempre — ou quase sempre! — ausente dos olhos, é considerado "inexistente": desafortunado, passou de óbvio a nulo. Não é fato gramatical que os verbos que indicam fenômenos da natureza "não tenham sujeito". É fato pragmático que a idéia contida em cada um desses verbos parte sempre do mesmo elemento, porque é fenômeno específico desse elemento. É equivocadamente formalista dizer que existam verbos "impessoais", assim como é exclusivamente formalista — e bastante engraçado — dizer que existem vários tipos de sujeito, um dos quais é o inexistente.

No entanto, considerar que haja hierarquia dentro de sintagma nominal ou de sintagma preposicional parece não ferir essa "leitura semântica" da Sintaxe. O núcleo é núcleo sintático porque, antes, é núcleo semântico; é núcleo semântico porque é substantival, e ser substantival é, sim, comportar substância, é, por assim dizer, significar para si, é ter um tipo de peso semântico que justifica o *status* de centro gravitacional. Isso é semântico e não formal. Trata-se de centro gravitacional de sentido, não de "comandos formais". Insisto: a concordância é recurso físico para veicular idéia, é recurso textual que informa ligações de mundo. Não é a concordância o que faz a tão acreditada hierarquia; são as relações de sentido. Concordância não hierarquiza; ao contrário, dizer que os elementos têm que ver uns com os outros é mais nivelar do que hierarquizar. Tanto assim que, em modalidade lingüística dita inculta, muitas vezes não se realiza concordância alguma, constrói-se um sintagma com marca de plural

restrita ao determinante artigo, e o falante é perfeitamente compreendido: a ausência do recurso físico não esvanece as relações de sentido, não apaga o que se considera hierarquia, porque a presença apenas indica, não constitui, essas relações.

Creio que o problema esteja em a idéia de hierarquia e, por conseguinte, a de subordinação serem aplicadas às relações entre orações. Nessa aplicação o critério é necessariamente formal, porque não se pode hierarquizar semanticamente orações, uma vez que, comumente, uma oração carrega, por assim dizer, complexidade semântica: parece-me inadequado estabelecer hierarquia entre complexidades de sentido, porque isso seria estabelecer hierarquia entre idéias. Não há dúvida em que a oração "principal" de uma "subordinada" substantiva objetiva direta seja "principal" apenas numa classificação formal. Chamo isso "problema" não por confundir aleatoriamente classificação sintática com apreciação semântica, mas por acreditar na beleza e no proveito de uma abordagem sintática que leve em conta que a Sintaxe significa; antes, por acreditar em sua possibilidade.

Um exemplo:

Nada mais formalista do que a classificação e mesmo a segmentação que se têm feito do período composto por "principal" e "subordinada" objetiva direta. Se a "principal" é preposta e há "conjunção integrante", vai-se até esta, pára-se ali excluindo-a, e diz-se que se tem uma "oração principal"; segue-se com o dedo até o fim da outra oração, incluindo a "integrante", e diz-se que se tem uma "subordinada". Isso só é possível porque à forma *que* se atribui o *status* de "forma vazia" e o papel único de conjungir partes, o que até se justifica de um ponto de vista eminentemente sincrônico: "funciona assim"...

Funciona. Mas isso expulsa da Sintaxe o que não é forma, e eu não sei onde há verdade necessária em dizer que os critérios de uma análise devam ser "puros" para que dêem conta da análise inteira. De "inteira" aquela análise não tem nada, porque exclui o que é componente, abole da Sintaxe o sentido sintático. Não proponho mistura ingênua e caótica de critérios formais

com critérios semânticos. Critérios formais devem **conter** critérios semânticos. Língua **é** forma **e** sentido, sentido **e** forma. Um não é sem o outro.

Um olhar que desejasse preencher de sentido sintático a análise descrita acima certamente a modificaria, de maneira a tentar reconhecer, acatar o sentido sintático daquela sintaxe. Assim, em vez de

[*penso*] [*que existo*] ,

a segmentação seria

[*penso que*] [*existo*] .

A subversão sugere o seguinte: *que* não é "forma vazia" e, portanto, não é "conjunção" nada além de "integrante". É o objeto de *penso*, e é por isso que está aí. Isso atribui a *que* um "conteúdo", equivalente ao de um pronome demonstrativo. Se *penso* tem objeto direto, por que é isolado pela segmentação, que sobrecarrega o outro lado com "forma vazia" mais *existo*?

Existo, por sua vez, é aposto, oração apositiva, de *que*; é o que o "preenche", desfaz sua inespecificidade:

Penso que. : Existo.

Algum opositor poderia evocar uma seqüência de orações "subordinadas", coordenadas entre si, com repetição da "conjunção integrante" —

[*pensa*] [*que existe*] , [*que ouve*] , [*que vê*] , [*que sente*]

— . Certamente afirmaria que a repetição do *que* nas "subordinadas" demonstre que ele pertença a elas, estando reiteradamente no "lugar certo". Creio que não. Se fosse tão segura a pertinência do *que* a essas orações, talvez não se sentisse necessidade da repetição, que me parece habitual na fala e na escrita.

Tampouco acredito que essa repetição se deva ao intento, consciente ou não, de marcar o pretenso elo sintático. Pertinência às "subordinadas" e marca de ligação seriam motivações endossadoras de redundância, o que as línguas parecem evitar. É sugestivo que haja motivação de outra ordem, que não a pretendida estrutura. Uma ordem agora *stricto sensu* semanticotextual, vinculada à sintaxe presente: é justamente a pertinência do *que* à oração "principal" que motiva a repetição nas "subordinadas", porque é esse expediente que deixa claro que o conteúdo veiculado nas "subordinadas" não nasce ali mesmo, não provém necessariamente da concepção do emissor, mas está **semanticotextualmente** ligado ao veiculado na "principal", está enraizado aí.

Que existo não é uma oração. Esse segmento não porta aquilo em que insisto porque acredito: o sentido sintático que há sempre, que o tempo desbota mas não destrói.

Não é historicismo. É tentativa de resgate de sentido, sentido sintático. Não é propor como necessário que os manuais ensinem assim. É propor que uma "Sintaxe dos Sentidos", malcomportada, seja possibilidade de leitura.

"Mas o usuário não sente assim!"...

Decerto não sente. Ora, sentido sintático não é sentido de uso. O usuário também não há de sentir válida a canônica segmentação

[*penso no*] [*que existe*]

ou

[*existo, o*] [*que é fato*] ...

E talvez não haja usuário a quem pareça pouco estranho que *penso* seja principal relativamente a *que existo*, *que existo* subordinado a *penso*; *penso no* principal relativamente a *que existe*, *que existe* subordinado a *penso no*; *existo, o* principal relativamente a *que é fato*, *que é fato* subordinado a *existo, o*...

Também à "Sintaxe dos Sentidos" isso é alheio. A dicotomia "Coordenação e Subordinação" — preferencialmente nessa ordem ... — entre orações é prescindível porque de todo desnecessária para as relações de sentido.

É o afastamento dessa dicotomia que proporei aqui, centrando-me no que me parece a inversão do espelho da chamada conjunção integrante: o pronome relativo, já protagonista dos exemplos logo acima.

A "conjunção integrante" reflete o que, em geral, lhe sucede; o pronome relativo reflete o que, em geral, o precede. Uma, em geral, prenuncia; o outro, em geral, retoma. Uma é espelho voltado, em geral, para a direita; o outro é espelho voltado, em geral, para a esquerda.

Nenhum é "forma vazia". O mesmo "conteúdo" que atribuí à dita conjunção integrante atribuo ao pronome relativo. Equivalente à semântica de um pronome demonstrativo, esse "conteúdo" é que apoiou a mudança de segmentação há pouco experimentada. Ao tratar da oração "adjetiva", mantenho a segmentação tradicional, então satisfatória para os "sentidos": é mesmo nessa oração que está o pronome relativo, dela é componente semântico, nela exerce função sintática. Mas, aí, o "conteúdo" proposto para o pronome relativo virá talvez colaborar não apenas para afastar a oposição entre coordenação e subordinação oracionais, mas para desmontar a tradicional certeza de que seja subordinada a oração "adjetiva": tentarei engendrar um de fato malcomportado entendimento dessa oração, que, talvez, possa ser interpretada como nem subordinada nem adjetiva.

Subjaz, contudo, o propósito mencionado, a idéia-mãe, geral, constitutiva de minha maneira de enxergar Sintaxe: a Semântica **da Sintaxe**.

Dedico esta Introdução à memória da Professora Doutora Flávia de Barros Carone, a Flávia, que acreditava em "Subordinação e Coordenação" e ensinava Sintaxe com os olhos.

1
PRONOME RELATIVO SOB SUSPEITA

Ensina a Sintaxe Estrutural de Tesnière que o pronome relativo acumula três funções: morfológica, que é a própria atuação da palavra como pronome; *sintática*, que é aquela assumida na oração; semântica, que é a "significação" adveniente do fenômeno de o vocábulo dito gramatical ser preenchido por um "significado" e, portanto, significar.

Nesse malabarismo gramatical, há um ponto que se quer problematizar aqui. O desempenho sintático de tal pronome não se restringe à função sintática assumida na oração, mas, ainda consoante a Escola Estrutural, inclui o fato de ele, como anafórico, retomar um termo de outra oração do período e, como translativo, estabelecer a subordinação, façanha que realiza como se tivesse o poder de ímã sugerido pelas setas freqüentemente utilizadas em esquemas didáticos de análise sintática; a tudo isso se alia o preenchimento semântico resultante daquela retomada de termo: é bem artificioso que uma única palavra possa exercer funções tantas e tão diferentes como a mecânica de estabelecer a subordinação, "flechando" outro termo, e a dádiva de significar. Pareceria, talvez, menos estranhável a descrição de um "vocábulo gramatical" que não significasse, nem mesmo *in loco*, ou a de uma palavra significativa despojada do atletismo narrado acima.

"Artificioso", porém, todo intuito interpretativo é. "Bem artificioso", expressão que qualifica a leitura questionada apesar de canônica, sugere, pois, outro caminho: a defesa de que o pronome relativo, independentemente de ser "anafórico", possa ser interpretado como não-subordinante, e como parte de uma oração **aposta**, não-subordinada, justamente se for relativa, chamada adjetiva. Diz-se "se for relativa [a oração]" porque, de acordo com o que se tentará demonstrar à frente, não é verdade que a oração em que se encontra o pronome relativo seja sempre relativa, e a oração que não é relativa não tem, em sentido nenhum, o comportamento sintático determinado pelo pronome relativo, o que

exclui esse comportamento desta problematização. Entenda-se, aqui, "oração aposta" como uma oração construída próxima a outra e referente a um elemento dessa, destinada a ele, como se caminhasse em direção a ele, razão da escolha do termo "**ad**-posta". Tome-se *subordinação* do ponto de vista tradicional, segundo, por exemplo, a descrição de Rocha Lima (1972, 232):

> "No período composto por subordinação, há uma oração *principal*, que traz presa a si, como *dependente*, outra ou outras. Dependentes, porque cada uma tem seu papel como um dos termos da oração principal.".

Onde, no parágrafo acima, se diz que o pronome relativo, à parte o fato de ser "anafórico", possa ser interpretado como não-subordinante, e como parte de uma oração não-subordinada, é bem intencional o uso de aspas em "anafórico", porque não é **ana**fórico o pronome relativo que, embora incomumente, prenuncia — em Grego e Latim — aquilo a que diz respeito, precedendo-o na linearidade do enunciado, razão por que, doravante, aqui se omitirá a parte *ana-* da palavra. Daí, rigoroso seria também omitir a parte *re-* da palavra *relativo*, mas isso não será praticado, em virtude da recorrência da palavra neste Texto ante à raridade da objeção.

Naquele parágrafo, também interessadas são as definições *ex opposito*, uma vez que não há intenção de propor aquilo que se considera o contrário da subordinação, ou seja, não se quer propor que o pronome relativo seja coordenante e que, portanto, a oração relativa, dita adjetiva, seja coordenada. Quer-se postular **aposição** da oração, o que, entretanto, não impõe ao pronome a qualificação de "apositor": a interpretação que aqui se começa a esboçar não vê o pronome relativo como operador sintático, que ativamente estabelece alguma caracterização para seu entorno, mas o entende como **evocador de sentido** — isso sim —, pelo simples fato de guardar em si um caráter que aqui se chamará "densamente pronominal" e, portanto, **nominal**, por via de regra **substantival** até — quando não se trata do relativo determinante, de que se falará à frente — ,

independente da especificidade daquele "preenchimento semântico" **eminentemente textual, cuja ocorrência não denota vazio prévio da forma denominada pronome relativo, mas apenas reflete falta de especificidade no conteúdo ali existente**. Esse "conteúdo" é que, no esforço de expressividade aqui realizado, se está traduzindo por "caráter densamente pronominal, nominal, por via de regra substantival": não se trata de um conteúdo objetivamente *referencial*, ligado a uma Semântica *stricto sensu*, do mundo biossocial; trata-se de um "isso", ou "esse", **algo semanticamente genérico, inespecífico em si, mas não vazio**, e "isso" é **substantival**, assim como "esse" é **plenamente nominal**, razão de não ser qualquer classe gramatical, mas de ser **nome substantivo** ou **nome** advérbio ou pro**nome** aquilo a que o pronome relativo diz respeito e que retoma ou prenuncia, isto é, aquilo que o "preenche", e preenche apenas de especificidade. **O preenchimento é, então, a especificação textual da compatibilidade e, mais, da afinidade entre a "nominalidade" do que é evocado e a do pronome relativo.** Bem provavelmente foi a inespecificidade desse pronome o que promoveu a idéia de "forma vazia", puramente "gramatical"; parece que não se considerou a diferença entre inespecificidade e vazio, se é que esse existe.

De fato, o que possibilita a retomada ou o prenúncio e, por conseguinte, o preenchimento é justamente o caráter nominal; aí reside a atuação fórica justificadora do nome ***(re-)lat-iuum***, "que (re)fere", "que traz (de novo)" — é certo que o termo não se atém à situação, rara, em que o pronome prenuncia aquilo a que diz respeito — , atuação que aqui abertamente se chamará, também, **demonstrativa**, equivalente à semântica dos pronomes demonstrativos atuantes como fóricos, segundo bem lembra Câmara Júnior (1992):

> "(...) Há anáfora, em vez de dêixis, no uso dos pronomes, quando, em vez de uma indicação no espaço, há uma referência ao contexto. Assim os demonstrativos, ao lado do seu emprego dêitico, têm outro, anafórico; ex.: '*O sono ou a vigília, que me importa esta ou*

> *aquele?*' (Herculano, Eurico, 48) — '*Estas palavras tais falando orava: Sublime rei...*' (cf. Ali, s. d., 107). (...)" (verbete **anáfora**);

> "DEMONSTRATIVOS — Pronomes que expressam referência a uma posição no espaço, dividido lingüisticamente nos dois campos polares do eixo falante-ouvinte e num terceiro campo à parte desse eixo. Transposta a indicação geral no espaço (dêitica) para a indicação particular no próprio contexto lingüístico (anafórica), tem-se o campo do que vai ser dito no contexto, o do que já foi dito [no contexto], e um terceiro campo abrangendo outros contextos. Há assim em português 3 espécies de demonstrativos: 1) indicação no âmbito do falante (uso dêitico) ou no do que vai ser dito no contexto (uso anafórico) — *este*[1]; 2) indicação no âmbito do ouvinte (uso dêitico) ou no do que já foi dito no contexto (uso anafórico) — *esse*; 3) indicação de um âmbito exterior ao falante e ao ouvinte (uso dêitico) ou exterior ao contexto em que o pronome se acha (uso anafórico) — *aquele*. (...)" (verbete **demonstrativos**).

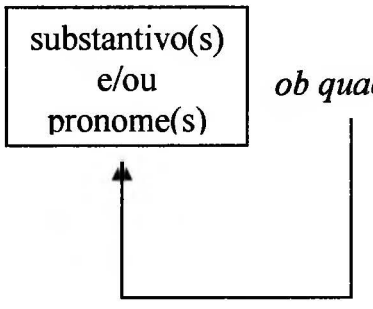
À atuação fórica dos pronomes demonstrativos bem equivale a do pronome relativo; na "foricidade" desse pronome bem pode haver uma "carga semântica" equivalente à daqueles. Aproximar o pronome relativo à semântica dos pronomes demonstrativos é tentar dizer que a atuação dele não é a de um atleta gramatical, musculoso e acéfalo, que pule do enunciado e vá buscar algo perdido na arena: a atuação do pronome relativo é a própria "**significação**", todavia inespecífica, **contida no pronome e evocadora de outro elemento porque consonante com ele**.

Quer-se dizer que o pronome relativo possui, de per si, certa compleição semântica, própria, prévia à atualização textual, e é isso que sustenta, em Latim, seu uso "como demonstrativo" — expressão corrente nas Gramáticas tradicionais

---

[1] O autor inclui o fenômeno da catáfora na expressão "uso anafórico", então denominação geral do processo fórico.

—, exemplificado aqui pela locução *ob quae*, "por isso", sintagma preposicional constituído pela "preposição de acusativo"[2] *ob* mais o neutro plural, no acusativo, do pronome relativo, significando propriamente "por essas coisas". Nesse contexto, *quae* é demonstrativo **não em vez** de ser relativo; justamente **por** ser demonstrativo é relativo, já que, de acordo com o que se propõe aqui, o pronome relativo **é** demonstrativo. Esse *quae* deve mesmo ser chamado "pronome *relativo*", porque é fórico, à medida que (re)toma — um discurso (anterior) —, **porque é demonstrativo**, à medida que "diz" o que (re)toma — "isso" —, porque é, como se anunciou acima, evocador de sentido, e nada disso tem que ver, aqui, com ser subordinante oracional, uma vez que, ao contrário do que se costuma pressupor para o pronome relativo, não há, de forma alguma, aquilo que se considera "subordinação", promovida pelo pronome, a alguma oração do entorno. Não se trata de



ob quae [continuação da oração]

= hipótese de subordinação, *quae* concordando com o(s) substantivo(s) e/ou com o(s) pronome(s);

trata-se de

discurso anterior | pausa forte indicada no estabelecimento do texto + *ob quae* [continuação da oração],

[2] O uso de aspas quer sinalizar, aqui, a negação de concepções de Língua que apenas **descrevem** relações morfossintáticas, como se essas fossem arbitrárias. "Preposição de" parece representar esse modo de conceber, desatento à provável afinidade semântica entre as partes que guardam aquelas relações — como a provável afinidade entre **a semântica da preposição** e **a do caso** "regido", "exigido", na verdade estabelecido em Latim desde antes da disseminação do uso

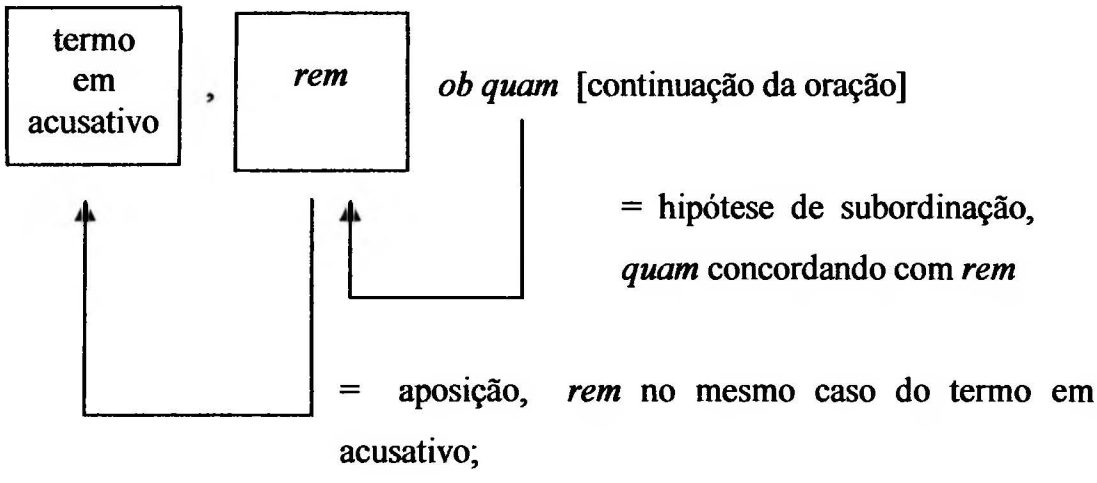
quae estando no neutro plural não por concordância formal, mas por evocar, **demonstrativamente, o conjunto** de um discurso anterior, como se esse conjunto fosse um grande substantivo. Dizendo-se de outra forma, não se trata de "A [= substantivo(s) e/ou pronome(s)] pelo qual B [= continuação da oração]"; trata-se de "A [= discurso anterior] . Por isso B [= continuação da oração]", estando cristalizado o conjunto *ob quae*, seguramente permutável com *ob haec*, *ob ea* e, devido à generalidade desse plural, mesmo com *ob hoc*, *ob id*, locuções dicionarizadas em, por exemplo, Gaffiot (1934), ao lado de *ob quae*.

Parente próximo dessa locução é *quam ob rem*, também "por isso", literalmente "por essa coisa", e também sintagma preposicional, em que se costuma interpor a "preposição de acusativo"[3] *ob* no sintagma nominal *quam rem*, cujo núcleo é o substantivo feminino *rēs*, *rei* no singular, e no acusativo, determinado pelo pronome relativo usado indubitavelmente como adjunto adnominal, razão de concordar em gênero, número **e caso** com o substantivo que acompanha. Mantém a atuação fórica e demonstrativa, uma vez que (re)toma e "diz" o que (re)toma, razão de também aqui dever ser chamado "pronome relativo"; entretanto acompanha o substantivo que determina, sendo, então, **demonstrativo adjunto adnominal**, o que perfeitamente equivale a dizer que não é, de maneira nenhuma, subordinante oracional, pela mesma razão apontada para *quae* em *ob quae*, mas é, exatamente, **subordinado** em sintagma, tão a despeito da descrição geral do pronome relativo. Largamente encontrada em Cícero, fato que a abona como "bom latim" — mais do que "uso normal" — , a locução recorre com o substantivo no acusativo e sem termo próximo expresso nesse caso, o que afasta a possibilidade de interpretar aquele substantivo como aposto de termo em acusativo e, então, como elemento a que o pronome, acompanhado pela preposição, foricamente se referisse, de modo que não constituísse com ele sintagma nominal. Desta vez, não se trata de

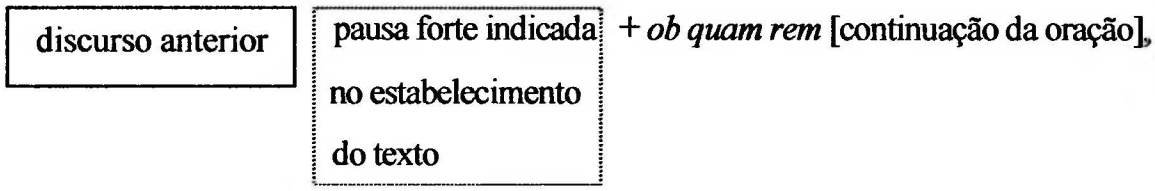
---

da "preposição", palavra que já reflete descritivismo — . É a essa provável afinidade que se pode imputar a escolha feita pela língua.

[3] *Idem.*



trata-se de



quam rem constituindo verdadeiro sintagma. Noutras palavras, não se trata de "A [= termo em acusativo] , fato pelo qual B [= continuação da oração] "; trata-se de "A [= discurso anterior] . Por esse fato, B [= continuação da oração] ", estando o conjunto *quam ob rem* cristalizado e dicionarizado em, por exemplo, Gaffiot (*idem*), ao lado das outras locuções mencionadas.

Do parágrafo 70 ao 71 da edição bilíngüe de *De partitione oratoria*, de Cícero, preparada por Coria (1987), há duas ocorrências da locução:

> "*70.* Ex qua partitione tria genera causarum exstiterunt, unum quod a meliori parte laudationis est appellatum, deliberationis alterum, tertium iudiciorum . **Quam ob rem** [4] de primo primum, si placet, disputemus. (...)" (*idem*, 114),

[4] O negrito e os espaços são meus.

> "*70.* De esta partición han salido tres géneros de causas: uno que ha sido llamado de alabanza por la mejor parte; el segundo, de deliberación; el tercero, de juicios . **Por lo cual,** [5] disputemos primero acerca del primero, si te place. (...)" (*idem*, 115);

> "*71.* Omnia enim sunt profecto laudanda quae coniuncta cum virtute sunt, et quae cum vitiis, vituperanda . **Quam ob rem** [6] finis alterius est honestas, alterius turpitudo. (...)" (*idem*, 114),

> "*71.* En efecto, con seguridad han de alabarse todas las cosas que están enlazadas con la virtud; y vituperarse, las que con los vicios . **Por la qual cosa,** [7] el fin de lo uno [*sic*] es la honestidad; de lo outro [*sic*], la torpeza. (...)" (*idem*, 115).

Observe-se que ambas as ocorrências em Latim são precedidas por ponto — e iniciadas por letra maiúscula — , nenhuma é seguida por vírgula, a uma corresponde a tradução "por lo cual", à outra "por la cual cosa", ambas as traduções são precedidas por ponto — e iniciadas por letra maiúscula — e seguidas por vírgula. O ponto anterior a cada ocorrência em Latim — e a letra maiúscula inicial — é índice razoavelmente seguro de que o estudioso do texto, ao lidar diretamente com ele, enquanto estabelecedor, considerou que ambas as orações em que está a locução independem sintaticamente da oração imediatamente anterior a cada uma delas, assim como a ausência de vírgula talvez evidencie o efeito do ponto, pois reforça a sensação de que lá, no ponto, está a pausa. Ao traduzir o texto — isso já é outro passo, é propor um novo texto que pretenda redizer aquele — , o estudioso escolheu para a mesma locução latina ora uma, ora outra locução castelhana, ambas, porém, com pronome

---

[5] *Idem.*

[6] *Idem.*

[7] *Idem.*

relativo, a rigor uma locução pronominal relativa castelhana usada "como demonstrativo", isto é, o estudioso, mesmo já enquanto tradutor, assumiu, com maior ou menor consciência, que em Latim se trata de pronome relativo em atuação *stricto sensu* demonstrativa, marcando com o ponto anterior a cada locução — e letra maiúscula inicial — a independência sintática das orações em relação à oração imediatamente anterior a cada uma, e assinalando com a vírgula posterior — aí sim — a integridade morfossintática das locuções, nas quais, afinal, o uso "especial" da locução pronominal relativa castelhana pode causar espécie.

Não importa o intangível grau de consciência do estudioso em cada uma dessas escolhas; importam as pistas que elas representam ou podem representar. Se faz espécie o uso da locução castelhana, ou seja, o uso do que seria o pronome relativo castelhano "no lugar normal" dum pronome demonstrativo esperado, e se essa escolha não foi um propósito do tradutor para mimetizar a língua-fonte, se foi uma "falha de tradução" na chegada à língua-meta, isso talvez deixe transparecer que o uso do pronome relativo latino "como demonstrativo" não é algo tão óbvio e hoje tão bem resolvido como o tratamento freqüentemente dispensado a esse uso "particular" sugere. Tampouco desfaria a questão um tratamento ligado a **uso** lingüístico, porque não é questão de uso; é questão de Língua. Por trás disso está um problema menos pontual: a abordagem tradicionalmente dispensada ao pronome relativo como um todo também sugere que se esteja diante de algo óbvio e bem resolvido, quase indigno de lucubrações, por nem comportar dúvidas. Talvez seja o tipo de abordagem ou demasiado funcional ou simplesmente escolar o que gera listas infindáveis de "casos e usos especiais" em Língua.

Ora, o uso do pronome relativo não "como demonstrativo" não abole o **caráter demonstrativo de sua semântica**. O uso "como demonstrativo" não se dá por uma escolha estilística "excepcional" dos autores latinos, sobretudo os clássicos — haja vista a abundância de ocorrências — ; pelo contrário, só é possível porque o pronome relativo **é** demonstrativo, assim como é fórico. A distinção entre *fórico* e *demonstrativo* é que talvez não seja sempre satisfatória:

> "(...) Entre anaphorique et démonstratif la différence est moins de fonction que d'intensité; et, si l'on voit rarement un anaphorique (tel que latin *is, ea, id*) se renforcer pour accéder à la valeur démonstrative, on voit fréquemment un démonstratif, tel que latin *ille, illa,* s'affaiblir et fonctionner dès lors comme anaphorique. C'est pourquoi dès l'indo-européen anaphorique et démonstratif se sont régulièrement constitués sur des thèmes parallèles, la seule différence, formullée par E. Benveniste (*L'anaphorique prussien* DIN et [*sic*] *le système des démonstratifs indo-européens. Studi Baltici* III, p. 124), se ramenant au principe suivant: 'A chaque thème indo-européen de démonstratif, caractérisé par une valeur forte, une forme tonique, la voyelle thématique, la soumission au cas, au genre, et au nombre, peut s'opposer un anaphorique, caractérisé par une valeur faible, la position enclitique, la voyelle *-i,* et une forme fixe indifférente au genre et au nombre.' La forme tonique, et la voyelle thématique individualisante, font ainsi du démonstratif un terme qui engage à part entière dans l'énoncé et actualise pleinement le concept dont il tient lieu, l'anaphorique se bornant à introduire une brève et discrète mention de ce concept. (...)"
> (Monteil: 1970, 225).

Com efeito, não parece que o pronome relativo introduza uma "brève et discrète" menção do conceito que evoca; a menção é plena e clara, e o conceito é **todo** trazido ao discurso. De qualquer maneira, afirmar que "entre anaphorique et démonstratif la différence est moins de fonction que d'intensité" vem ao encontro da argumentação aqui engendrada, porque, embora permaneça na idéia de "pouca intensidade" do fórico, não distancia a função desse da função demonstrativa. O demonstrativo pode ser fórico — se não é dêitico — ; isso indica a intersecção entre "demonstratividade" e "foricidade", ou, melhor, a continência da segunda na primeira. O problemático é negar que o fórico seja

também demonstrativo, insistindo-se na idéia de "forma vazia", que não "diz", não "nomeia" o que (re)toma.

Em geral, não se discute sobre a "significação" dos pronomes demonstrativos. Parece pressuposto que eles nem propriamente signifiquem nem sejam vazios de significação; não chegam a significar, mas **indicam** e indicam claramente — talvez a isso se refira Monteil (*idem, ibidem*) quando diz que o demonstrativo "engage à part entière dans l'énoncé et actualise pleinement le concept dont il tient lieu" — . Quando dêiticos, os demonstrativos indicam e "dizem" o que indicam; quando fóricos, (re)tomam e "dizem" o que (re)tomam: o fato é que sempre "dizem". No entanto, propaga-se que o pronome relativo absolutamente não signifique em si; considera-se que seja fórico, portanto (re)tomador, mas se acredita que não "diga" o que (re)toma, por não significar, por ser vazio: *que* "significa" "*que*", e "*que*" não significa nada. Ora, **o fórico é um demonstrativo não-dêitico**; o pronome relativo é, então, demonstrativo não-dêitico, enfim **demonstrativo**.

A consideração de que o pronome relativo seja demonstrativo, tomada, pois, como aceitável, sustenta a possibilidade de violar a convicção de que seja subordinada a oração relativa, uma vez que ser demonstrativo equivale a conter aquela "compleição semântica", e essa, por sua vez, subtrai ao pronome relativo o vazio semântico que lhe tem sido tão repetidamente atribuído e parece tornar indubitável a função de operador sintático subordinante. A bem da verdade, para a interpretação da oração relativa se tenciona, aqui, propor o afastamento da oposição, ao menos segundo moldes tradicionais, entre subordinação e coordenação de orações, o que, no entanto, gera a expectativa de que se proponha, também, alguma classificação solucionadora: a idéia de aposição, malgrado o risco de parecer imprecisa, bem sugere a constituição de uma oração próxima a outra sem que ambas se equivalham sintaticamente, o que definiria a coordenação, e sem que uma seja parte sintática da outra, o que estabeleceria a subordinação e nem sempre nem com suficiente segurança se verifica no encontro da oração chamada adjetiva com a oração chamada principal — objeção que se tentará demonstrar à frente.

2
APELO À ETIMOLOGIA

Neste ponto, seria desejável uma reflexão sobre a natureza — ou o artifício?! — da subordinação oracional e sobre o processo de gramaticalização. Antes disso, porém, se procederá ao apontamento de traços de formação comuns, em Latim, ao pronome relativo e aos pronomes demonstrativos, no intuito de amparar materialmente o que há pouco se chamou "traço demonstrativo" da "semântica" do pronome relativo. A pretendida afinidade entre o pronome relativo e os pronomes demonstrativos tange, pois, ao conteúdo que se quer propor para o pronome relativo, e esse conteúdo, uma vez aceito, servirá de apoio para construir a interpretação da oração "adjetiva" não subordinada.

Ernout e Thomas (1972, 333), vacilantes porém, admitem:

> "Malgré les progrès de la dépendance grammaticale, la proposition relative jouit d'une **certaine autonomie** [8] .(...)";

ao tomarem o conjunto da oração relativa — ou "adjetiva" —, pode-se dizer que incluem nessa "certaine autonomie" o pronome relativo, que, afinal, costuma ser visto como o "carro-chefe" da oração. Machado (1941, 118), sem contudo explicitar por quê, afirma que

> "o grupo dos pronomes pode dividir-se em três grandes classes: 1.ª — Pronomes demonstrativos e relativo (...)",

classe que, de fato, é tratada pelo autor (*idem*, 121) como una: "(...) o genitivo do ***demonstrativo-relativo***[9] (...)".

---

[8] O negrito é deles.

[9] O itálico é dele. O negrito é meu.

Não se quer, aqui, dizer que traços de formação comuns possam sustentar uma leitura que preconize afinidade entre o pronome relativo e os pronomes demonstrativos, mas quer-se aproveitar esses traços subsidiariamente, como índices da pretendida afinidade.

Honesto, antes de mais nada, é dizer que o pronome relativo latino e os pronomes demonstrativos latinos diferem todos[10] entre si quanto à origem.

É com a origem comum do pronome interrogativo latino *quĭs* (masculino substantivo; "quem", "qual") / *quī* (masculino adjetivo; "que"), *quae* (feminino; "quem", "qual", "que"), *quĭd* (neutro substantivo; "que", "qual") / *quŏd* (neutro adjetivo; "que") e do pronome indefinido enclítico latino *quĭs* (masculino substantivo; "alguém") / *quī* (masculino adjetivo; "algum"), *quă* (feminino, raramente *quae*; "alguém", "alguma"), *quĭd* (neutro substantivo; "algo") / *quŏd* (neutro adjetivo, "algum") que se confunde a origem do pronome relativo latino, *quī*, *quae*, *quŏd*. Esse indefinido e aquele interrogativo assentam sobre os temas $*k^{w}o-$, $*k^{w}a-$ e $*k^{w}i-$, e, consoante Machado (*idem*, 128),

> "(...) tinham primitivamente o mesmo valor e o mesmo sentido, só com esta diferença: quando era [*sic*] acentuado servia de interrogativo; quando era átono, servia de indefinido[11], como no grego, τίς (interrog.), τις (indef.)".

Ainda conforme o autor (*idem*, *ibidem*),

> "com o rolar dos anos e com a evolução lingüística, o tema *qui-* especializou-se para o interrogativo-indefinido, e o tema *quo-*[12], por inovação latina, especializou-se para o relativo (...)".

---

[10] Não se está considerando o pronome demonstrativo *īdem*, *ĕădem*, *ĭdem*, "o mesmo", "a mesma", formado já em Latim, a partir do pronome demonstrativo *ĭs*, *ĕă*, *ĭd*, com acréscimo da partícula pospositiva *-dem*, que se junta a formas de pronomes e advérbios.

[11] Esse pronome indefinido comporta-se como enclítico ainda no período clássico.

[12] Subentende-se a inclusão do tema $*k^{w}a-$ — aqui se prefere grafar assim.

Assim, o masculino e o neutro do pronome relativo latino provêm quase totalmente do tema *$k^w o$-, e o feminino quase totalmente do tema *$k^w a$- . Ao nominativo masculino e ao nominativo feminino se acrescentou a partícula epidíctica *-i*, resultando, respectivamente, *quo-i* > *que-i* > *quī* e *qua-i* > *quae*; ao nominativo neutro singular[13] — e ao acusativo e ao ablativo (arcaico) neutros singulares, ao masculino singular do ablativo (arcaico) e ao feminino singular (arcaico) desse mesmo caso — se acrescentou a desinência *-d*, resultando *quŏ-d* — e, respectivamente, *quŏ-d*, *quo-d* (> *quō*, clássico), *quo-d* (> *quō*, clássico) e *qua-d* (> *quā*, clássico).

Vale notar, porém, que formas do pronome relativo e formas do conjunto daqueles pronomes interrogativo e indefinido influenciaram-se mutuamente, o que explica alguns dados nos paradigmas constituídos: a mesma flexão das formas oblíquas desses pronomes; a forma *quĕm*, acusativo masculino singular do pronome relativo, que, novamente segundo Machado (*idem*, 122),

> "(...) vem do tema *qui-m* do interrogativo (cfr. *auim auem*), e não do tema *quo-m*, o qual daria *quum* com perigo de se confundir com a conjunção *quum* (*cum*)";

a substituição, por analogia[14], da forma *quīs*, que, de acordo com o que se reafirmará à frente, era própria dos três gêneros do ablativo e do dativo plurais do pronome relativo, formada sobre os temas *$k^w o$- e *$k^w a$-, pela forma *quibŭs*, própria dos três gêneros do ablativo e do dativo plurais daqueles pronomes interrogativo e indefinido; a forma *quae*, feminino singular do nominativo daquele pronome interrogativo, raramente daquele indefinido, e a forma *quă*,

---

[13] Aqui se fez por descrever a formação do nominativo singular do pronome relativo latino porque apenas o neutro desse caso será abordado na comparação do pronome relativo com os pronomes demonstrativos. Nessa comparação é que se mencionarão as ocorrências da desinência *-d* convenientemente com o propósito deste Texto.

[14] A noção de *analogia* vem sendo questionada em estudos, relativamente recentes, sobre mudança lingüística. Contudo, aqui se toma como aceitável.

feminino singular do nominativo deste último, que substituíram a forma *quīs* — antigo feminino singular do nominativo desses pronomes — e das quais a primeira, insistentemente segundo Machado (*idem*, 128),

> "(...) por analogia com o relativo, passou a ser *qua-i* > *quae* (...). No indefinido, porém, o nom. feminino,[*sic*] não recebeu a partícula *i*, dado o caráter indefinido do pronome, e ficou só o tema *qua* ";

também por analogia, a substituição da forma *quī*, própria dos três gêneros do ablativo singular dos pronomes interrogativo e indefinido abordados e, no período arcaico, aplicada, também, aos três gêneros do ablativo singular do pronome relativo, pelas formas, ainda arcaicas, *quod* (> *quō*, clássica) e *quad* (> *quā*, clássica), a primeira própria do masculino e do neutro do ablativo singular e a segunda própria do feminino desse mesmo caso do pronome relativo, ambas empregadas, também e na mesma distribuição, no ablativo singular daqueles pronomes interrogativo e indefinido:

qu-ĭ-s / qu-ī, †*qu-ĭ-s*, *qu-a-e*, *qu-ĭ-d / qu-ŏ-d* (pronome interrogativo; nominativo singular);

qu-ĭ-s / qu-ī, †*qu-ĭ-s*, *qu-ă* (raramente *qu-a-e*), *qu-ĭ-d / qu-ŏ-d* (pronome indefinido; nominativo singular);

qu-ī < *qu-e-i* < *qu-o-i*, *qu-a-e* < *qu-a-i*, *qu-ŏ-d* (pronome relativo; nominativo singular);

qu-ī (< *qu-e-i* < *qu-o-i*)[15], *qu-a-e* (< *qu-a-i*), *qu-a-e* (< *qu-a-i*) (pronomes interrogativo e relativo; nominativo plural);

qu-ī, *qu-a-e*, *qu-ă* (pronome indefinido; nominativo plural);

qu-ĕ-m < *qu-i-m*, *qu-ă-m*, *qu-ĭ-d / qu-ŏ-d* (pronomes interrogativo e indefinido; acusativo singular);

qu-ĕ-m, *qu-ă-m*, *qu-ŏ-d* (pronome relativo; acusativo singular);

qu-ō-s (< *qu-o-ns*), *qu-ā-s* (< *qu-a-ns*), *qu-a-e* (< *qu-a-i*) (pronomes

interrogativo e relativo; acusativo plural);

qu-ō-s, qu-ā-s, qu-ă (pronome indefinido; acusativo plural);

†*qu-ī, qu-ō* (< *qu-o-d*), †*qu-ī, qu-ā* (< *qu-a-d*), †*qu-ī, qu-ō* (< *qu-o-d*)

(pronomes interrogativo, indefinido e relativo; ablativo singular);

c-u-i (< *qu-u-i* < *qu-u-ei* < *qu-o-i-ei*)[16] (pronomes interrogativo, indefinido e relativo; dativo singular ; forma única);

(†*qu-īs* < *qu-ŏis/-ăis* < *qu-ōis/-āis*[17]) *qu-i-bŭs* (pronomes interrogativo, *indefinido* e relativo; ablativo e dativo plurais; forma única);

c-ū-i-ŭs (< *qu-u-i-os* < *qu-o-i-os*)[18] (pronomes interrogativo, indefinido e relativo; genitivo singular; forma única);

qu-ō-rŭm, qu-ā-rŭm, qu-ō-rŭm (pronomes interrogativo, indefinido e relativo; genitivo plural).

Por outro lado e conforme já se disse, o pronome relativo latino não possui vínculo de origem com os pronomes demonstrativos latinos, o que, aliás, se pode mesmo intuir pela diversidade das formas.

O pronome latino *hĭc* ou *hīc*, *haec*, *hoc* é chamado demonstrativo de primeira pessoa, porque aponta objeto próximo no espaço e/ou no texto e/ou na concepção do enunciador — nas palavras de Torrinha (1945, verbete *1.* **hic** ou **hīc**), "o objecto mais próximo no contexto ou na mente" —; muitas vezes designa o que vai ser dito e então "significa" *este, esta, isto*, mas também recobre o uso do português *esse, essa, isso* e do português *aquele, aquela, aquilo*, o que evidencia a insuficiência de chamá-lo "de primeira pessoa". É formado pelos elementos demonstrativos *hi-*, de origem obscura e do qual a aspiração ocorre em todas as formas —

---

[15] A rigor, a cadeia aplica-se apenas ao pronome relativo, de temas **k*^{w}*o-* e **k*^{w}*a-* . Observem-se também os outros parênteses.

[16] A aplicação ao feminino do pronome relativo foi analógica.

[17] Conforme a lei de Osthoff, descrita na nota 35.

[18] A aplicação ao feminino do pronome relativo deve ter-se devido a assimilação regressiva: *qu-a-i-os* > *qu-u-i-os* > *cū- i-ŭs* — hipótese minha.

h-ĭc, *h-aec*, *h-ōc* (nominativo singular);
h-ī, *h-ae*, *h-aec* (nominativo plural);
h-unc, *h-anc*, *h-ōc* (acusativo singular);
h-ōs, *h-ās*, *h-aec* (acusativo plural);
h-ōc, *h-āc*, *h-ōc* (ablativo singular);
h-uic (dativo singular, forma única);
h-īs (ablativo e dativo plurais, forma única);
h-ūiŭs (genitivo singular, forma única);
h-ōrŭm, *h-ārŭm*, *h-ōrŭm* (genitivo plural)

— , e *-ce* (> *-c*), partícula que, sincopada, se acrescenta pospositivamente a formas de pronomes e advérbios, e, quanto a este pronome, ocorre nas formas monossilábicas do singular —

hĭ-c (desde o período arcaico) ou *hī-c* (< *hi-c-c*, por analogia com *ho-c-c*), *hae-c* (< *ha-i-c* < *ha-i-ce*), *hō-c* (< *ho-c-c* < *ho-c-ce* < *ho-d-ce*) (nominativo);
hun-c (< *hon-c* < *hon-ce*), *han-c* (< *han-ce*), *hō-c* (< *ho-c-c* < *ho-c-ce* < *ho-d-ce*) (acusativo);
hō-c (< *ho-c-c* < *ho-c-ce* < *ho-d-ce*), *hā-c* (< *ha-c-c* < *ha-c-ce* < *ha-d-ce*), *hō-c* (< *ho-c-c* < *ho-c-ce* < *ho-d-ce*) (ablativo);
hui-c (< *hoi-c* < *hoei-ce*[19]) (dativo, forma única)

— e no nominativo e no acusativo plurais neutros —

hae-c; *hae-c*.

De segunda pessoa é o pronome demonstrativo latino *istĕ*, *istă*, *istŭd*, porque aponta objeto próximo daquele a quem se fala e, outrossim, designa aquilo ou aquele de que já se falou, "significando", então, *esse*, *essa*, *isso*. Em sua formação, é prepositiva e sempre integral a partícula *is-*, existente

[19] A aplicação ao feminino foi analógica.

no ramo itálico, e entra o elemento demonstrativo *-te*, correspondente ao grego τό, τά, ocorrendo a dental em todas as formas —

is-t-ĕ, *is-t-ă*, *is-t-ŭd* (nominativo singular);
is-t-ī, *is-t-ae*, *is-t-ă* (nominativo plural);
is-t-ŭm, *is-t-ăm*, *is-t-ŭd* (acusativo singular);
is-t-ōs, *is-t-ās*, *is-t-ă* (acusativo plural);
is-t-ō, *is-t-ā*, *is-t-ō* (ablativo singular);
is-t-ī (dativo singular, forma única);
is-t-īs (ablativo e dativo plurais, forma única);
is-t-ius (genitivo singular, forma única);
is-t-ōrŭm, *is-t-ārŭm*, *is-t-ōrŭm* (genitivo plural).

Porque aponta objeto próximo àquilo ou àquele de que se fala, o que geralmente equivale a designar o que está distante, é de terceira pessoa o pronome demonstrativo latino *illĕ*, *illă*, *illŭd*, "significando" *aquele*, *aquela*, *aquilo*. É formado pela partícula **il-* ou **ol-* — a forma primitiva é *ol-li* —, identificável com o elemento prepositivo de palavras que indicam afastamento — *ōl-im*, *ul-s* (preposição arcaica; vejam-se *ul-terĭor* < *ul-ter*, *ul-trā* < *ul-tĕrā*, *ul-trō* < *ul-tĕrō*, *ul-tĭmus*), *al-ĭŭs* —, mais o elemento demonstrativo **-l-* ou **-n-* — *il-le* ou *ol-le* ou **il-ne* > *il-le* ou **ol-ne* > *ol-le* —; *il-* e *-l-* ocorrem em todas as formas clássicas —

il-l-ĕ, *il-l-ă*, *il-l-ŭd* (nominativo singular);
il-l-ī, *il-l-ae*, *il-l-ă* (nominativo plural);
il-l-ŭm, *il-l-ăm*, *il-l-ŭd* (acusativo singular);
il-l-ōs, *il-l-ās*, *il-l-ă* (acusativo plural);
il-l-ō, *il-l-ā*, *il-l-ō* (ablativo singular);
il-l-ī (dativo singular, forma única);
il-l-īs (ablativo e dativo plurais, forma única);
il-l-ius (genitivo singular, forma única);
il-l-ōrŭm, *il-l-ārŭm*, *il-l-ōrŭm* (genitivo plural).

Também de terceira pessoa é o pronome latino *ĭs, ĕă, ĭd,* geralmente considerado demonstrativo, originalmente "anafórico"; reforça-se que aqui se prefere dizer "fórico", uma vez que retoma substantivo e também retoma **ou prenuncia** pronome, freqüentemente pronome relativo, do qual é chamado correlativo ou **antecedente** — aliás, como se *antecedente* não fosse *correlativo* — . Provém do radical *ey-*, que ou se manteve —

ĕ[20]*-ă* (nominativo e acusativo plurais neutros) < *ey-a* ;
ēī (dativo singular, forma única) < *ey-i* < *ey-ei* ;
ēi-ŭs (genitivo singular, forma única) < *ey-i-us* < *ey-i-os*

— ou se resolveu em *i-* —

ĭ-s (nominativo singular masculino) < *ey-s* ;
ĭ-d (nominativo e acusativo singulares neutros) < *ey-d* ;
ī ou *ĭ-ī* (ou *ei* [21]) (nominativo plural masculino) < *ei-i* < *ei-ei* < *ey-oi* ;
īs ou *ĭ-īs* (ou *eis* [22]) (ablativo e dativo plurais, formas comuns aos três gêneros) < *ey-is* < *ey-ŏis/-ăis* < *ey-ōis/-āis* [23]

— ou se alargou em *eyo-* para certas formas do masculino e do neutro —

ĕŭ-m (acusativo singular masculino) < *eo-m* < *eyo-m* ;
ĕō-s (acusativo plural masculino) < *eyo-ns* ;
ĕō (ablativo singular do masculino e do neutro) < *eo-d* < *eyo-d* ;
ĕō-rŭm (genitivo plural do masculino e do neutro) < *eyo-rum*

— ou se alargou em *eya-* para certas formas do feminino —

---

[20] Perdeu-se apenas a semivogal ou sua mera grafia.

[21] Machado (*idem*, 127) afirma: "No nominativo do pl. encontra-se também a forma *ei*, e no dat.-abl. a forma *eis*, que foram constituídas por analogia com o genitivo *eorum earum* e com o acus. *eos eas*.".

[22] *Idem.*

[23] Conforme a lei de Osthoff, descrita na nota 35.

ĕă (nominativo singular) < *eya* ;
ĕa-e (nominativo plural) < *ea-i* < *eya-i* ;
ĕă-m (acusativo singular) < *eya-m* ;
ĕā-s (acusativo plural) < *eya-ns* ;
ĕā (ablativo singular) < *ea-d* < *eya-d* ;
ĕā-rŭm (genitivo plural) < *eya-rum* .

Consoante Machado (*idem*, 127),

> "(...) era, portanto, uma palavra de tema em *-i*, que, com o andar dos tempos, recebeu, por intermédio da ampliação *eyo eya*, algumas formas de flexão dos temáticos em *o* e em *a*".

A falta de clareza na classificação deste pronome é um foco de luz no problema da distinção entre *fórico* e *demonstrativo*. Machado (*idem*, 126), ao incluí-lo em item sobre os pronomes latinos relativo e demonstrativos, assim se expressa:

> "O outro pronome [além de *hic*, *iste*, *ille*] que **entrou na categoria dos demonstrativos** [24] é *is ea id*, o qual era primitivamente um correlativo de *qui quae quod:* [*sic*, itálico nos dois-pontos] *is... qui.*".

Ernout (1945, 138-139), apesar de incluí-lo em item sobre os pronomes latinos demonstrativos, diz:

[24] O negrito é meu.

> "*Is, ea, id* 'celui... (qui)' (pron.), 'le, l'... (qui)' (adjectif). Le pronom *is* **n'est pas proprement un démonstratif** [25] . Il sert à annoncer ou à reprendre un pronom relatif; aussi ne comporte-t-il pas de particule démonstrative.
>
> La déclinaison de *is* présente le mélange de deux thèmes[26]: l'un **i*- qui a fourni le nominatif singulier masculin et neutre, et qui a laissé d'autres traces en latin archaïque, l'autre **eyo*-, **eya*- qui à fourni les autres cas. A la différence de *hic, iste, ille* le neutre de *is* appartient à un thème en *-i-, i-d*, non à un thème en *-o-*. *Is, id* correspond pour la forme à *quis, quid*. Ceci montre bien la différence de nature entre *is, id* et les pronoms démonstratifs: *is* est le corrélatif du relatif-indéfini. (...)".

É curioso o fato de essa, por assim dizer, ambigüidade associar-se ao pronome relativo, ou seja, um pronome inseguramente classificado entre "anafórico" e demonstrativo ser correlativo do pronome relativo, classificado como "anafórico" e aqui proposto como fórico e demonstrativo, com base na idéia, aqui também já proposta, de que ser fórico é ser demonstrativo.

O pronome latino *ipsĕ, ipsă, ipsŭm* diz-se demonstrativo intensivo, porque evidencia o que designa, muitas vezes contrapondo-o a outro(s), provável razão pela qual Ernout (*idem*,143) o denomina "pronom adversatif "; significa, assim, "(o) próprio", "(a) própria". É constituído por um pronome *i* e pela partícula reforçativa *-pse*; nas formas arcaicas, *i* flexionava-se, e *-pse* era invariável, mas, segundo Ernout (*idem*,144),

> "(...) de bonne heure, on ne reconnut plus les éléments de formation du pronom, et l'on déclina, soit *ipse, ipsa*, sur le modèle de *iste, ista*, soit *ipsus, ipsa* (...)",

---

[25] *Idem.*

[26] Veja-se a descrição anterior.

declinação que

> "(...) n'a laissé en latin que des traces très rares"
> (Ernout: *idem*,145):

então, nas formas clássicas, *i* não varia, e *-pse* é que se flexiona, "sur le modèle *de iste, ista*", modelo não seguido apenas pela forma neutra singular comum ao nominativo e ao acusativo, *ipsŭm*, que, ainda segundo Ernout (*idem, ibidem*),

> "(...) peut appartenir à la flexion ancienne de *ipsus*, génitif *ipsī* (...)",

e, consoante Machado (*idem, ibidem*),

> "parece mostrar que houve hesitação na formação dêste pronome, como se êle fôsse[27] *ipsos ipsa ipsum*, semelhante a *unus una unum*, *totus tota totum*, que têem igualmente o genitivo *unius totius* e o dativo *uni toti* " —

i-psĕ, i-psă, i-psŭm (nominativo singular);
i-psī, i-psae, i-psă (nominativo plural);
i-psŭm, i-psăm, i-psŭm (acusativo singular);
i-psōs, i-psās, i-psă (acusativo plural);
i-psō, i-psā, i-psō (ablativo singular);
i-psī (dativo singular, forma única);
i-psīs (ablativo e dativo plurais, forma única);
i-psius (genitivo singular, forma única);
i-psōrŭm, i-psārŭm, i-psōrŭm (genitivo plural).

[27] O autor não menciona a historicidade do paradigma de *ipsus*.

A inexistência de cognação entre o pronome relativo latino e os pronomes demonstrativos latinos é, por assim dizer, compensada por um elenco dos já mencionados traços formativos comuns, que agora serão apontados.

De fato, a desinência *-d* presente na forma *quo-d*, neutro singular do nominativo, do acusativo e do ablativo arcaico (*quo-d* > *quō*, ablativo clássico) do pronome relativo latino, é própria do neutro singular do nominativo, do acusativo e do ablativo arcaico dos pronomes demonstrativos latinos *istu-d* (*isto-d* no ablativo arcaico > *istō*, clássico), *illu-d* (*illo-d* no ablativo arcaico > *illō*, clássico), *i-d* (*eyo-d* > *eo-d* no ablativo arcaico > *ĕō*, clássico), do neutro singular do nominativo arcaico, do acusativo arcaico e do ablativo arcaico do pronome demonstrativo latino *ho-d-ce* (> *ho-c-ce* > *ho-c-c* > *hō-c*, clássico, nos três casos) e do neutro singular do ablativo arcaico do pronome demonstrativo latino *ipso-d* (> *ipsō*, clássico). Em identidade formal com o neutro, a desinência ocorre também no masculino singular do ablativo arcaico tanto do pronome relativo, *quo-d* (> *quō*, clássico), como dos pronomes demonstrativos *ho-d-ce* (> *ho-c-ce* > *ho-c-c* > *hō-c*, clássico), *isto-d* (> *istō*, clássico), *illo-d* (> *illōo*, clássico), *eyo-d* > *eo-d* (> *ĕō*, clássico), *ipso-d* (> *ipsō*, clássico). Ocorre ainda no feminino singular do ablativo arcaico do pronome relativo, *qua-d* (> *quā*, clássico), e também dos pronomes demonstrativos *ha-d-ce* (> *ha-c-ce* > *ha-c-c* > *hā-c*, clássico), *ista-d* (> *istā*, clássico), *illa-d* (> *illā*, clássico), *eya-d* > *ea-d* (> *ĕā*, clássico), *ipsa-d* (> *ipsā*, clássico).

O conjunto *-iŭs* [28] da forma *cū-iŭs* (< *quu-i-os* < *quo-i-os* no masculino e no neutro[29]), comum para o masculino, o feminino e o neutro singulares do genitivo do pronome relativo latino, também está nas formas também comuns para o masculino, o feminino e o neutro singulares do genitivo dos pronomes demonstrativos latinos *hū-iŭs* (< *hu-i-os* < *ho-i-os* no masculino e no neutro[30]),

---

[28] Possível "acumulação do genitivo temático do tipo *domin-i* e do genitivo atemático do tipo *-os*, como em (...) *Caesar-os* > *Caesar-us*, a par de *Caesar-is*" (Machado: *idem*, 121).

[29] Quanto ao feminino, veja-se o quadro "Genitivo".

[30] *Idem.*

ist-iŭs (< *ist-i-os*), *ill-iŭs* (< *ill-i-os*), *ē-iŭs* (< *ey-i-us* < *ey-i-os*), *ips-iŭs* (< *ips-i-os*).

A desinência *-ī* dos três gêneros do dativo singular dos substantivos latinos atemáticos como *reg-ī* (<*reg-ei*) passou tanto para os três gêneros do dativo singular do pronome relativo, *cu-i* (< *quu-ī* < *quu-ei* < *quoi-ei* no masculino e no neutro[31]), como para os três gêneros do dativo singular dos pronomes *demo*nstrativos *hu-i-c* (< *ho-i-c* < *ho-ei-ce* no masculino e no neutro[32]), *ist-ī* (< *ist-ei*), *ill-ī* (< *ill-ei*), *ĕ-ī* (< *ey-i* < *ey-ei*), *ips-ī* (< *ips-ei*).

A respeito da relação entre o pronome relativo latino e os pronomes demonstrativos latinos no tocante às formas arcaicas do genitivo e do dativo singulares, assim se posiciona Ernout (*idem*, 149):

> "(...) Ces formes [do relativo] doivent avoir servi de modèle aux démonstratifs; il est vraisemblable en effet qu'elles sont passées du relatif-indéfini d'abord à *is* qui est en corrélation constante avec *quī*; puis de *is* elles se seront étendues à tous les démonstratifs. (...)".

Também a vogal *-ī* é desinência comum ao plural masculino do nominativo do pronome relativo, *qu-ī* (< *qu-ei* < *qu-oi*), e ao plural masculino do nominativo dos pronomes demonstrativos *h-ī* (< *h-ei* < *h-oi*), *ist-ī* (< *ist-ei* < *ist-oi*), *ill-ī* (< *ill-ei* < *ill-oi*), *ĕ-ī* ou *ĭ-ī* ou *ī* (< *ei-ī* < *ei-ei* < *ey-oi*), *ips-ī* (< *ips-ei* < *ips-oi*). [33] Passou para o plural feminino arcaico do nominativo do pronome relativo, *qua-i* (> *qua-e*), assim como para o plural feminino arcaico do nominativo dos pronomes demonstrativos *ha-i* (> *ha-e*), *ista-i* (> *ista-e*),

---

[31] Quanto ao feminino, veja-se o quadro "Dativo".

[32] *Idem.*

[33] Para contentamento ingênuo do autor deste Texto, Machado (*idem*, 122-123) escreve: "O plural dos demonstrativos terminava em *-i*, como se observa ainda em grego: *allo-i*, ἄλλοι. Por isso em Latim, as formas primeiras dos demonstrativos foram ***illo-i isto-i ho-i quo-i***."... [O negrito é meu...]

illa-i (> *illa-e*), *eya-i* > *ea-i* (> *ea-e*), *ipsa-i* (> *ipsa-e*). Segundo Machado (*idem*, 123), influiu no plural do nominativo dos substantivos e então passou a figurar na flexão dos substantivos de tema em *-o*.

A desinência -s (< *-ns*) está no masculino e no feminino plurais do acusativo do pronome relativo, *quō-s* (< *quo-ns*) e *quā-s* (< *qua-ns*), bem como no masculino e no feminino plurais do acusativo dos pronomes demonstrativos *hō-s* (< *ho-ns*), *istō-s* (< *isto-ns*), *illō-s* (< *illo-ns*), *ĕō-s* (< *eyo-ns*), *ipsō-s* (< *ipso-ns*) e *hā-s* (< *ha-ns*), *istā-s* (< *ista-ns*), *illā-s* (< *illa-ns*), *ĕā-s* (< *eya-ns*), *ipsā-s* (< *ipsa-ns*).

Marca do neutro plural do nominativo e do acusativo tanto do pronome relativo como dos pronomes demonstrativos é a desinência *-ă*: *qu-a-e* (< *qu-a-i*) — com semivogal diferencial quanto à forma de pronome indefinido *qu-ă* — ; *h-a-e-c* (< *h-a-i-c* < *h-a-i-ce*) — com partícula epidíctica ou demonstrativa diferencial quanto à forma feminina plural do nominativo *h-a-e* (< *h-a-i*) — , *ist-ă*, *ill-ă*, *ĕ-ă* (< *ey-ă*) , *ips-ă*.

A desinência composta *-rŭm*[34] integrou, primeiramente, o feminino plural do genitivo do pronome relativo e, também, dos pronomes demonstrativos: *quā-rŭm*; *hā-rŭm*, *istā-rŭm*, *illā-rŭm*, *ĕā-rŭm* (< *eya-rŭm*), *ipsā-rŭm*. Depois foi adotada pelo masculino e pelo neutro plurais do genitivo do pronome relativo, *quō-rŭm* (para os dois gêneros), bem como dos pronomes demonstrativos *hō-rŭm*, *istō-rŭm*, *illō-rŭm*, *ĕō-rŭm* (< *eyo-rŭm*), *ipsō-rŭm* (todas as formas para os dois gêneros) — "(...) *Istōrum* est une formation nouvelle d'après *istārum*, cf. skr. *tā́sām*, hom. τάων." (Ernout: *idem*, 132) — . Machado (*idem*, 124) afirma que somente depois foi introduzida na flexão dos substantivos temáticos.

O antigo caso instrumental emprestou sua desinência plural de masculino e de neutro, *-ōis*, e, formada por analogia, sua desinência plural de feminino, *-āis*, para os casos locativo, ablativo e dativo plurais; as vogais abreviaram-se,

---

[34] Os componentes eram *-is-* e *-om*. Perdeu-se o elemento *-i-*; *-s-om*, após sonorização e rotacismo de *-s-* , passou a *-rom*; fechou-se a vogal.

de acordo com a lei de Osthoff [35], e os ditongos, *-ŏis* e *-ăis*, resolveram-se em vogal longa *-ī*, fazendo a desinência *-īs*, única para os três gêneros no plural e — além de para os substantivos e outros pronomes — tanto para a forma arcaica do pronome relativo como para as formas dos pronomes demonstrativos: ***qu-īs*** (< *qu-ŏis/-ăis* < *qu-ōis/-āis*), que, segundo já se disse, deu lugar à forma ***quibŭs*** por analogia com a forma plural trigenérica do locativo, do ablativo e do dativo *do* pronome interrogativo; ***h-īs*** (< *h-ŏis/-ăis* < *h-ōis/-āis*), ***ist-īs*** (< *ist-ŏis/-ăis* < *ist-ōis/-āis*), ***ill-īs*** (< *ill-ŏis/-ăis* < *ill-ōis/-āis*), ***ĕ-īs*** ou ***ĭ-īs*** ou ***īs*** (< *ey-īs* < *ey-ŏis/-ăis* < *ey-ōis/-āis*), ***ips-īs*** (< *ips-ŏis/-ăis* < *ips-ōis/-āis*).

Embora não desenvolvida, é bem de interesse reproduzir aqui a seguinte afirmação de Ernout (*idem*, 149):

> "(...) Le thème **quo-* lui-même est à rapprocher morphologiquement du thème du démonstratif **so-* (...)", "(...) dont quelques formes nous ont été conservées (...)" (Ernout: *idem*, 145).

Observem-se os quadros seguintes, que tentam pôr diante dos olhos uma leitura da construção do paradigma clássico dos pronomes latinos mencionados, com ênfase nas afinidades convenientes a este Texto:

---

[35] Monteil (*idem*, 89) assim interpreta esse fenômeno fônico: "Les voyelles longues placées devant sonante elle-même suivie de consonne se sont abrégées. Ce phénomène, connu sous le nom de 'loi d'Osthoff' (du nom du néo-grammairien allemand qui le mit en évidence), peut s'expliquer ainsi: la séquence voyelle longue (égalant deux brèves) suivie de sonante (valant une brève) constituait devant consonne une diphtongue valant trois brèves. Une inaptitude auditive à percevoir la différence rythmique entre ⏑⏑⏑ et ⏑⏑ a dû entraîner l'impression, puis le fait, que la voyelle longue se réduisait à une brève. Ainsi, une séquence **klāwd-* était perçue, puis réalisée, *klăwd-* (d'où lat. *clăudere*). Une telle réduction s'observe avec quelques variantes dans toutes les langues indo-européennes anciennes.".

NOMINATIVO

	masculino	neutro	feminino
	singular		
pronome interrogativo pronome indefinido pronome relativo	*qu-ĭ-s* (substantivo) e *qu-ĭ* (adjetivo) *qu-o-i* > *qu-e-i* > *qu-ĭ*	*qu-ĭ-d* (substantivo) e *qu-ŏ-d* (adjetivo) *qu-ŏ-d*	†*qu-ĭ-s* *qu-a* e, raro, *qu-a-e* *qu-a-i* > *qu-a-e*
pronomes demonstrativos	*hi-ce* > *hĭ-c* *is-tĕ* *ol-|il -l-|-n-* > *ol-li* > *ol-lĕ* | *il-lĕ* *ey-s* > *ĭ-s* *i-psĕ*	*h-o-d-ce* > *h-o-c-ce* > *h-o-c-c* > *h-ō-c* *is-t-o-d* > *is-t-ŭ-d* *il-l-o-d* > *il-l-ŭ-d* *ey-d* > *ĭ-d* *i-ps-o-m* > *i-ps-ŭ-m*	*h-a-i-ce* > *h-a-i-c* > *h-a-e-c* *is-t-ă* *il-l-ă* *ey-a* > *ĕ-ă* *i-ps-ă*
	plural		
pronome interrogativo pronome indefinido pronome relativo	*qu-ĭ* *qu-o-i* > *qu-e-i* > *qu-ĭ*	*qu-a-e* *qu-ă* *qu-a-i* > *qu-a-e*	*qu-a-e* *qu-a-i* > *qu-a-e*
pronomes demonstrativos	*h-o-i* > *h-e-i* > *h-ĭ* *is-t-o-i* > *is-t-e-i* > *is-t-ĭ* *il-l-o-i* > *il-l-e-i* > *il-l-ĭ* *ey-o-i* > *ei-e-i* > *ei-i* > *ĭ-ĭ* ou *ĭ* ou *ĕĭ* *i-ps-o-i* > *i-ps-e-i* > *i-ps-i*	*h-ă-ĭ-ce* > *h-a-i-c* > *h-a-e-c* *is-t-ă* *il-l-ă* *ey-a* > *ĕ-ă* *i-ps-ă*	*h-ă-ĭ* > *h-a-e* *is-t-a-i* > *is-t-a-e* *il-l-a-i* > *il-l-a-e* *ey-a-i* > *e-a-i* > *ĕ-a-e* *i-ps-a-i* > *i-ps-a-e*

ACUSATIVO

	masculino	neutro	feminino
	singular		
pronome interrogativo pronome indefinido pronome relativo	*qu-**ĭ**-m* > *qu-**ĕ**-m* *qu-**ĕ**-m*	*qu-**ĭ**-**d*** (substantivo) e *qu-**ŏ**-**d*** (adjetivo) *qu-**ŏ**-**d***	*qu-**ă**-m* *qu-**ă**-m*
pronomes demonstrativos	*h-o-n-ce* > *h-o-n-c* > *h-u-n-c* *is-t-o-m* > *is-t-**ŭ**-m* *il-l-o-m* > *il-l-**ŭ**-m* *ey-o-m* > *e-o-m* > *ĕ-**ŭ**-m* *i-ps-o-m* > *i-ps-**ŭ**-m*	*h-**o**-**d**-ce* > *h-o-c-ce* > *h-o-c-c* > *h-**ō**-c* *is-t-**o**-**d*** > *is-t-**ŭ**-d* *il-l-**o**-**d*** > *il-l-**ŭ**-d* *ey-**d*** > *ĭ-d* *i-ps-**o**-m* > *i-ps-**ŭ**-m*	*h-**a**-n-ce* > *h-**a**-n-c* *is-t-**ă**-m* *il-l-**ă**-m* *ey-**a**-m* > *ĕ-**ă**-m* *i-ps-**ă**-m*
	plural		
pronome interrogativo pronome indefinido pronome relativo	*qu-**ō**-**s*** *qu-**o**-**ns*** > *qu-**ō**-**s***	*qu-**a**-e* *qu-**ă*** *qu-**a**-i* > *qu-**a**-e*	*qu-**ā**-**s*** *qu-**a**-**ns*** > *qu-**ā**-**s***
pronomes demonstrativos	*h-**o**-**ns*** > *h-**ō**-**s*** *is-t-**o**-**ns*** > *is-t-**ō**-**s*** *il-l-**o**-**ns*** > *il-l-**ō**-**s*** *ey-**o**-**ns*** > *ĕ-**ō**-**s*** *i-ps-**o**-**ns*** > *i-ps-**ō**-**s***	*h-**a**-i-ce* > *h-**a**-i-c* > *h-**a**-e-c* *is-t-**ă*** *il-l-**ă*** *ey-**a*** > *ĕ-**ă*** *i-ps-**ă***	*h-**a**-**ns*** > *h-**ā**-**s*** *is-t-**a**-**ns*** > *is-t-**ā**-**s*** *il-l-**a**-**ns*** > *il-l-**ā**-**s*** *ey-**a**-**ns*** > *ĕ-**ā**-**s*** *i-ps-**a**-**ns*** > *i-ps-**ā**-**s***

ABLATIVO

	singular		
	masculino	neutro	feminino
pronome interrogativo pronome indefinido pronome relativo	†*qu-ī* ; *qu-ō* ↓ ↑ †*qu-ī* ; *qu-***o-d** > *qu-ō*	†*qu-ī* ; *qu-ō* ↓ ↑ †*qu-ī* ; *qu-***o-d** > *qu-ō*	†*qu-ī* ; *qu-ā* ↓ ↑ †*qu-ī* ; *qu-***a-d** > *qu-ā*
pronomes demonstrativos	*h-***ō-d**-ce > *h-***ō**-c-ce > *h-***ō**-c-c > *h-***ō**-c *is-t-***o-d** > *is-t-***ō** *il-l-***o-d** > *il-l-***ō** *ey-***o-d** > *e-***o-d** > *ĕ-***ō** *i-ps-***o-d** > *i-ps-***ō**	*h-***ō-d**-ce > *h-***ō**-c-ce > *h-***ō**-c-c > *h-***ō**-c *is-t-***o-d** > *is-t-***ō** *il-l-***o-d** > *il-l-***ō** *ey-***o-d** > *e-***o-d** > *ĕ-***ō** *i-ps-***o-d** > *i-ps-***ō**	*h-***ā-d**-ce > *h-***ā**-c-ce > *h-***ā**-c-c > *h-***ā**-c *is-t-***a-d** > *is-t-***ā** *il-l-***a-d** > *il-l-***ā** *ey-***a-d** > *e-***a-d** > *ĕ-***ā** *i-ps-***a-d** > *i-ps-***ā**
	plural		
pronome interrogativo pronome indefinido pronome relativo	*qu-i-bŭs* ↓ *qu-i-bŭs* *qu-***ōis** > *qu-***ŏis** > †*qu-***īs**	*qu-i-bŭs* ↓ *qu-i-bŭs* *qu-***ōis** > *qu-***ŏis** > †*qu-***īs**	*qu-i-bŭs* ↓ *qu-i-bŭs* *qu-***āis** > *qu-***ăis** > †*qu-***īs**
pronomes demonstrativos	*h-***ōis** > *h-***ŏis** > *h-***īs** *is-t-***ōis** > *is-t-***ŏis** > *is-t-***īs** *il-l-***ōis** > *il-l-***ŏis** > *il-l-***īs** *ey-***ōis** > *ey-***ŏis** > *ey-***īs** > *ĭ-***īs** e *ĭs* e *ĕ-ĭs* *i-ps-***ōis** > *i-ps-***ŏis** > *i-ps-***īs**	*h-***ōis** > *h-***ŏis** > *h-***īs** *is-t-***ōis** > *is-t-***ŏis** > *is-t-***īs** *il-l-***ōis** > *il-l-***ŏis** > *il-l-***īs** *ey-***ōis** > *ey-***ŏis** > *ey-***īs** > *ĭ-***īs** e *ĭs* e *ĕ-ĭs* *i-ps-***ōis** > *i-ps-***ŏis** > *i-ps-***īs**	*h-***āis** > *h-***ăis** > *h-***īs** *is-t-***āis** > *is-t-***ăis** > *is-t-***īs** *il-l-***āis** > *il-l-***ăis** > *il-l-***īs** *ey-***āis** > *ey-***ăis** > *ey-***īs** > *ĭ-***īs** e *ĭs* e *ĕ-ĭs* *i-ps-***āis** > *i-ps-***ăis** > *i-ps-***īs**

DATIVO

	singular		
	masculino	neutro	feminino
pronome interrogativo pronome indefinido pronome relativo	*cu-ī* *qu-o-ī-**ei** > qu-u-**ei** > qu-u-ī > cu-ī*	*cu-ī* *qu-o-ī-**ei** > qu-u-**ei** > qu-u-ī > cu-ī*	*cu-ī* *cu-ī* [1]
pronomes demonstrativos	*h-o-**ei**-ce > h-o-ī-c > h-u-ī-c* *is-t-**ei** > is-t-**ī*** *il-ī-**ei** > il-ī-**ī*** *ey-**ei** > ey-ī > ĕ-**ī*** *ī-ps-**ei** > ī-ps-**ī***	*h-o-**ei**-ce > h-o-ī-c > h-u-ī-c* *is-t-**ei** > is-t-**ī*** *il-ī-**ei** > il-ī-**ī*** *ey-**ei** > ey-ī > ĕ-**ī*** *ī-ps-**ei** > ī-ps-**ī***	*h-u-ī-c* [2] *is-t-**ei** > is-t-**ī*** *il-ī-**ei** > il-ī-**ī*** *ey-**ei** > ey-ī > ĕ-**ī*** *ī-ps-**ei** > ī-ps-**ī***
	plural		
pronome interrogativo pronome indefinido pronome relativo	*qu-ī-bŭs* *qu-ī-bŭs* *qu-**ōis** > qu-**ŏis** > †qu-**īs***	*qu-ī-bŭs* *qu-ī-bŭs* *qu-**ōis** > qu-**ŏis** > †qu-**īs***	*qu-ī-bŭs* *qu-ī-bŭs* *qu-**āis** > qu-**ăis** > †qu-**īs***
pronomes demonstrativos	*h-**ōis** > h-**ŏis** > h-**īs*** *is-t-**ōis** > is-t-**ŏis** > is-t-**īs*** *il-ī-**ōis** > il-ī-**ŏis** > il-ī-**īs*** *ey-**ōis** > ey-**ŏis** > ey-**īs** > ī-**īs** e īs e ĕ-īs* *ī-ps-**ōis** > ī-ps-**ŏis** > ī-ps-**īs***	*h-**ōis** > h-**ŏis** > h-**īs*** *is-t-**ōis** > is-t-**ŏis** > is-t-**īs*** *il-ī-**ōis** > il-ī-**ŏis** > il-ī-**īs*** *ey-**ōis** > ey-**ŏis** > ey-**īs** > ī-**īs** e īs e ĕ-īs* *ī-ps-**ōis** > ī-ps-**ŏis** > ī-ps-**īs***	*h-**āis** > h-**ăis** > h-**īs*** *is-t-**āis** > is-t-**ăis** > is-t-**īs*** *il-ī-**āis** > il-ī-**ăis** > il-ī-**īs*** *ey-**āis** > ey-**ăis** > ey-**īs** > ī-**īs** e īs e ĕ-īs* *ī-ps-**āis** > ī-ps-**ăis** > ī-ps-**īs***

[1] Os três gêneros formaram-se, como o genitivo singular, por analogia com os substantivos atemáticos, que têm a mesma desinência para os três gêneros no dativo e a mesma para os três gêneros no genitivo.

[2] *Idem*.

GENITIVO

	singular		
	masculino	neutro	feminino
pronome interrogativo pronome indefinido pronome relativo	*cō-ī-ŭs* ↑ *qu-o-ī-os > qu-u-ī-os > cō-ī-ŭs*	*cō-ī-ŭs* ↑ *qu-o-ī-os > qu-u-ī-os > cō-ī-ŭs*	*cō-ī-ŭs* ↑ *qu-a-ī-os > qu-u-ī-os* [1] *> cō-ī-ŭs*
pronomes demonstrativos	*h-o-ī-os > h-u-ī-os > h-ō-ī-ŭs* *is-t-ī-os > is-t-ī-ŭs* *il-ī-ī-os > il-ī-ī-ŭs* *ey-ī-os > ey-ī-us > ē-ī-ŭs* *ī-ps-ī-os > ī-ps-ī-ŭs*	*h-o-ī-os > h-u-ī-os > h-ō-ī-ŭs* *is-t-ī-os > is-t-ī-ŭs* *il-ī-ī-os > il-ī-ī-ŭs* *ey-ī-os > ey-ī-us > ē-ī-ŭs* *ī-ps-ī-os > ī-ps-ī-ŭs*	*h-a-ī-os > h-u-ī-os* [2] *> h-ō-ī-ŭs* *is-t-ī-os > is-t-ī-ŭs* *il-ī-ī-os > il-ī-ī-ŭs* *ey-ī-os > ey-ī-us > ē-ī-ŭs* *ī-ps-ī-os > ī-ps-ī-ŭs*
	plural		
pronome interrogativo pronome indefinido pronome relativo	*qu-ō-rŭm* ↑ *qu-ō-rŭm*	*qu-ō-rŭm* ↑ *qu-ō-rŭm*	*qu-ā-rŭm* ↑ *qu-ā-rŭm*
pronomes demonstrativos	*h-ō-rŭm* *is-t-ō-rŭm* *il-ī-ō-rŭm* *ey-o-rum > ĕ-ō-rŭm* *ī-ps-ō-rŭm*	*h-ō-rŭm* *is-t-ō-rŭm* *il-ī-ō-rŭm* *ey-o-rum > ĕ-ō-rŭm* *ī-ps-ō-rŭm*	*h-ā-rŭm* *is-t-ā-rŭm* *il-ī-ā-rŭm* *ey-a-rum > ĕ-ā-rŭm* *ī-ps-ā-rŭm*

[1] Assimilação regressiva. A hipótese é minha, em tentativa de explicar a passagem de *-a-* (*qu-a-ī-os*) para *-u-* (*qu-u-ī-os*). De qualquer maneira, os três gêneros formaram-se, como o dativo singular, por analogia com os substantivos atemáticos, que têm a mesma desinência para os três gêneros no genitivo e a mesma para os três gêneros no dativo.

[2] Assimilação regressiva. A hipótese é minha, em tentativa de explicar a passagem de *-a-* (*h-a-ī-os*) para *-u-* (*h-u-ī-os*). Veja-se a continuação da nota anterior.

Contudo, reitera-se que aqueles traços de formação comuns são apenas índices, mais ou menos aproveitáveis, de "afinidade semântica", aliás — já se viu acima — nem sempre comuns apenas ao pronome relativo e aos pronomes demonstrativos, ponderação a respeito da qual assim se manifesta Ernout (*idem*, 127-128):

> "D'une manière générale, les pronoms du premier groupe [relativo, demonstrativos, interrogativos e indefinidos] présentent dans leur déclinaison des thèmes en *-o/e-* pour le masculin, des thèmes en *-a-* pour le féminin. Par là ils se rapprochent de la déclinaison des substantifs, et c'est ce qui explique que les deux déclinaisons, nominale et pronominale, aient subi des influences analogiques réciproques. (...)";

e depois expõe um tipo de contrapartida, que menciona alguns traços aqui descritos, decerto os mais aproveitáveis, porque mais específicos:

> "(...) Mais en outre, ils ont des caractéristiques essentielles qui assurent à leur déclinaison son originalité propre. Ce sont: 1° généralement un nominatif singulier en *-e-* au masculin, en *-od*, *-ud* au neutre, ce dernier comparable au neutre grec τό de *τοδ, ποδ- dans ποδ-απός, ἀλλοδ-, dans ἀλλοδαπός, lat. *quod*, *aliud*; 2° certaines formes communes pour le masculin-neutre, et le féminin: un génitif singulier en *-ius*, un datif singulier en *-ī*, alors que tous les autres cas ont des formes distinctes pour les deux genres [no singular]. En outre ils peuvent être accompagnés de particules postposées. (...)" (*idem*, 128).

Como pertence ao interesse deste Texto explicitar ou estabelecer relações entre o pronome relativo e pronomes reconhecidamente dotados de algum conteúdo semântico, devendo isso funcionar como subsídio para a idéia

de que o próprio relativo contenha, de alguma sorte, "conteúdo", talvez até mais produtivo para esse interesse fosse recorrer ao parentesco e à quase total identidade entre as formas latinas do pronome relativo e as do pronome indefinido ou mesmo as do pronome interrogativo supracitados. A expressão "ou mesmo", ora utilizada, mostra que se prefere aqui recorrer ao parentesco e à identidade com aquelas formas de pronome indefinido a recorrer ao parentesco e à identidade com as formas de pronome interrogativo atrás mencionadas, e isso se deve à consideração de que entre a semântica do pronome relativo e a dos pronomes indefinidos haja uma distância menor do que entre a semântica daquele e a "semântica textual" dos pronomes interrogativos, pelo menos no sentido de que, embora na atuação do pronome relativo nada haja de "indefinido", a inespecificidade semântica desse pronome aproxima-o, por assim dizer, dos pronomes indefinidos, ao passo que a atuação interrogativa dos pronomes interrogativos imprime à frase cor muito própria, que ultrapassa o enunciado e atinge diretamente a enunciação, produzindo um tipo de alargamento do texto, de explicitação dum plano diferenciado. Precioso em qualquer direção é este asserto de Monteil (*idem*, 226):

> "(...) une (...) innovation [do Latim], commune avec les autres langues italiques, consiste en l'**emploi en fonction relative de l'interrogatif-indéfini**[36]. L'indo-européen ne paraît pas avoir possédé un pronom strictement affecté à la fonction relative, et **les langues historiques se sont procuré cet outil syntaxique en affectant à la fonction relative des pronoms le plus souvent anaphoriques (gr. ὅς, ἥ [*sic*] , ὅ, skr. *yáh, yá, yád*) ; parfois interrogatifs-indéfinis (hittite, italique)** [37] (...)".

---

[36] O negrito é meu. Em trecho citado aqui à página 23, Machado (*idem*, 128) também fala de "inovação", mas construída sobre "o **tema** *quo-*". [O negrito é meu.]

[37] O negrito é meu.

Dizer "l'emploi en fonction relative de l'interrogatif-indéfini [latino]" é dizer que, em Latim e, historicamente, em Português, o pronome relativo **é** o pronome "interrogativo-indefinido" gramaticalizado, em que pese, aí, pressupor a gramaticalização como óbvia e geral, assim como óbvia a possibilidade de existir "un pronom strictement affecté à la fonction relative".

De todo modo, em Latim, a teia de relações entre pronome relativo[38], pronome indefinido, pronome interrogativo e pronome demonstrativo bem pode ser ilustrada pela existência de alguns pronomes multifuncionais, dado tradicionalmente reconhecido, embora às vezes mal sistematizado. Atente-se, por exemplo, a alguns verbetes de Torrinha (*idem*):

> "**quis-que,** quaeque, quodque *e* quidque *ou* quicque, *pron. indef.* **1.** Cada um; cada. **2.** Cada um de dois; ambos. **3. = quicumque**[39]. (...)";
>
> "**quīcumque** ou **quīcunque,** quaecumque, quodcumque [qui + *-quom-que, *partícula de generalização*], *pron.* ***relat.***[40] *indef.* Todo aquêle **que**[41]; qualquer **que**[42]; qualquer coisa **que**[43]; **quemquer que**[44]; seja quem fôr. (...)";
>
> "**quot,** indecl., *pron. indef.* **1.** Quantos. **2. = quotquot**[45]. (...)";
>
> "**quot-quot,** indecl., *pron. indef.* Quantos; quaisquer **que**[46]; todos quantos; todos aquêles **que**[47]; todos. (...)";

---

[38] Até aqui se disse "o pronome relativo" e "o pronome relativo latino", sempre com artigo, considerando-se *quī, quae, quŏd* **o** pronome relativo latino *stricto sensu*. Alarga-se a expressão, omitindo-se o artigo, no momento em que se consideram outros pronomes.

[39] O negrito é meu.

[40] *Idem.*

[41] *Idem.*

[42] *Idem.*

[43] *Idem.*

[44] *Idem.*

[45] *Idem.*

[46] *Idem.*

"**quīvīscumque,** quaevīscumque, quodvīscumque *ou* quidvīscumque [quivis + *-quom-que, *partíc. de generalização*], *pron. indef.* = **quīvīs**[48] ";

"**quīvīs,** quaevīs, quodvīs *e* quidvīs [qui + vīs, *de* volo], *pron. indef.* Qualquer ; qualquer **que**[49]; qualquer coisa. (...)";

"**uter,** tra, trum [*do tema de* quis, *por infl. analógica de* ubi, *sendo* -ter *um suf. comparativo*: cf. *ubi* e *alter*], *pron. inter. indef.* **1.** Qual dos dois. **2. Aquêle** dos dois **que**[50] . (...)".

Ao lado de passos que mencionam "le relatif de sens indéfini" (Cart *et alii*: 1955, 39) e "certains adjectifs interrogatifs" que "sont en même temps des relatifs d'un type particulier" (Cart *et alii*: *idem*, 41), note-se também o seguinte trecho de Cart *et alii* (*idem*, 45):

"**Mots à plusieurs emplois.** *Outre le fait qu'ils peuvent être pronoms ou adjectifs, un certain nombre de mots peuvent jouer le rôle tantôt d'*indéfinis, *tantôt de* relatifs (mots subordonnants), *tantôt d'*interrogatifs, *d'où la nécessité d'une analyse stricte de la phrase latine. Citons:*

1° **uter**	interrogatif:	*lequel des deux?*
	relatif:	*celui des deux qui*
	indéfini:	*n'importe lequel des deux*
2° **quicumque**	relatif:	*tout (homme) qui...*
	adj. indéfini:	*n'importe quel*

[47] *Idem.*

[48] *Idem.*

[49] *Idem.*

[50] Os negritos são meus.

3° autres composés de la particule **-cumque:** [*sic*, negrito nos dois-pontos]

qualiscumque (adj. relatif: *de quelque nature que*; adj. indéfini: *n'importe quel*) — **quantuscumque** (adj. relatif: *si grand que*; indéfini: *de n'importe quelle grandeur*) — **utercumque** (pr. relatif: *celui des deux, quel qu'il soit, qui*; adj. indéfini: *l'un ou l'autre (des deux)*)

4° **quisquis,** relatif: *qui que ce soit qui*
indéfini: *n'importe quel, quelconque*

5° **quisque,** indéfini: *chacun, chaque*
(très rarement) relatif *(= quicumque, quisquis)*".

Embora classifique *quisque* (masculino), *quaeque* (feminino), *quidque* ou *quicque* (neutro substantivo) / *quodque* (neutro adjetivo) somente como pronome indefinido, Torrinha (*idem*) inclui no verbete " = quicumque ", e *quīcumque* ou *quīcunque*, *quaecumque* ou *quaecunque*, *quodcumque* ou *quodcunque* é classificado como pronome **relativo** indefinido; igualmente, classifica *quot* e também *quotquot* apenas como pronomes indefinidos, mas incorpora no verbete *quot* " = quotquot " e no verbete *quotquot* "quaisquer **que**[51] " e "todos aquêles **que**[52] "; semelhantemente, *quīuīscumque*[53] ou *quīuīscunque* (masculino), *quaeuīscumque* ou *quaeuīscunque* (feminino), *quiduīscumque* ou *quiduīscunque* (neutro substantivo) / *quoduīscumque* ou *quoduīscunque* (neutro adjetivo) e *quīuīs*[54] (masculino), *quaeuīs* (feminino), *quiduīs* (neutro substantivo) / *quoduīs* (neutro adjetivo) são classificados como pronomes indefinidos, identificando-se, porém, o primeiro ao segundo, e incluindo-se

---

[51] O negrito é meu.

[52] *Idem.*

[53] Aqui se prefere grafar *-u-* , semivocálico, em detrimento de *-v-* .

[54] *Idem.*

no verbete do segundo "qualquer **que**[55] " ; *uter*, *utra*, *utrum* é classificado pronome interrogativo indefinido, e "qual dos dois" deve recobrir a classificação "interrogativo", mas a "**aquêle** dos dois **que** [56] " não corresponde bem a idéia de "indefinido". Ora, o autor deveria classificar cada um desses pronomes, exceto o último, como pronome indefinido **e relativo indefinido** — embora Cart *et alii* (*idem*, *ibidem*) observem: "**quisque,** indéfini: *chacun*, *chaque (très rarement)* relatif *(= quicumque*, *quisquis)*" — e o último como pronome interrogativo, indefinido — Cart *et alii* (*idem*, *ibidem*) acrescentam: "[uter] indéfini: *n'importe lequel des deux*" — **e**, precisamente, **relativo demonstrativo** : " **aquêle** dos dois **que** [57] ", "**celui** des deux **qui** [58] " para Cart *et alii* (*idem*, *ibidem*), que apõem essa tradução à mera classificação "relatif", assim como não assumem a semântica envolvida na tradução aposta à classificação "relatif" de cada pronome arrolado.

Valioso para o interesse deste Texto é observar que as **traduções** propostas para esses pronomes relativos e as expressões "pronome relativo indefinido", "relatif de sens indéfini", "certains adjectifs interrogatifs" que "sont en même temps des relatifs d'un type particulier" apresentam a consideração de um pronome relativo portador de sentido, possuidor do conteúdo aqui pretendido.

Enfim, qualquer das três aproximações do pronome relativo — com pronome demonstrativo, com pronome indefinido, com pronome interrogativo — é, aqui, esteio para dizer que o pronome relativo pode ser interpretado como uma entidade substanciosa, de alguma independência — "certaine autonomie"... (Ernout; Thomas: *idem*, *ibidem*) — detectável e suficiente para desenvolver uma leitura que tenciona prescindir da consagrada idéia de subordinação.

---

[55] O negrito é meu.

[56] Os negritos são meus.

[57] *Idem.*

[58] *Idem.*

3
ALMA GÉMEA GENTIL?

Alheia ao pensamento de gramáticos latinos, a noção de subordinação oracional que se tem hoje parece inquestionada e talvez inquestionável entre os muitos gramáticos do Português, apesar de teorizações como a de Carone (1991), que, para o vernáculo, aborda subordinação ou dependência apontando a articulação binária dos functivos, que se tornam nova unidade justamente pela função.

Presente a noção, todavia o conceito de subordinação oracional falta à Syntaxe Historica de Silva Dias (1918), assim como não se registra o termo nem na Grammatica Philosophica de Soares Barboza (1866) nem no Curso Elementar de Costa Soares (1868) nem na Gramática Secundária de Ali (1964).

A Gramática Portugueza de J. Ribeiro (1913) define subordinação como dependência. Rocha Lima (*idem*), conforme citação à página 12 deste Texto, afirma que a oração subordinada é dependente da principal porque dela é termo sintático, argumento acatado por Bechara (1994) e também por Cunha e Cintra (1985), que ressaltam a ausência de autonomia.

A Nomenclatura Gramatical Brasileira distingue subordinação de coordenação apoiando-se na classificação, formal, da conjunção, embora Carneiro Ribeiro (1957) tenha considerado que a oração subordinada ou dependente seja encadeada por meio de uma conjunção subordinante que pode não estar expressa.

Das duas últimas posturas, ambas parecem problemáticas: uma visivelmente cultua a forma; a outra parece pressupor sentido, como faz Othon Garcia em sua tão festejada *Comunicação em prosa moderna* (1997, **2ª re**impressão da 17ª edição!, 26):

> "Muitas vezes, uma oração adjetiva aparece camuflada sob a forma de coordenada. Confrontem-se:

Coordenação	Subordinação
O São Francisco é o rio da unidade nacional; ele banha vários Estados do Brasil e depois deságua no Atlântico.	O São Francisco, que é o rio da unidade nacional, banha vários Estados do Brasil e depois deságua no Atlântico.

Na subordinação há possibilidade de mais duas ou três versões, assumindo forma de oração principal o enunciado digno de maior realce:

a) ênfase em 'rio da unidade nacional':

> O São Francisco, *que banha vários Estados e deságua no Atlântico,* é o rio da unidade nacional.

b) ênfase em 'deságua no Atlântico':

> O São Francisco, *que banha vários Estados e é o rio da unidade nacional,* deságua no Atlântico.

c) ênfase em 'banha vários Estados':

> O São Francisco, *que é o rio da unidade nacional e deságua no Atlântico,* banha vários Estados.

A simples coordenação nem sempre permite essa gradação no realce das idéias: em qualquer das três versões se sente, nitidamente, que o pensamento contido nas orações adjetivas não merecia o mesmo relevo do da principal. (...)".

Ora, as "mais duas ou três versões" são mais dois ou três enunciados diversos e podem ter, pois, realces diversos, mas isso não quer dizer que se possa adivinhar

o realce "camuflado" numa série de orações coordenadas. Afirmar o que ali se afirma é acreditar que as coisas **são**. É, pelo menos, crer que a oração dita subordinada adjetiva contenha pensamento necessariamente secundário e que isso se deva mesmo ao fato de ser "subordinada"; é acreditar que a "subordinação" seja tão de verdade ela mesma, que até possa estar abstratamente numa oração formalmente, apenas formalmente, coordenada.

Outrossim problematizável é o papel sintático da oração "adjetiva", consenso entre os gramáticos como garantidor de dependência. Observem-se os textos:

"Anima bella **da quel nodo sciolta** [59]
che piú bel mai non seppe ordir Natura,
pon' dal ciel mente a la mia vita oscura,
da sí lieti pensieri a pianger volta.
La falsa opinïon dal cor s'è tolta,
che mi fece alcun tempo acerba et dura
tua dolce vista; omai tutta secura
volgi a me gli occhi, e i miei sospiri ascolta.
Mira 'l gran sasso, donde Sorga nasce,
et vedra'vi un che sol tra l'erbe et l'acque
di tua memoria et di dolor si pasce.
Ove giace il tuo albergo, et dove nacque
il nostro amor, vo' ch'abbandoni et lasce,
per non veder ne' tuoi quel ch'a te spiacque."
(Petrarca: 1994, 275) ;

[59] O negrito é meu.

"Alma minha gentil, **que te partiste**
Tão cedo desta vida descontente [60] ,
Repousa lá no céu eternamente,
E viva eu cá na terra sempre triste;

Se lá no assento Etéreo, onde subiste,
Memória desta vida se consente,
Não te esqueça[61] daquele amor ardente
Que já nos olhos meus tão puro viste.

E se vires que pode merecer-te
Algũa cousa a dor que me ficou
Da mágoa, sem remédio, de perder-te,

Roga a Deus que teus anos encurtou[62],
Que tão cedo de cá me leve a vêr-te.
Quão cedo de meus olhos te levou."
(*apud* Sena: 1980, 11).

Um olhar associativo não teria dificuldade em fazer equivaler a oração camoniana *que te partiste tão cedo desta vida descontente* ao fragmento de sintagma nominal *da quel nodo sciolta* do soneto de Petrarca. A oração, com toda sua complexidade, não diz "mais" do que o fragmento; a soma

[60] *Idem.*

[61] Conforme o manuscrito de Luís Franco Correia, da Biblioteca Nacional de Lisboa, e, também, a edição de 1595.

[62] Oração precedida por vírgula em edição prefaciada e modernamente anotada por Maria de Lurdes Saraiva (1980).

de informações nela contidas não faz que ela diga de *alma gentil* "mais" do que o fragmento diz de *anima bella*, e, se fizesse, o fato seria apenas informacional e não sintático. Todavia, se admitido o "conteúdo" aqui proposto para o pronome relativo, a presença desse pronome na estrutura da oração dá a ela a "inteireza sintática" que a distancia daquela construção nominal:

[*alma minha gentil*

[*que te partiste tão cedo desta vida descontente*]
aqui interpretado como
["essa" *te partiste tão cedo desta vida descontente*] ,
"essa" que é "tu, alma"

repousa lá no céu eternamente].

Reduzir aquela inteireza a adjunto adnominal é passe de mágica da translação que bem pode ser afastado de uma leitura não preocupada com hierarquia.

Não é verdade que a oração "adjetiva" deva ser chamada adjetiva, porque não é verdade, exceto impressionistamente, que *stricto sensu* adjetive o termo a que diz respeito. Diz algo sobre ele, assim como, por exemplo, o predicado diz algo sobre o sujeito e nem por isso se confunde com o predicativo, bem como não deve ser chamado "adjetivo". Isso é assim não porque a oração diga "mais" do que possa dizer um particípio passado ou um adjetivo propriamente dito, mas porque o modo como diz é o modo próprio de uma "inteireza sintática", e essa inteireza parece não se configurar propriamente como adjetivação.

É essa inteireza que aqui se propõe como oração simplesmente aposta à dita principal. Dizer "subordinada" é mesmo dizer dependente. Por exemplo em Português, hoje, a oração chamada adjetiva é "dependente" no sentido de que não se enuncia sem a dita principal, ou seja, apresenta-se numa **forma** que,

por exemplo, o Português e o Latim **se habituaram** a não enunciar só, mas a **inteireza sintática** possibilitaria isso: **a oração, estruturalmente, quanto à presença e a inter-relação das partes sintáticas essenciais, sustenta-se.**

Acima se mencionou a ausência do termo *subordinação* em Ali (*idem*), porque o autor diz *hipotaxe* quando, fazendo lembrar Carneiro Ribeiro (*idem*), afirma (*idem*, 53):

> "Na linguagem primitiva [?] , empregavam os homens proposições uma apoz outras, que tinham todas as formas de orações principaes. **O discurso tinha feição paratáctica.**[63] Nesta série de proposições havia com certeza umas que eram subordinadas a outras, que as completavam, que as determinavam. Percebia-se a differença pelo sentido, não pela forma. A oração principal não tinha a acepção que tem hoje. Era, antes, sinônimo do que agora conhecemos como oração absoluta, e, embora a 'forma fosse de oração principal'[64], a noção de subordinação [da(s) oração(-ões) semanticamente consideráveis subordinada(s)] é apresentada em relação ao sentido, em função do discurso.".

Para Ernout e Thomas (*idem*, 291):

> "(...) La syntaxe de **subordination** représente un état de la langue relativement récent, instituant, entre des propositions à l'origine autonomes, des rapports comparables à ceux qui se sont établis dans la syntaxe du nom au détriment de la construction appositionnelle.
>
> Le latin laisse entrevoir encore dans certains tours l'ancienne autonomie des propositions: des constructions comme *caue cadas* 'prends garde de tomber', *uolo facias* 'je veux que tu fasses'

[63] O negrito é meu.

[64] Por que não absoluta?

> signifiaient proprement 'prends garde, tu pourrais tomber', 'fais-le, je le veux'. Les subjonctifs *cadas*, *facias* se justifiaient par eux-mêmes comme marquant la possibilité ou la volonté, et ils étaient simplement juxtaposés.[65] De cet état, qui est celui de la **parataxe** (gr. παρατάσσειν 'placer auprès'), il subsiste des traces dans des formules; et la langue parlée ne s'en est jamais entièrement départie.".

A propósito específico do pronome relativo asseveram (*idem*, 138):

> "(...) D'une manière générale, le relatif latin, par sa **forme pleine et bien marquée**[66], préservait, beaucoup mieux que celui du grec, son autonomie syntaxique vis-à-vis de l'antécédent.".

"Forme pleine et bien marquée" e "autonomie syntaxique" do pronome relativo aqui se fazem funcionar como argumentos em favor do conteúdo pretendido para o pronome. Esse "conteúdo", por sua vez e como se disse acima, "preenche" a proposta de não-subordinação da oração.

Aqui, evocar a parataxe não é forçar anacronismo em análise; não é transplantar antigo "estágio" lingüístico para apreciação realizada hoje. É recuo àquele "estágio" como veículo para reencontrar linhas do aqui requerido "sentido sintático"; é observar o que "foi" para, com isso, tentar caracterizar melhor o que se acredita "ser" agora, pressupondo-se que valha essa relação, independentemente da ação do tempo, que, como também se disse antes, modifica, descora, mas não destrói aquele sentido.

---

[65] Isso parece frustrar, muito positivamente, a expectativa geral de que haja relação "gramatical" entre "subordinação" e modo subjuntivo. Essa frustração às vezes aparece sub-repticiamente no discurso dos autores: "(...) o emprego do conjuntivo, na realidade, resulta não de *quamvis*,[*sic*, vírgula em itálico] mas sim do sentido da frase (...)" (Torrinha: *idem*, observação ao verbete **quamvīs**). A **escolha** do modo verbal é textual, semanticotextual.

[66] O grifo é meu.

Também consoante já se disse, não se quer propor que a oração "adjetiva" ou simplesmente relativa seja considerada coordenada. A intenção de leitura aqui presente amiúde se refere à preocupação hierarquizante justamente como meio de afastá-la, para dar lugar à mera consideração de aposição; "mera" porque, de certo modo, alheia à oposição entre coordenação e subordinação.

[5] Embora a oração substantiva apositiva figure no rol das chamadas *subord*inadas, não pode haver nesse fato senão critério unicamente formal, como a eventual presença da chamada conjunção integrante. Em se permanecendo na oposição entre coordenação e subordinação, não parece sustentável propor a segunda para a relação interoracional do período

Disse isto: é feliz.

Carone (*idem*, 22) diz que, para Tesnière,

> "a coordenação é a conseqüência de um fenômeno de 'desdobramento' de um termo, que se vê, assim, em face de um peculiar 'alter-ego' ".

Ora, em

Disse isto: é feliz. ,

é feliz é precisamente, e sem aspas, um desdobramento de *isto*: o inespecífico de *isto* des-**dobra**-se no ex-**plic**ativo de *é feliz* ; um **é** o outro e não pode subordinar-se a si mesmo; se coordenação é equivalência, o desdobramento de algo é coordenado com ele, porque **é** ele e algo equivale a si mesmo.

Parece que esse raciocínio legitimaria que se afirmasse aqui **coordenação** entre a oração "adjetiva" e a "principal", uma vez que **uma é desdobramento de um termo da outra**; a "adjetiva" é, toda ela, desdobramento do termo a que diz respeito. Aliás, a própria Carone (*idem*, 50) diz que o termo retomado pelo pronome relativo "se repete" na oração "adjetiva", ou seja, de certa maneira,

é ele mesmo que está ali. Mais ainda: entre a "adjetiva" e a "principal" há relação de **mútuo espelhamento**, porque a "adjetiva", ao desdobrar, reflete o termo da "principal" e, simultaneamente, é esse termo que preenche a inespecificidade do pronome relativo. Noutras palavras, a "adjetiva", por meio do pronome relativo, "caminha" até o termo da "principal" e então o ex-**plica**, e isso é o mesmo que dizer que esse termo vai em direção à "adjetiva" e nela se es-**pra**ia, ao preencher a inespecificidade do pronome relativo. Em

não te esqueça daquele amor ardente
que já nos olhos meus tão puro viste ,

que já nos olhos meus tão puro viste responderia à pergunta "Que amor (ardente)?", e (*aquele*) *amor* (*ardente*) responderia à pergunta "Que é *que*?" ou "Que já foi visto tão puro pelo(a) receptor(a) ou interlocutor(a) nos olhos do eu poético?". Noutras palavras, *que já nos olhos meus tão puro viste* desdobra *amor*, e *amor* preenche de especificidade *que*.

Mas nem é isso o que se defende aqui, simplesmente porque nem é necessário para propor um pronome relativo portador de "conteúdo" e uma oração relativa cuja inteireza sintática lhe permite "parar em pé". Basta abandonar a oposição entre coordenação e subordinação e permanacer na proposta de aposição, contanto que muito clara fique a distância entre aposição e subordinação. Essa distância destrói, aliás, o argumento de que ser termo sintático torne algo subordinado: o aposto, propriamente dito, é "termo sintático" do "termo fundamental" e isso, verdadeiramente, não o faz "subordinado".

Com aquele "mútuo espelhamento" convive o fato de a oração "adjetiva" não dizer respeito a **toda** a oração "principal". É, sim, inteiramente dedicada ao termo a que diz respeito, mas a oração "principal" não lhe é relacionada mais do que por meio desse termo, pontualissimamente. A "adjetiva" tange apenas a um componente da "principal", **não tendo nada que ver com todo o resto**. Em

alma minha gentil,
que te partiste tão cedo desta vida descontente,
repousa lá no céu eternamente ,

alma minha gentil, repousa lá no céu eternamente, a oração como um todo, relaciona-se com *que te partiste tão cedo desta vida descontente* apenas pelo fato de *que* **ser** *alma* (*minha gentil*), assim como *que te partiste tão cedo desta vida descontente*, toda a oração, está para *alma* (*minha gentil*), mas não tem nada que ver com *repousa lá no céu eternamente*.

Então, mais um argumento em prol de não dizer que a "adjetiva" se subordine **à "principal"**. Aqui se considera que toda a informação veiculada por uma oração adverbial incida sobre toda a informação veiculada pela "principal", a cujo verbo se confere a posição de nódulo sintático apenas porque ele talvez concentre a informação da oração em que está; toda a informação veiculada por uma oração substantiva relaciona-se com toda a informação veiculada pela "principal", a cujo verbo se confere aquela posição pela mesma razão. No encontro da "adjetiva" com a "principal" não se tem *stricto sensu* relacionamento de oração com oração; tem-se relacionamento de oração com **elemento** de oração, e isso deveria ser observado quando se considera "subordinação" da oração "adjetiva" à **oração** "principal".

4

LIBERTAS QUAE SERA TAMEN ...

A "certaine autonomie" de Ernout e Thomas (*idem*, 333) parece evocar-se em formas de expressão que apresentam marcas de uma possível sensação, por parte do usuário lingüístico, de que a oração "adjetiva" seja algo mais ou menos apartado da oração "principal". Isso talvez não ocorra em oração "adjetiva" restritiva, mas parece comum em oração "adjetiva" explicativa, uma vez que o grau de coesão entre ela e a oração "principal", é, independentemente da interpretação pretendida, menor do que entre a oração restritiva e a oração "principal".

Em Português escrito, ao contrário da expectativa normativa, nota-se, comumente, a demonstratividade do pronome relativo intensificada pelo uso de sinal de pontuação forte imediatamente antes do pronome, grafado muitas vezes com letra maiúscula e às vezes encabeçando parágrafo. Isso foi observado, a bem deste Trabalho, em um *corpus* extenso de textos dissertativos produzidos por Estudantes brasileiros [67]. Não se pode lucubrar sobre o grau de consciência de cada usuário quanto às convenções gráficas, porque isso é mesmo intangível. Mas, de qualquer maneira, as "escolhas" refletem alguma sensação de independência da oração relativa:

> "Hoje em dia, o homem se preocupa demais em produzir e manter uma economia forte e não se importa tanto com a matéria-prima de seus produtos e de sua 'vida' ; **que** [68] é a natureza.
> (...) tudo isso é culpa do homem ; **que** não sabe se 'relacionar' com o ambiente em que vive (...)";

[67] Provas de Redação do Exame Nacional do Ensino Médio (Brasil), realizadas em 2001.

[68] O destaque é meu nessa e nas demais ocorrências.

"(...) a preservação ao [*sic*] meio ambiente está sendo ignorada, o que pode trazer grandes prejuízos a todos ; **que** dependemos do ambiente para a sobrevivência.
(...)
A grande arma para a solução do problema 'interesse em conflito' seria transformar a briga em só evoluir, por interesses em ajudar-se a resolver a situação que gira em torno de toda humanidade [*sic*] ; **que** é preservar o ambiente em que se vive (...)";

"Inúmeros problemas surgem com esse ato irracional do homem [exterminação de grande parte da fauna e da flora] ; **que** prejudica grande parte do mundo.";

"Os fatos e acontecimentos sobre a preservação ambiental,[*sic*] está [*sic*] cada vez mais acravando [*sic*] pelo homem [*sic*] e sua ambição ; **que** estão cada vez destruindo a nossa floresta (...)";

"(...) Nos países que tem [*sic*] uma estatística baixa com problemas sociais, não tentam dar um basta neste estado de calamidade em que está nosso ambiente, várzeas, vida ; **que** estam [*sic*] diretamente relacionado [*sic*] com o processo de evolução economica [*sic*] (...)";

"(...) o home [*sic*] está destruindo toda a fauna e todo meio ambiente [*sic*], para conseguir seus objetivos . [ou] , **Ques** [*sic*] [ou] **ques** [*sic*] são apenas lucro";

"Não é novidade falar de desmatamento no país, principalmente num país como o Brasil, que possui um extenso território florestal . **Que** tira das árvores madeiras para produção (...)";

"Tudo vem sendo destruido [*sic*] pelo proprio [*sic*] homem. Atravez [*sic*] de queimadas, desmatamento e poluição. Todos esses aspectos são consequencia [*sic*] ;[*sic*] do desenvolvimento tecnologico [*sic*] . **Que** faz com que o homem venha a utilizar de todos os recursos da natureza não para sua [*sic*] necessidade (...)";

"Para que não haja extermínio, tanto das espécies vegetais quanto animais . **Que** são de grande valor cientifico [*sic*]. E para haver um crescimento humano,[*sic*] é preciso utilizar técnicas apropriadas (...)";

"Muitas árvores de pau-brasil (...) hoje são casas, móveis e esculturas nos países europeus . **Que** por sua vez,[*sic*] desmataram quase todas florestas [*sic*] de lá. (...)";

"O homem precisa ser mais racional e preservar ums [*sic*] dos patrimônios naturais mais importantes da terra [*sic*] . **Que** é o ambiente.";

"(...) a preservação ambiental continua sendo a menos interessada [*sic*], principalmente para donos de indústrias . **Que** não estão nem ai [*sic*] se o que fazem está prejudicando o meio ambiente.";

"(...) estaremos contribuindo um pouco, em busca de solucionar esse problema . **Que** para muitos não recebe seu devido valor (...)";

"(...) culpamos os poderosos [pela destruição da natureza] . **Que** nada faz [*sic*] para melhora.";

"A solução, para todos esses problemas [destruição da natureza], seria (...) a criação de uma lei válida para todos os países . **Que** regulamente os danos ao meio-ambiente [*sic*].";

"Esse [conciliação entre desenvolvimento econômico e preservação ambiental] é um assunto,[*sic*] que abrange o mundo em geral . **Que** também é um assunto que gera muita discursão [*sic*] (...)";

"Eu hoje tenho 17 anos e pelo pouco que presenciei já posso morrer feliz, mas e os outros **? Que** tem [*sic*] como divertimento atear fogo nos índios.";

"Esse problema ecologico [*sic*], [*sic*] não so [*sic*] acontece nos paises [*sic*] subdesenvolvidos, como tambem [*sic*] nos paises [*sic*] desenvolvidos que possue [*sic*] o maior grau de desenvolvimento. Isso não explicaria o desenvolvimento acelerado de alguns paises [*sic*] **? Os quais** exploraram todas as suas florestas e ainda exploraram a de outros paises [*sic*].";

"Esse ato [extração, sem reposição, de recursos naturais] se prolongou até os dias de hoje . **Em que** a sociedade na falta de recursos tenta recupera-los [*sic*] e preservar o que restou.";

"O ser humano se acha inexpugnável, que pode solucionar todos os problemas, tudo em nome do progresso . **No qual** a natureza pode ser destruída pela evolução. (...)";

"A solução para esses problemas ambientais [apontados antes] é dicutida [*sic*] por Organizações Governamentais e não Governamentais . **Nas quais** são feitas reuniões onde são assinados tratados (...)";

"(...) São desmatamentos (...) e destruição total do que temos de mais belo: nossas florestas . **Pelas quais**, em épocas de seca, chegam a ter mais de 50% destruídas [*sic*] pelo fogo.";

"(...) Por causa do homem .
Que tem as suas fábricas, que estão poluindo o ar. E que também estão poluindo os rios.";

"(...) Senadores e Deputados (...) são os donos de fazendas de grandes latifundios [*sic*] e serralherias clandestinas .
Que num país como o Brasil é legalmente [*sic*] (...)".

No mesmo *corpus* se observou um uso análogo de *onde*, com sentido fortemente demonstrativo e, em geral, referência a lugar não físico mas virtual ou a um lugar **do discurso**, um já mencionado ponto **do discurso**. Isso reforça a argumentação favorável à demonstratividade do pronome relativo, então chamado "advérbio" relativo:

"(...) as causas deste problema [agressão ao meio ambiente] foram criadas pelos próprios homens ; **que** em pouco tempo conseguiu [*sic*] acabar com florestas (...)
(...) Precisamos caminhar para um desenvolvimento sustentável ; **onde** o homem respeite e preserve os recursos necessários à sua prosperidade.";

"A fase das máquinas está crescendo cada vez mais no mundo de hoje ; **Onde** a famosa 'Canção do Exílio' nos lembra de uma fase inexistente nos dias atuais.";

"fatos [*sic*, minúscula em início de parágrafo] [vendas clandestinas de madeira] que chocam ao ver a queima da nossa floresta . **Onde** os americanos estavam passeando (...)";

"O mundo está virando uma selva de predios [*sic*] , industrias [*sic*] , carros, violencia [*sic*] , e poluição . **Onde** os animais somos nós (...)";

"Vivemos em uma era capitalista, onde os homens só dão valor na economia, seus interesses e no desenvolvimento industrial . **Onde** as pessoas e o meio ambiente não tem [*sic*] proporção maior do que o dinheiro.";

"Os Países Desenvolvidos são os que mas [*sic*] poluem nosso planeta e são que [*sic*] menos querem acabar com tal desrespeito com a mãe terra [*sic*] . **Onde** o que mas [*sic*] importa são os interesses econômicos (...)";

"A degradação do meio ambiente é um dos maiores problemas da atualidade e vem crescendo junto com o desenvolvimento dos grandes centros urbanos . **Onde** no decorrer dos anos, florestas inteiras são destruídas (...)";

"(...) é preciso uma visão em torno do planeta terra [*sic*] . **Onde** cada ser humano plante uma planta (...)";

"(...) o que usamos em matérias primas [*sic*] temos que retirar da natureza ou até mesmo não . **Onde** estamos cada vez mais poluindo, rios matas [*sic*] $etc_{[sic]}$ (...)";

"Que mundo é esse [*sic*, referente ao mencionado no parágrafo anterior] **?**
Onde só querem destruir (...)";

"A solução seria alguns projetos criados para proteger o meio ambiente, onde todos os paises [*sic*] estariam envolvidos numa campanha rigorosa para uma consintização [*sic*] não só do povo mas sim das pessoas em geral **.**
Onde estas areas [*sic*] desmatadas serião [*sic*] reabilitadas (...)";

"No Brasil, está a maior reserva natural do mundo [*sic*, sem vírgula] a Amazônia **.**
Onde se encontra a biodiversidade, flora e a [*sic*] fauna, onde alguns cientistas,[*sic*] procuram e pesquisam a cura de muitas doenças (...)";

"(...) O mundo já está ruim [*sic*, ausência de ponto] [§?] Imagine sem as florestas **.**
Onde animais,[*sic*] moram,[*sic*] e acabam em extinsão [*sic*] por causa do homem (...)".

Curiosa é uma ocorrência de *onde* grafado com letra minúscula e não precedido nem ao menos por vírgula mas aqui interpretado também como fortemente demonstrativo, com base na hipótese de o termo a que se refere — *país* — pertencer a conjunto isolado por topicalização — *no país em que vivemos* — ; note-se que, sem dúvida, há topicalização no parágrafo posterior, o que parece refletir um modo próprio de expressão e colabora para a hipótese mencionada:

> "No país em que vivemos [*sic*, ausência de vírgula] **onde** as grandes cidades são muito poluidas [*sic*] , pois existe Indústria e varias [*sic*] obras feitas pelos governantes que provocam poluição no meio ambiente [*sic*, sem ponto]
> Os rios que passam em grandes cidades muitos já estão com suas águas poluidas [*sic*] , pois são feitas [*sic*] encanação [*sic*] de esgôtos [*sic*] sanitarias [*sic*] para desenbocar [*sic*] nos seus leitos (...)".

Precedido por vírgula e grafado também com letra minúscula, há um pronome relativo seguido por dois pronomes reconhecidamente demonstrativos:

> "Aí existe um determinado ligamento, **que tal este** é tão terrivel [*sic*] só de pensar (...)".

Aqui não se supõe que a presença dos pronomes demonstrativos evidencie que o pronome relativo nada tenha de demonstrativo. Entende-se justamente o contrário: de fato, é como se o relativo não bastasse para produzir a desejada sensação de demonstratividade, requerendo a presença dos propriamente demonstrativos, aliás reforçados um pelo outro, como se também eles não bastassem um sem o outro; porém, mais do que compatibilidade, a aproximação do relativo aos *stricto sensu* demonstrativos sugere certa identificação daquele a esses.

Há uma ocorrência de pronome relativo precedido por pronome propriamente demonstrativo, sendo o conjunto antecedido de ponto e o demonstrativo grafado com letra maiúscula:

> "Os dois pontos principais da sociedade hoje em dia,[*sic*] são o desenvolvimento e a preservação ambiental . **Tais quais** causaram muita polêmica. (...)".

E um conjunto análogo e distante do termo a que provavelmente se refere o pronome relativo:

> "Muitas **empresas** já conciliaram o desenvolvimento com a natureza . **Estas que** possuem varias [*sic*] formas como: Reflorestamento, tratamentos de água e esgoto. (...)".

A distância entre o pronome relativo e o termo a que ele diz respeito aqui se entende como fato que bem sugere a demonstratividade do pronome: os elementos interpostos não embargam a consciência de que as "pontas" se inter-relacionam, e isso se deve à alta capacidade fórica do pronome relativo, capacidade não menor do que a dos pronomes reconhecidamente demonstrativos, o que talvez se possa sentir nas seguintes ocorrências do mesmo *corpus*:

> "(...) muitas vezes [as pessoas em geral] não o [aderir a programas de reflorestamento] fazem por ouvirem **frases** como esta [*sic*, sem pontuação] 'Somos os maiores poluidores do mundo, mas se for preciso poluiremos mais...' **que** são disparadas por pessoas que nós denominamos por governantes.";
>
> "Há muito interesse d**os poderosos** na nossa maior riqueza — o verde — **os quais** deixam marcas desastrosas em nossos patrimônios.";
>
> "Hoje, vivemos o grande conflito de conciliarmos o desenvolvimento com a preservação ambiental, mostrando assim nossa incapacidade de progredirmos e resolvermos um **problema** já existente em nossa sociedade, **que** se tornou universal.";

> "A **Mata-**[*sic*]**Atlântica,**[*sic*] pode ser considerada um exemplo sobre [*sic*] a destruição ambiental, **que** originalmente se estendia por todo o litoral brasileiro, do Ceará ao Rio Grande do Sul, ostenta hoje o triste título de uma das florestas mais devastadas do Mundo.".

Note-se que, se é a intelecção pragmática o que enfraquece a ambigüidade nas duas últimas ocorrências, o que sintaticamente as viabiliza é o forte valor demonstrativo do relativo, o mesmo valor constante em outras realizações colhidas em diversas fontes:

> "[Varèse] (...) deixando suas **partituras** em Berlim, **que**, aliás, haviam sido todas destruídas (...)"
> (Cultura FM 103,3. *Bulevar Cultura*: 2000)

— dita ou lida em programa radiofônico[69], frase na qual o pronome relativo não diz respeito àquele que é o ponto de ênfase, (*em*) *Berlim*, da oração imediatamente anterior — ;

> "Milagre que fes e[?] N. S. da Soledade a **Matheus** Filho de Fr.^{co} Leite Soares **que**[?] [ou] **q.**[?] [ilegível] intrevado [ilegível] Pai apegouce com a m^{ma} S Ann.^{a} e elle recebeo[?] aSaude perfeita e para mimoria man =
> dou fazer este painel no anno de 1874"
> (Ex-voto: 1874)[70]

---

[69] As ocorrências ouvidas não foram todas transcritas conforme o hábito corrente em estudos de Língua Falada. Haveria infidelidade, uma vez que algumas, apenas ouvidas, não foram gravadas e então não poderiam ser reouvidas em prol de precisão.

[70] Aqui se cuidou para que houvesse a maior fidelidade possível na citação do texto verbal desse e dos demais ex-votos da coleção de Márcia de Moura Castro, a quem reiteradamente se agradece o acesso para a consulta do material. Os negritos são meus.

— apesar dos borrões, a legibilidade de *intrevado* e de ***Pai*** *apegouce com a* m^{ma} *S Ann.*^{a} *e* ***elle*** *recebeo*[?] *aSaude perfeita* permite a associação aqui estabelecida entre *que* ou *q.* e *Matheus*, intercalado *Filho de* ***Fr.***^{co} ***Leite Soares*** — ;

> "(...) Sua [da Tanzânia] **cultura** oral é extremamente rica, **na qual** a música exerce um papel fundamental."
> (Cultura FM 103,3. *Mapa Mundi* [*sic*]: 2001) [71] ;

> "(...)
> La falsa **opinïon** dal cor s'è tolta,
> **che** [72] mi fece alcun tempo acerba et dura
> tua dolce vista (...)"
> (Petrarca: *idem, ibidem*)[73];

> "Rogério Wolf nasceu em Campinas e passou a integrar a **Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo** em 1981, **onde** [74] é primeira flauta desde 1985. (...)"
> (Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo: 1998, 25);

> "O mundo está passando por **modificações** que afetam drasticamente a natureza **; onde** estão presentes muitos interesses de desenvolvimento, mas sem levar em conta a preservação ambiental (...)"
> (Prova de Redação do Exame Nacional do Ensino Médio: 2001);

---

[71] Texto muito provavelmente **lido**.

[72] Os destaques são meus.

[73] O fato de este Trabalho vincular-se ao Latim e ao Português não exclui outra língua da problematização.

[74] Os destaques são meus.

> "Com o passar dos anos, o ensino no nosso país está ficando cada vez mais precário, devido a falta de investimento d**o governo** no Ensino público, **onde**[75] só se preocupam com eles mesmos."
> (Prova de Redação do Exame Vestibular da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Primeiro Semestre de 2000.)[76]

Agora — e talvez já nessa última ocorrência — , não forte, mas "fortíssimo" é o valor demonstrativo de *onde*, com referência a um mencionado ponto do discurso, como nalgumas daquelas ocorrências transcritas, todavia sem a presença de **termo** com que *onde* se possa de algum modo relacionar. Lá, mesmo que a referência seja a ponto do discurso — que não deixa de ser "lugar" — , há termo de possível relação, ausente aqui. A viabilidade da ausência não se deve senão à densidade, sensível, do relativo e à independência, completa, da oração:

> "A felicidade é algo abstrato, **onde**[77] não podemos pegá-la, mas podemos senti-la."
> (Prova de Redação do Exame Vestibular da Universidade Federal de Uberlândia. 1985.),

A felicidade é algo abstrato.
Nisso — já dito — (*está que*): *não podemos pegá-la.*
Disso — já dito — (*deduzo que*): *não podemos pegá-la.*

---

[75] *Idem.*

[76] Essa ocorrência e as duas seguintes foram individualmente cedidas pela Pesquisadora Micheline Mattedi Tomazi Tardin, a quem se agradece. Os *corpora* de que se coletaram essa ocorrência e a próxima não constam, pois, na Bibliografia.

[77] O negrito é meu.

"Duvido de você **onde** não adianta tentar me convencer."
(Falante do Português do Brasil.)[78],

Duvido de você.
Nisso — já dito — (*está que*): *não adianta tentar me convencer.*
Disso — já dito — (*deduzo que*): *não adianta tentar me convencer.*

Mesmo reforçado por demonstrativo *stricto sensu*, também *que* contém a força demonstrativa de retomar um discurso anterior, sem se relacionar com termo antecedente:

" — nós temos hoje... pruma população de... como os:: o professor vilhena a / afirmou de mais de cinqüenta e quatro quase sessenta mil presos nós temos dezoito juízes em são paulo... alguns outros juízes em em varas do interior descentralizadas **que esse** é um processo
[
— é muito pouco isso ou não?"
(TV Cultura. *Opinião Nacional*: 1996),

Pruma população de mais de cinqüenta e quatro, quase sessenta, mil presos,
nós temos
dezoito juízes em São Paulo,
alguns outros juízes em varas do Interior descentralizadas.
***Que / esse** é um processo* (...)[assalto de turno] .

[78] Não se grafou ponto antes de *onde* para não induzir a leitura. Ademais, não se ouviu a realização.

Em Latim, o pronome relativo é descrito como elemento que geralmente se coloca no meio do período, encabeçando a oração "subordinada". Ao simples uso desse pronome "como demonstrativo" se acrescenta um tipo "ainda mais especial", o "relativo de ligação", que encabeça o período e também deve "traduzir-se por demonstrativo". Essa descrição, apoiada em expressão genérica, como se "os outros **relativ**os" também não fossem "**de ligação**", acaba por disfarçar uma questão lingüística sob a capa dum pretenso problema de tradução: em Latim clássico, o "relativo de ligação" é, talvez, o melhor exemplo daquela possível sensação de "certaine autonomie" (Ernout; Thomas: *idem*, *ibidem*); retomando um discurso anterior, o pronome relativo aparece com toda a sua carga demonstrativa, porque **é** demonstrativo.

O mesmo valor demonstrativo há no chamado *quod* declarativo latino, catafórico portanto, mas nem por isso menos "relativo". Ora, o lado para o qual se aponta não faz a demonstratividade nem mais nem menos demonstrativa, bem como não faz a relação nem mais nem menos relacional. Em vez de olhar para o *dictum*, esse *quod* olha para o *dicendum*, assim como qualquer pronome relativo grego ou latino pode prenunciar em vez de retomar. Outra forma de "espelhamento", não mútuo: *quod* não pertence a conjunto que explique termo nenhum; autônomo, aponta um conjunto e é explicado por ele, ou seja, aponta um conjunto e é por ele preenchido de especificidade. O ponto centralmente comum a todo relativo é apontar — demonstrar — e ser preenchido; por isso todo relativo — aqui se tem dito **o** (pronome) relativo — **é** demonstrativo, significativo, denso:

"Demon non potuit clero mala fundere plura
quam **quod**[79] ei tribuit famulos omni sine cura."
(Manuscrito SG 17, Abadia de Sankt Gallen),

O Demônio não pôde ao clero infundir males maiores do que ***isto:***
deu-lhe servos sem nenhuma diligência. ;

[79] O negrito é meu.

> "(...) Nam aut mirabuntur quid haec pertineant ad ea quae quaerimus — quibus satis faciet res ipsa cognita, ut non sine causa alte repetita uideatur — aut reprehendent,[*sic*] **quod**[80] inusitatas uias indagemus, tritas relinquamus. (...)"
> (Cicéron: 1950, 5),

repreenderão ***isto:***
sigamos métodos inusitados, abandonemos os trilhados
[*querermos seguir métodos inusitados, abandonar os trilhados*] ,

em que os subjuntivos *indagemus* e *relinquamus* evocam um trecho de Ernout e Thomas (*idem*, 291) aqui citado às páginas 53 e 54:

> "Le latin laisse entrevoir encore dans certains tours l'ancienne autonomie des propositions: des constructions comme *caue cadas* 'prends garde de tomber', *uolo facias* 'je veux que tu fasses' signifiaient proprement 'prends garde, tu pourrais tomber', 'fais-le, je le veux'. **Les subjonctifs** *cadas*, *facias* **se justifiaient par eux-mêmes comme marquant la possibilité ou la volonté, et ils étaient simplement juxtaposés**[81]. (...)".

Como se diz em nota da página 54, modo verbal é **escolha** do manejador da Língua, em função do **sentido textual**. Se existe aí algo de "gramatical", é visto depois, laboratorialmente, dado pela construção do hábito, e hábito morfossintático não se constrói desprovido de motivação semântica, motivação semântica na Sintaxe, na própria construção, ou motivação semântica no texto, na situação comunicativa. É essa última a que existe aí, e não tem nada que ver com "subordinação". Acrescentam Ernout e Thomas (*idem*, *ibidem*):

---

[80] *Idem.*

[81] *Idem.*

> "(...) De cet état [em que o Latim apresentava 'l'ancienne autonomie des propositions' e 'les subjonctifs (...) se justifiaient par eux-mêmes comme marquant la possibilité ou la volonté, et ils étaient simplement juxtaposés'], qui est celui de la **parataxe**[82] (gr. παρατάσσειν 'placer auprès'), **il subsiste des traces** [83] dans des formules; et **la langue parlée** [todavia o Latim] **ne s'en est jamais entièrement départie** [84].".

E em outro passo (*idem*, 334) dizem:

> "**La proposition relative** se trouvant dans une **dépendance très faible par rapport à la principale**[85], **le mode y était à l'origine presque aussi libre que dans une phrase indépendante**[86]. (...)".

Isso dispensa chegar a

repreenderão que
sigamos métodos inusitados, abandonemos os trilhados ,

que, ainda assim, aqui entendido como tão catafórico quanto *quod* e semanticofuncionalmente esvaziado apenas para leituras que se afastem de uma interpretação resgatadora. De qualquer maneira, basta admitir a demonstratividade de *quod* para interpretar sintática e semanticotextualmente o latim como ele foi realizado.

Também num latim realizado por Cícero (*apud* Coria: *idem*, 114) há, próximas, duas ocorrências de brilhante demonstratividade do pronome relativo:

---

[82] O negrito é deles.

[83] O negrito é meu.

[84] *Idem.*

[85] *Idem.*

[86] *Idem.*

"(...)

C. F. [Cicero Filius] Cognita igitur omni distributione propositarum consultationum, **causarum** genera restant.

69. C. P. [Cicero Pater] Admodum; et earum quidem forma duplex est, **quarum** altera delectationem sectatur audientium, alterius ut obtineat, probet et efficiat quod agit, omnis est suscepta contentio. Itaque illud superius exornatio dicitur, quod cum latum genus esse potest saneque varium, unum ex eo delegimus, quod ad laudandos claros viros suscipimus et ad improbos vituperandos. (...) Reliquum autem **genus** causarum aut in provisione posteri temporis aut in praeteriti disceptatione versatur, **quorum** alterum deliberationis est, alterum iudicii.[87] ",

[C. F.:] *Restam os gêneros das causas.*
[C. P.:] *Delas* [*earum*] [das causas] *a forma é dupla;*
"***dessas***" [***quarum***] [das causas]
uma (*causa* ou *forma*) *persegue o deleite dos ouvintes* ,

o restante gênero [***genus***] *das causas versa*
ou em precaução quanto ao futuro
ou em discussão do passado;
"***desses***" [***quorum***] [dos gêneros]
um é o da deliberação ,

ou

"(...)

C. F. [Cicero Filius] Cognita igitur omni distributione propositarum consultationum, causarum genera restant.

[87] Os destaques são meus.

> *69.* C. P. [Cicero Pater] Admodum; et earum quidem **forma** duplex est, **quarum** altera delectationem sectatur audientium, alterius ut obtineat, probet et efficiat quod agit, omnis est suscepta contentio. Itaque illud superius exornatio dicitur, quod cum latum genus esse potest saneque varium, unum ex eo delegimus, quod ad laudandos claros viros suscipimus et ad improbos vituperandos. (...) Reliquum autem **genus** causarum aut in provisione posteri temporis aut in praeteriti disceptatione versatur, **quorum** alterum deliberationis est, alterum iudicii.[88] ",

delas [*earum*] [das causas] ***a forma*** [***forma*** (latim)] *é dupla;*
"***dessas***" [***quarum***] [das formas]
uma (*forma*) *persegue o deleite dos ouvintes* ,

o *restante* ***gênero*** [***genus***] *das causas versa*
ou em precaução quanto ao futuro
ou em discussão do passado;
"***desses***" [***quorum***] [dos gêneros]
um é o da deliberação .

De fato não se pode arrogar certeza quanto ao termo a que *quarum* se refere: se *causarum*, é notável a interposição de tantos elementos, e o pronome relativo está na fala de um interlocutor que não aquele em cuja fala está o "antecedente", havendo uma "sintaxe a dois", ainda que forjada, entre oração "principal" e orações relativas — *quarum* [*causarum*] *altera* (*causa* ou *forma*) *delectationem sectatur audientium* e *quarum* [*causarum*] *alterius* (*causae* ou *formae*) *omnis est contentio* — ; se *forma*, o pronome relativo "não concorda" com o "antecedente". Uma possibilidade e a outra encontram paralelismo, respectivamente, na interposição de vários elementos entre *genus* e *quorum* e na "falta de concordância" desses termos. Característica das línguas sintéticas,

[88] Os negritos são meus.

a interposição é, sim, comum, mas a notada entre *causarum* e *quarum* — se essa é a relação — e a efetivada entre *genus* e *quorum* são, por assim dizer, sustentadas pelo conteúdo semântico do pronome relativo, conteúdo que dá a ele autonomia demonstrativa. Essa autonomia dispensa a consideração de silepse de número para justificar "falta de concordância", duas vezes se é válida a relação entre *forma* e *quarum*: a forma ser dupla equivale aí a existir duas formas, bem como o gênero das causas versar exclusivamente ou em um assunto ou em outro equivale a existir dois gêneros, e essas idéias subjazem e prevalecem à concordância formal. "Excesso" de interposição e "falta" de concordância sugerem a elevada capacidade fórica, **demonstrativa**, do pronome relativo, e disso há vestígios assinaláveis na tradução de Coria (*idem*, 115):

> "(...)
> C. H. [Cicerón Hijo] Entonces, conocida toda la distribución de las consultas propuestas, me faltan los géneros de las causas.
> *69*. C. P. [Cicerón Padre] De acuerdo, y, por cierto, su forma es doble: una [?] de ellas [?] persigue la deleitación de los oyentes; la [?] de la otra [?] es toda una contienda emprendida para obtener, probar y efectuar lo que actúa. Y así aquel anterior se dice *exornación*,[sic, vírgula em itálico] el cual, como puede ser un género lato y sin duda vario, de él elegimos uno solo, el que tomamos para alabar a los varones claros y para vituperar a los ímprobos. (...) Y el restante género de las causas versa o en la previsión del tiempo futuro o en el debate del pretérito ; de **los cuales** [89] uno es de la deliberación; el outro, del juicio.".

Ao tratar da concordância do pronome relativo, a tradição escolar e também a acadêmica, quando não atônitas,

---

[89] *Idem*.

> "L'***accord en cas*** du relatif ***avec son antécédent***, si commun en grec (...), est ***fort rare*** et ***peu correct*** en latin: T. Live, I, 29, 4, '*quibus* quisque poterat elatis', entendez: 'elatis *iis quae* quisque poterat efferre'. (...)"
> (Riemann: 1927, 44),

expressam-se em termos recorrentemente parecidos com estes:

> "**Le relatif et son antécédent.**
>
> **Accord.** 1° *Le relatif qui a pour antécédents:*
>
> *a*) 2 noms de personnes de genre différent, est au *masculin pluriel:*
>
> Pater et mater, **qui** sunt boni... *Le père et la mère, qui sont bons...*
>
> *b*) 2 noms de choses de genre différent, est au *neutre pluriel:*
>
> Virtus et vitium, **quae** sunt contraria...
> *La vertu et le vice, qui sont opposés...*
>
> *N. B.* Le relatif ne s'accorde parfois qu'avec le nom le plus rapproché.
>
> 2° *Parfois le relatif s'accorde avec son* **attribut,**[*sic*, vírgula em negrito] *et non avec son antécédent* (attraction (...)).
>
> Alesia, **quod** est oppidum Mandubiorum,...
> *Alésia, qui est la cité des Mandubiens,...*"
> (Cart *et alii*: *idem*, 39).

Coerente com a interpretação aqui em desenvolvimento é conceber que a motivação do neutro plural dum pronome relativo cujos "antecedentes" são dois — ou mais — nomes de coisas seja a vazão da consciência de que se trata justamente de **coisas**, tomadas coletivamente, e o pronome relativo não é senão demonstrativo ao evocar as "coisas":

*uirtus et uitium, **quae** sunt contraria, nota sunt ,*

a virtude e o vício
*— "**essas**" (coisas) são contrárias —*
são (coisas) conhecid"a"s .

Outrossim, um pronome relativo "concordar com seu predicativo", por "atração", não é apenas concordar formalmente, pela proximidade no enunciado; não é que apenas

> "(...) certaines libertés d'accord subsistaient, facilitées par la double appartenance du relatif (...)
> (...) Cette attraction, au fond identique au tour *quae apud alios iracundia dicitur* ['quae apud alios iracundia dicitur, ea in imperio superbia atque crudelitas appellatur' (Salluste: 1958)], s'exerce de préférence,[*sic*] lorsque la proposition relative a la valeur d'une parenthèse explicative, faiblement liée à la principale."
> (Ernout; Thomas: *idem*, 136).

Mais do que isso, é a vazão da consciência de que o elemento representado pelo "antecedente" coincide com o representado pelo predicativo — "Alesia est oppidum" — , e o pronome relativo aponta para um impregnando-o da noção do outro, ou melhor, explicitando que a noção de um está contida na do outro, fenômeno concretizado morfologicamente; assim como a noção de *oppidum* abarca a noção de *Alesia*, *quod* "encampa" o possível *quae*:

Alesiam

*— **quod*** [demonstrativo] [como ***quod oppidum***] *est **oppidum** Mandubiorum — iter facere coepit ,*

Para Alésia

*— **esse*** [como ***esse cinturão forte***] *é **o cinturão forte** dos mandúbios — começou a marchar .*

Quod "concordar" com *oppidum* não é deixar de referir-se a *Alesia*; é apontar para a noção de *Alesia* "vendo-a" mesmo como *oppidum*. A complexidade desse apontamento é demonstrativa e nada tem de vazio.

Aqui se têm arrolado tantas ocorrências, muitas análogas, em nome da notável recorrência de fenômenos que devem corresponder positivamente à interpretação aqui proposta. Contudo, igualmente notável é a recorrência do esforço dos tradicionais em prol da Tradição. Note-se, por exemplo e absolutamente não só, em Ernout e Thomas (*idem*, 332-334), a insatisfatoriedade de afirmações assim:

> "Pour souligner la relation, la langue parlée accompagnait parfois le relatif d'une forme démonstrative: Pl. [Plautus], *Tri.* [*Trinummus*] 1023: *quorum eorum unus surrupuit...* 'dont chacun d'eux a volé...'. Plus souvent, l'antécédent était repris de façon à éviter toute équivoque: Tér. [Terentius], *Hau.* [*Hautontimorumenos*] 20-1: *habet bonorum exemplum, quo exemplo sibi || licere... putat*; Liv. [Titus Liuius] 23, 37, 10: *quibus diebus Cumae liberatae sunt obsidione, isdem diebus... Ti. Sempronius... prospere pugnat*; Cés. [Caesar], *B. G.* [*Bellum Gallicum*] 1, 6, 4: *diem dicunt, qua die... omnes conueniant.* (...)
>
> (...) Parfois, à la faveur d'une anacoluthe, elle [a oração relativa] prend la valeur d'une proposition conditionnelle (*qui = si quis*): Pl. [Plautus], *As.* [*Asinaria*] 323: *ista uirtus est... qui malum*

fert fortiter 'le courage, c'est supporter vaillamment le malheur', cf. Enn. [Ennius], *Sc.* [*Scipio*] 302 V^2 [2. ed. Vahlen, 1903]; Var. [Varro], *L. L.* [*De Lingua Latina*] 7, 93: *quibus res erat in controuersia, ea uocabatur lis*, m. à m. 'ceux qui avaient une affaire en contestation, cela était appelé procès'. Ou bien, restant en suspens, elle apportait une détermination causale: Cic. [Cicero], *Fa.* [*Ad Familiares Epistulae*] 7, 2, 1: *quod si mihi permisisses, qui meus in te amor est, confecissem* 'si tu m'avais confié l'affaire, avec l'affection que j'ai pour toi, je l'aurais menée à bien' (*ibid.* 11, 13, 1), souvent chez Cicéron, mais déjà aussi Pl. [Plautus], *Mi.* [*Miles Gloriosus*] 83. De même, avec *quantus*: Cic. [Cicero], *de Or.* [*De Oratore*] 1, 95: *quanta... ingenia in nostris hominibus esse uideo, ([sic, itálico no parêntese] non)[sic, itálico no parêntese] despero fore aliquem aliquando qui... exsistat talis orator qualem quaerimus* 'à voir les dons de nos concitoyens, je ne désespère pas...'; Sal. [Sallustius], *J.* [*Iugurtha*] 31, 22.

Ailleurs, le relatif est rattaché pour le cas, non pas à la relative elle-même, mais à une proposition secondaire incluse dans celle-ci et qui le suit immédiatement: Cic. [Cicero], *Fi.* [*De Finibus Bonorum et Malorum*] 2, 64: *aberat ([sic, itálico no parêntese] ei)[sic, itálico no parêntese] omnis dolor, qui si adesset, non molliter ferret* 'il était entièrement exempt de la douleur, que, du reste, si elle était survenue, il eût supportée sans faiblesse' (= *quem... ferret*); *Fa.* [*Ad Familiares Epistulae*] 6, 6, 5: *ea... quibus ille ([sic, itálico no parêntese] Pompeius)[sic, itálico no parêntese] si paruisset,... hic ([sic, itálico no parêntese] Caesar)[sic, itálico no parêntese]... tantas opes... non haberet* 'des conseils tels que, si Pompée les avait suivis, César n'aurait pas tant de puissance'. Deux propositions relatives sont ainsi enchâssées l'une dans l'autre, et leurs relatifs se suivent à des cas différents: Cic. [Cicero], *Cat.* [*In Catilinam*] 3, 27: *magna uis ([sic, itálico no parêntese] est)[sic, itálico no parêntese] conscientiae, quam qui*

> *neglegent,... se ipsi indicabunt* 'grande est la force de la conscience; et ceux qui la négligeront se trahiront d'eux-mêmes'.
> Quand **deux** propositions **relatives se succèdent**, le relatif est répété avec ou sans particule copulative (...). Mais il y avait une construction de caractère plus lâche dans laquelle le relatif, au lieu d'être répété, était continué par le pronom *is* avec une particule de liaison: Cic. [Cicero], *Br.* [*Brutus*] 258: *omnes... qui nec extra urbem hanc uixerant neque eos aliqua barbaries domestica infuscauerat...* 'ceux qui n'avaient pas vécu en dehors de cette ville ou qu'une influence barbare n'avait pas corrompus...'. Et même, *is* n'était pas toujours exprimé: Cic. [Cicero], *Ver.* [*In Verrem*] 4, 9: *mancipium quo et omnes utimur et non praebetur a populo* 'l'esclave dont nous usons tous et qui (= *et id*) n'est pas fourni par l'État'.".

Como outros muitíssimos, um interminável relatório; literalmente interminável, porque inorgânico, fotográfico, pontuado aqui e ali por tentativas pálidas de "explicação", mais próximas de um farejável desejo de alguma prestação de contas à racionalidade. O grande enquadramento disso é a tradição de consulta, produzida por consulta e destinada a consulta; a Academia que apregoa que "isso é assim porque é assim", "isso é assim **porque** está em Cícero". Mas, particularizando-se, aqui se atribui esse corpo-a-corpo justamente à relutância em admitir que o pronome relativo **é** demonstrativo.

Ora, assim como *quo* em *quo exemplo*, tão demonstrativo quanto *isdem* em *isdem diebus* é *quibus* em *quibus diebus*, e está longe de ser verdade absoluta a leitura

[isdem diebus
[quibus diebus Cumae liberatae sunt obsidione]
Sempronius prospere pugnat] ,

[*nos mesmos dias*
[*nos quais dias Cumas foi liberada do cerco*]
Semprônio combate com êxito] ,

valendo notar que o português *quais* em *os* (*dias*) *quais dias* não é menos demonstrativo do que relativo; aqui se propõe

***Quibus** diebus Cumae liberatae sunt obsidione.*
***Isdem** diebus Sempronius prospere pugnat.* ,

***Nesses** dias Cumas foi liberada do cerco.*
Nos mesmos dias Semprônio combate com êxito. ;

Diem dicunt.
***Qua** die omnes conueniant.* ,

Marcam o dia.
***Nesse** dia todos se reúnam.* ;

como em

> "(...) illud (...) exornatio dicitur (...). Reliquum autem genus causarum aut in provisione posteri temporis aut in praeteriti disceptatione versatur, quorum alterum deliberationis est, alterum iudicii. Ex **qua** partitione [90] tria genera causarum exstiterunt, unum quod a meliori parte laudationis est appellatum, deliberationis alterum, tertium iudiciorum. (...)"
> (Coria, *idem*, 114),

[90] Os destaques são meus.

"(...) De **esta**[91] partición han salido tres géneros de causas (...)" (Coria, *idem*, 115);

"Oratio dominica in diversas omnium fere gentium linguas versa et propriis **cujus**que linguae [92] characteribus expressa, una cum dissertationibus nonnullis de linguarum origine, variisque ipsarum permutationibus"
(*apud* Swiggers; Desmet: 2000, 167),

oração do Senhor vertida nas diversas línguas de quase todas as gentes
*e expressa em caracteres próprios e **da** língua*
[
*e expressa em caracteres próprios, ou seja, **da** língua*
[*próprios de cada língua*] .

Não há necessária idéia de condição em

Ista uirtus est.
***Qui** malum fert fortiter.* ,

A coragem existe.
*"**Esse**" fortemente suporta o mal.* ,

A coragem é:
***alguém** fortemente suporta o mal.* ;

[91] O negrito é meu.

[92] Os destaques são meus.

há aproximação de conceitos, e considerar anacoluto é recusar a expressão paratática; o mesmo quanto a

Quibus *res erat in controuersia.*
Ea uocabatur lis. ,

Para "esses" *o assunto estava em controvérsia.*
Esse era chamado litígio.

À parte a idéia de causa, nada está "suspenso" se se considera parataxe com demonstratividade em

quod si mihi permisisses
*— **qui** meus in te amor est —*
(quod) confecissem ,

se me tivesses confiado isso
*— **esta** minha afeição é por ti —*
(isso) eu teria aprestado ;

Quanta *ingenia in nostris hominibus esse uideo!*
Non despero fore aliquem aliquando qui exsistat talis orator qualem quaerimus. ,

Quantos / Tais *engenhos em nossos homens vejo existir!*
Creio um dia haver alguém que se mostre tal orador qual buscamos.

Não há entrelaçamento nenhum em

Magna uis conscientiae.
***Quam qui** neglegent se ipsi indicabunt.* ,

Grande é a força da consciência.
***Essa** "**esses**" negligenciarão: eles mesmos se denunciarão.* ,

nem menor autonomia do que em

Omnes.
***Qui** nec extra urbem hanc uixerant*
*neque **eos** aliqua barbaries domestica infuscauerat.* ,

Todos.
*Nem **esses** tinham vivido fora desta cidade*
nem alguma rudeza doméstica os tinha maculado.

Talvez a apreciação que mais conote fidelidade ao entendimento estabelecido seja

> "Ailleurs, le relatif est rattaché pour le cas, non pas à la relative elle-même, mais à une proposition secondaire incluse dans celle-ci et qui le suit immédiatement (...)",

cuja tortuosidade aqui parece tão incômoda quanto a leitura que a incomoda,

[*aberat omnis dolor*]
[***qui***]
[*si adesset*]
[*non molliter ferret*]

ou

[*aberat omnis dolor*]
[***qui***
[*si adesset*]
non molliter ferret] ,

e que aqui dá lugar a

[*aberat omnis dolor*]
[*qui si adesset*]
[*non molliter ferret*] ;

de toda a apreciação, aqui apenas não se rejeita o inciso "non pas à la relative elle-même", porque não existe "la relative elle-même", e o pronome, contudo relativo, é demonstrativo,

Aberat omnis dolor.
Qui *si adesset,*
non molliter ferret. ,

Estava ausente toda dor.
*Se "****essa****" se manifestasse,*
[*ele*] *sem languidez sofreria.* ,

assim como em

Quibus *ille si paruisset,*
hic tantas opes non haberet. ,

Se aquele ***a isso*** *tivesse obedecido,*
este não teria tanto poder. ,

e em muitas realizações em Latim e em Português:

> "(...) earum quidem forma duplex est, quarum altera delectationem sectatur audientium, alterius ut obtineat, probet et efficiat quod agit, omnis est suscepta contentio. Itaque illud superius exornatio dicitur, **quod** cum latum genus esse potest saneque varium, unum ex eo delegimus [93] , quod ad laudandos claros viros suscipimus et ad improbos vituperandos. (...)"
> (*apud* Coria: *idem*, 114),

[*illud superius exornatio dicitur*]
[***quod*** *cum latum genus esse potest saneque uarium*]
[*unum ex eo delegimus*] ,

Illud superius exornatio dicitur.
Quod *cum latum genus esse potest saneque uarium,*
unum ex eo delegimus. ,

Aquele mais acima se diz ornamento.
Como ***esse*** *pode ser um gênero lato e sem dúvida vário,*
dele escolhemos apenas um.

— provavelmente lido

[93] *Idem.*

[*illud superius exornatio dicitur*]

[***quod***

[*cum latum genus esse potest saneque uarium*]

unum *ex eo delegimus*] ,

conforme a tradução assim pontuada:

> "(...) aquel anterior se dice *exornación* [94] , **el cual** , como puede ser un género lato y sin duda vario , **de él** elegimos **uno** [95] solo (...)" (Coria: *idem*, 115) — ;

> "Sed ego adulescentulus initio, sicuti plerique, studio ad rem publicam latus sum, ibique mihi multa aduorsa fuere. Nam pro pudore, pro abstinentia, pro uirtute, audacia, largitio, auaritia uigebant . **Quae** tametsi animus aspernabatur, insolens malarum artium, tamen inter tanta uitia imbecilla aetas ambitione corrupta tenebatur [96] ; ac me, cum ab relicuorum malis moribus dissentirem, nihilo minus honoris cupido eadem quae ceteros fama atque inuidia uexabat."
> (Salluste: *idem*, 57),

[***quae*** *tametsi animus aspernabatur, insolens malarum artium*]
[*tamen inter tanta uitia imbecilla aetas ambitione corrupta tenebatur*] ,

Embora, ingênuo, o espírito desprezasse ***isso****,*
a idade tola, corrompida pela ambição, retinha-se entre tamanhos vícios.

---

[94] O itálico é dele.

[95] Os negritos e os espaços são meus.

[96] Os destaques são meus.

— o próprio estabelecimento, antecedendo o pronome com ponto e grafando-o com letra maiúscula, assume a demonstratividade que talvez faça pensar em "relativo de ligação", e, tratando-se de oração adverbial, isso equivale a assumir a ausência de oração relativa — ;

" — isso é uma necessidade **que** se eu não realizo me sinto mal" (Falante do Português do Brasil.),

[*isso é uma necessidade*]
[***que** se eu não realizo*]
[*me sinto mal*] ,

Isso é uma necessidade.
***Que** [**Essa**] se eu não realizo,*
me sinto [sinto-me] mal. ;

"Mas o problema continua sendo o ser humano **que** só quando aprender a controlar seus instintos destruidores é que [97] o meio ambiente estará a salvo."
(Prova de Redação do Exame Nacional do Ensino Médio: 2001),

[*o problema continua sendo o ser humano*]
[***que** só quando aprender a controlar seus instintos destruidores*]
[*é que (o meio ambiente estará a salvo)*] ,

O problema continua sendo o ser humano.
***Que** [**Esse**] só quando aprender a controlar seus instintos destruidores,*
é que o meio ambiente estará a salvo. ;

[97] *Idem.*

"Negotium susceperat **quo** confecto [98] laudem adeptus est.",

apud Cart *et alii* (*idem*, 147), os quais, graciosamente, dizem que

"La traduction de ces tours est toujours délicate (...)"
(Cart *et alii*, *idem*, *ibidem*)

e, equivocadamente, sobre a ocorrência afirmam

"**Double subordination.** *Un relatif peut recevoir une fonction à l'intérieur d'une proposition déjà subordonnée.*"
(Cart *et alii*, *idem*, *ibidem*),

embora sendo *quo confecto* um ablativo precisamente **absoluto**,

[*negotium susceperat*]
[***quo** confecto*]
[*laudem adeptus est*] ,

Negotium susceperat.
***Quo** confecto* ,
laudem adeptus est. ,

Empreendera o negócio.
***Esse** terminado* ,
alcançou a glória. ;

"(...) atualmente, e mesmo na época em que o Código [Tributário Nacional] foi editado, a maioria dos tributos é objeto do chamado lançamento por homologação. Nessa modalidade, o próprio sujeito

[98] *Idem.*

passivo deve verificar a ocorrência do fato gerador, calcular o montante do tributo e pagá-lo na data estipulada em lei. Ao fisco é dado um prazo (art. 150, § 4°), findo **o qual** [99] se dá a homologação tácita." (Curado: 2000, 39),

[*ao fisco é dado um prazo*]
[*findo* ***o qual***]
[*se dá a homologação tácita*] ,

Ao fisco é dado um prazo.
Findo ***o qual,***
se dá [*dá-se*] *a homologação tácita.* ,

aqui interpretado

Ao fisco é dado um prazo.
Findo ***esse,***
dá-se a homologação tácita. ;

"Milagre q.[que] fez a Sr[?]ª S.ta Anna a Fran.ca inocente, q.~[que ? ; quem ?] estando perigoza m.te inferma, sem esperanç[?]as de vida ; [100] apegou[?] com ad.[?]ª Snt.[?]ª logo d[?]iclinou saude ficando livri e i[?]mtera m^te .[?] sam.
1798"
(Castro: 1994, 47) [101] ,

---

[99] *Idem.*

[100] *Idem.*

[101] Veja-se, no Apêndice, "Ex-voto — 1798".

em que a presença do ponto-e-vírgula, se confirmável, sugere a possibilidade de ler

[*milagre q. fez a Sr^{a} S.^{ta} Anna a Fran.^{ca} inocente*]
[***q.***~ *estando perigoza m.^{te} inferma, sem esperanças de vida*]
[*apegou com ad.^{a} Snt.^{a}*] ,

Milagre q. fez a Sr^{a} S.^{ta} Anna a Fran.^{ca} inocente,
q.~ [***essa***] *estando perigoza m.^{te} inferma, sem esperanças de vida.*
Apegou com ad.^{a} Snt.^{a}. ;

> "Milagre que fez Santa Efigenia ao menino Matheus **que** estando com uma molestia grave ja desenganado , sua mãe apegou-se com a dita Santa [102] , logo teve alivio e recobrou a saude.
> anno de 1756"
> (Castro: *idem*, 29) [103] ,

solução da esperada continuidade, que, também nos ex-votos seguintes — curioso traço de união entre eles — , faz apreciar, se não anacoluto, demonstratividade,

[*milagre que fez Santa Efigenia ao menino Matheus*]
[***que*** *estando com uma molestia grave, já desenganado*]
[*sua mãe apegou-se com a dita Santa*] ,

cuja pontuação sugere

---

[102] Os destaques são meus.

[103] Veja-se, no Apêndice, "Ex-voto — 1756".

Milagre que fez Santa Efigenia ao menino Matheus,
que *[**esse**] estando com uma molestia grave, já desenganado.*
Sua mãe apegou-se com a dita Santa. ;

"M.[Milagre] q.'[que] F.[fez] N. Snra.ª dos M.es[Milagres] , a Luiza Maria do Lugar de Carapito , q.'[que] estando Sem esperança de Vida , Seu Marido Sechamou a Snr.ª[104] e Recuparou a Saude dezejada. Anno 1816."
(Ex-voto: 1816),

[M. q.' F. N. Snra.ª dos M.es a Luiza Maria do Lugar de Carapito]
[q.' estando Sem esperança de Vida]
[Seu Marido Sechamou a Snr.ª] ,

aqui pontuado

M. q.' F. N. Snra.ª dos M.es a Luiza Maria do Lugar de Carapito,
*q.' [**essa**] estando Sem esperança de Vida.*
Seu Marido Sechamou a Snr.ª.

ou

M. q.' F. N. Snra.ª dos M.es a Luiza Maria do Lugar de Carapito.
*Q.' [**Essa**] estando Sem esperança de Vida,*
S[s]eu Marido Sechamou a Snr.ª. ;

[104] Os destaques são meus.

"Milagre q.[que] fez S. Gonç-
alo de Am.[te][Amarante] a hua sua devota
que tendo escorregado por fragilidade da carne
o Sto lhe arranjou ma-
rido [105] . "
(Ex-voto: séc. XIX),

[*milagre q. fez S. Gonçalo de Am.[te] a hua sua devota*]
[***que** tendo escorregado por fragilidade da carne*]
[*o Sto lhe arranjou marido*] ,

aqui pontuado

Milagre q. fez S. Gonçalo de Am.[te] a hua sua devota,
***que** [**essa**] tendo escorregado por fragilidade da carne.*
O Sto lhe arranjou marido.

ou

Milagre q. fez S. Gonçalo de Am.[te] a hua sua devota.
***Que** [**Essa**] tendo escorregado por fragilidade da carne,*
o Sto lhe arranjou marido. ;

"Milagre que fes[?] São Vicente Ferrer[?] Antonio[?] Pinto
que hindo acolherse p/[a] casa quazi a noite
o seguiráo[seguiram] dou/[dous ?] [ilegível] caza [106]
lhecorrerao[-o ?][deram] dua/[duas] facada/ com faca/
de [ilegível] deixaráo pormorto [deram por morto]

[105] *Idem.*

[106] *Idem.*

epegandose[e, apegando-se] [ilegível] logo a saude noanno[no ano] de 1757"
(Castro: *idem*, 32) [107],

[*milagre que fes São Vicente Ferrer* (*a*) *Antonio Pinto*]
[***que*** *hindo acolherse p/ª casa quazi a noite*]
[*o seguiráo dou/*],

aqui pontuado

Milagre que fes São Vicente Ferrer (*a*) *Antonio Pinto,*
que [***esse***] *hindo acolherse p/ª casa quazi a noite.*
O seguiráo [*Seguiram-no*] *dou/.*

ou

Milagre que fes São Vicente Ferrer (*a*) *Antonio Pinto.*
Que [***Esse***] *hindo acolherse p/ª casa quazi a noite,*
o seguiráo [*seguiram-no*] *dou/.* ;

"Merçe q[que] Fes o Snr Baô Jexus a Joze Narcizo q.[?][que] es
tando gravimenti com os jscrotos jnxados eo Dotor furou para Sair aorina q[que] tinha dentro porçedido deu ma fistu [108] [ilegível] q[que] [ilegível] p^a.[?] [ilegível] dentro do iscroto granguenou caio a [ilegível] eficou como dantes era
Anno de 1844"

[107] Veja-se, no Apêndice, "Ex-voto — 1757".

[108] Os destaques são meus.

(Ex-voto: 1844),

[Merçe q Fes o Snr Baô Jexus a Joze Narcizo]
*[**q.** estando gravimenti com os jscrotos jnxados]*
[eo Dotor furou para Sair aorina q tinha dentro porçedido]
[deu ma fistu],

aqui pontuado

Merçe q Fes o Snr Baô Jexus a Joze Narcizo,
q. *[**esse**] estando gravimenti com os jscrotos jnxados*
— eo Dotor furou para Sair aorina q tinha dentro porçedido —.
Deu ma fistu.

ou

Merçe q Fes o Snr Baô Jexus a Joze Narcizo.
Q. *[**Esse**] estando gravimenti com os jscrotos jnxados*
— eo Dotor furou para Sair aorina q tinha dentro porçedido —,
deu ma fistu.

Há determinada "variedade" de oração "adjetiva" que sobretudo o Estruturalismo costuma tratar à parte, chamando-a "falsa adjetiva", componente das "orações entrelaçadas"; entrelaça-se com outra para, conjuntamente, dizer algo sobre o termo a que diz respeito:

> " (...) as crianças de classe baixa, **que** se acredita que [109] falam uma língua 'oral' (...) "
> (Akinnaso: 1982),

[109] *Idem.*

[*as crianças de classe baixa*]

[***que***

[*se acredita*]

que (***que***) *falam uma língua "oral"*] ;

" — (...) ... essas coisas **que** a gente se surpreende quando vê que ainda existem ... (...) "
(Falante do Português do Brasil.),

[*essas coisas*]

[***que***

[*a gente se surpreende*]

[*quando vê*]

que (***que***) *ainda existem*] ;

" — (...) trabalho **cuj**o ápice espero que seja a publicação (...) "
(Falante do Português do Brasil.),

[*trabalho*]

[***cujo ápice***

[*espero*]

que (***cujo ápice***) *seja a publicação*] ;

"(...) hic [Demosthenes], **quem** praestitisse diximus [110] ceteris, in illa pro Ctesiphonte oratione longe optima, summissius a primo, deinde, dum de legibus disputat, pressius, post sensim incendens iudices, ut uidit ardentes, in reliquis exsultauit audacius (...)"
(Cicéron: *idem*, 9),

[110] *Idem.*

[*hic*]

[***quem***

[*diximus*]

(***quem***) *praestitisse ceteris*]

[*exsultauit*] ,

[*esse*]

[***que***

[*dissemos*]

(***que***) *ter superado os outros*]

[*se inflamou*] ;

" — (...) intenção artística **que** não é honesto negar (...) "

(Falante do Português do Brasil.),

[*intenção artística*]

[***que***

[*não é honesto*]

negar (***que***)] ;

"(...) minime probabili more turpe erat docere **quod** honestum erat [111] discere (...)"

(Sénèque le Rhéteur: 1932),

[*minime probabili more*]

[*turpe erat*]

[*docere* (*id*)]

[***quod***

[*honestum erat*]

discere (***quod***)] ,

[111] *Idem.*

[*costume reprovável*]
[*era torpe*]
[*ensinar o*]
[***que***
[*era honesto*]
aprender (***que***)] .

Segundo a interpretação que se propõe aqui, nenhum "entrelaçamento" ocorre, não há "variedade" alguma:

[*as crianças de classe baixa*]
[*se acredita que*]
[***que*** *falam uma língua "oral"*] ,

As crianças de classe baixa.
Se acredita [*Acredita-se*] *que:*
que [***essas***] *falam uma língua "oral"* . ,

As crianças de classe baixa.
Que [***Essas***]
se acredita que
falam uma língua "oral" . ;

[*essas coisas*]
[*a gente se surpreende*]
[*quando vê que*]
[***que*** *ainda existem*] ,

Essas coisas.
A gente se surpreende
quando vê que:
que [***essas***] *ainda existem.* ,

Essas coisas.
Que [***Essas***]
a gente se surpreende quando vê que
ainda existem. ;

[*trabalho*]
[*espero que*]
[***cujo*** *ápice seja a publicação*] ,

Trabalho.
Espero que:
cujo *ápice* [***de que*** *o ápice*] [***desse*** *o ápice*] *seja a publicação.* ,

Trabalho.
Cujo [***De que*** *o*] [***Desse*** *o*] *ápice*
espero que
seja a publicação. ;

[*hic*]
[*diximus*]
[***quem*** *praestitisse ceteris*]
[*exsultauit*] ,

[*esse*]
[*dissemos*]
[***que** ter superado os outros*]
[*se inflamou*] ,

Esse
— dissemos
que [***esse***] *ter superado os outros —*
se inflamou. ,

Esse
*— **que** [**esse**]*
dissemos
ter superado os outros —
se inflamou. ;

[*intenção artística*]
[*negar **que***]
[*não é honesto*] ,

Intenção artística.
*Negar **que** [**essa**]*
não é honesto. ,

Intenção artística.
***Que** [**Essa**] negar*
não é honesto. ,

Intenção artística.
Que *[**Essa**]*
não é honesto
negar. ;

[minime probabili more]
[turpe erat]
*[docere **quod**]*
[(quod) discere]
[honestum erat] ,

[costume reprovável]
[era torpe]
*[ensinar **aquilo**]*
[(aquilo) aprender]
[era honesto] ,

Costume reprovável,
era torpe
*ensinar **aquilo**.*
(Que) [Aquilo] aprender
era honesto.

Costume reprovável,
era torpe
*ensinar **aquilo**.*
(Que) [Aquilo]
era honesto
aprender.

Quem praestitisse ceteris, negar que, quod discere de fato não adjetivam nada. Paralelamente são desprovidos da "inteireza" sintática perseguida aqui, por isso ligados a outra oração; não veiculam uma informação "inteira", como "alguém fez algo" ou "alguém é isso", "algo é aquilo", inteireza informacional associável a autonomia sintática, e melhor lhes cabe tão-somente o *status* de sintagma nominal, sendo núcleo um infinitivo com actante(s) expresso(s), possibilidade da própria "semântica verbal" dessa forma nominal. Mais pertinente do que indagar se são "adjetivas" é questionar se são mesmo orações: ora, o infinitivo é um nome substantivo, e esses conjuntos são sintagmas formados basicamente por nome substantivo infinitivo e pronome relativo — demonstrativo — . Se, em vez de infinitivos, houvesse modos "desenvolvidos", aí se teriam orações, cada uma veiculando uma informação "inteira", depreensível de qualquer oração "adjetiva", e não um dado adjetival, que não é exatamente o que se pode depreender nem de oração "adjetiva" nem do conjunto formado pela "falsa adjetiva" — independentemente do verbo — mais a(s) oração(-ões) com que está: *quem praestitisse ceteris* sendo "falsa adjetiva", *quem praestitisse diximus ceteris* deve ser "dupla falsa adjetiva", assim como *qui ceteris praestitit* e *que dissemos que superou os outros*. Ademais se deveria falar também de "falsa subordinada", porque infielmente subordinada a duas.

Tão absurdo quanto dizer, por exemplo, que existem alguns tipos de sujeito dos quais um é o sujeito inexistente é afirmar que existem alguns tipos de oração adjetiva dos quais um é a que não é adjetiva. Essa pelo menos existe, mas, se é "falsa adjetiva", "verdadeiramente" é o quê?

Anterior ao Estruturalismo é o hábito, tradicional portanto, de considerar também à parte as orações relativas que possuem "sentido adverbial". Daí nascem as extensas listas de "relativas impróprias", em que não podem faltar os tão repetidos exemplos

> "1° **but:** Misit legatos **qui** *(ut ii)* pacem pet**erent**. *Il envoya des ambassadeurs pour demander la paix (afin qu'ils demandassent la paix).*" (Cart *et alii*, *idem*, 146),

"**Relative de conséquence.** (...)

Dignus est qui imperet. *Il est digne de commander (qu'il commande).*
Dignus est cui omnes pareant. *Il mérite que tous lui obéissent.*"
(Cart *et alii*, *idem*, 147),

como se essas realizações não fossem sintaticamente idênticas às relativas "próprias". O sentido adverbial é construído por uma leitura de tendenciosidade que parece desconsiderar a identidade estrutural para favorecer uma tipologia semântica, uma semântica descolada da construção, sobreposta a ela:

"**Relative au subjonctif.** La proposition relative a parfois son verbe au subjonctif.
Elle équivaut alors à un *complément circonstanciel* du verbe principal. Elle exprime: un **but**, une **conséquence**, une **cause**, une **concession**.

qui = **ut** ego, ut tu, ut is, *pour que je, tu, il...* (but)
qui = **ut** ego, ut tu, ut is, *de sorte que je, tu, il...* (conséquence)
qui = **cum** ego, cum tu, cum is, *puisque je, tu, il...* (cause)
qui = **cum** ego, cum tu, cum is, *quoique je, tu, il...* (concession)

(...)

2° **conséquence:** Is est **quem** *(ut eum)* omnes admi**rentur**. *Il est tel que tous l'admirent.*

3° **cause:** Fortunatus **qui** *(cum is)* tam pulchra vi**derit**. *Heureux qui a vu de si belles choses (puisqu'il a vu de si belles choses).*

(...)

4° **concession:** Aristides, **qui** (cum is)[*sic*, sem itálico] ditissimus esse **posset**, pauper mortuus est. *Aristide, qui eût pu être très riche, mourut pauvre (bien qu'il eût pu être très riche).*"
(Cart *et alii*, *idem*, 146).

Toda leitura tende, e a tendência — ou tendenciosidade! — da leitura proposta aqui é o contrário; busca de um sentido sintático da própria construção, afasta toda pretensão de refinamento semântico, discernidor de especialidades semânticas a despeito da identidade sintática. *Qui* não é "igual" a *ut* mais sujeito nem a *cum* mais sujeito; *qui tam pulchra uiderit* não "exprime" causa em *fortunatus qui tam pulchra uiderit*. Domínio semanticotextual, a modulação trazida pelo subjuntivo não torna imprópria a relativa; aponta a impropriedade da certeza de subordinação. Essa modulação, essa cor semanticotextual que faz pensar em equivalência adverbial, esse desconcertante elemento a mais e além da lisura que produz a sensação de simples dependência, é índice de que a parataxe não foi aniquilada pela hipotaxe e, resgatável, acolhe uma reconsideração que não se reduz forçosamente a artifício de análise:

Misit legatos.
***Qui** pacem peterent.* ,

Enviou emissários.
***Esses** pedissem a paz.*

Mais do que isso, **é** paratática a construção

Dignus est.
***Qui** imperet.* ,

É digno.

***Esse** comande.* ,

e

Dignus est.

***Cui** omnes pareant.* ,

É digno.

***A esse** todos obedeçam.* ;

aí não há oração relativa, e o pronome relativo é precisamente demonstrativo.

"Falsa adjetiva" e "relativa imprópria" talvez sejam falsos discernimentos, impropriamente demarcados, e por isso mesmo colaboram para a interpretação aqui pretendida, assim como estas "ligações perigosas":

> "(...) Concepção idealística ligada ao neokantismo, e em **que** se afirma [112] a singularidade absoluta dos fatos históricos e a subjetividade, tb. absoluta, da sua apreensão. (...)
> (Ferreira: 1971, verbete **historicismo**),

coordenação de elemento adjetival com oração relativa e pronome relativo em situação adverbial;

> "**separata:** [*sic*, negrito nos dois-pontos] Publicação de parte de um trabalho (artigo de periódico, capítulo de livro, colaborações em coletâneas etc.), mantendo exatamente as mesmas características

[112] *Idem.*

> tipográficas e de formatação da obra original, **que** recebe [113] uma capa, com as respectivas informações que a vinculam ao todo, e a expressão 'Separata de' em evidência. (...)"
> (Associação Brasileira de Normas Técnicas: 2000, 2),

> "Uma conseqüência da ampliação do repertório atual é a série em 8 programas *ANTON WEBERN — Densidade e Transparência* (lançamento da Deutsche Grammophon) e **que** será apresentada [114] às segundas, às 23 h (...)."
> (Torres: 2001, 1),

> "Art. 3°. Tributo é toda prestação pecuniária compulsória, em moeda ou **cujo** valor nela se possa exprimir [115] (...)"
> (Brasil. *Código Tributário Nacional*: 1999, 90),

coordenação de elemento ou de conjunto adverbial[116] com oração relativa;

> "(...) A todo instante surgem idéias **e que** são manifestadas de todas as maneiras."
> (Prova de Redação do Exame Nacional do Ensino Médio: 2001),

> "(...) O final do século XVII se caracterizou pela emancipação da forma da sonata barroca, **e que** se definiu (...)"
> (Cultura FM 103,3. *Banchetto Musicale*: 2001) [117],

---

[113] *Idem.*

[114] Os grifos e o negrito são meus.

[115] Os destaques são meus.

[116] A despeito da posição gerativista.

[117] Texto muito provavelmente **lido**.

"(...) ele [Getúlio Vargas] disporia da própria vida se houvesse um ataque armado **e que** ia haver... (...)"
(Conexão Roberto d'Avila: 2001),

"Hoje em dia a floresta esta [*sic*] sendo prejudicada com o desmatamento do homem [*sic*] .
E que não esta [*sic*] nem preocupada [*sic*] com que [*sic*] esta [*sic*] acontecendo com o meio ambiente. (...)"
(Prova de Redação do Exame Nacional do Ensino Médio: 2001),

coordenação de oração relativa com a oração anterior: em cada realização, não há elemento nem conjunto com que a oração relativa se coordene a não ser toda a oração "principal", e, dentro do pensamento que dicotomiza a Sintaxe em coordenação e subordinação, é isso mesmo que ocorre aí, coordenação de uma oração que não há por que deixar de chamar "relativa" com outra que não há por que chamar "principal". Seria atitude fácil e insuficiente atribuir um previsível juízo de valor às realizações e dizer que a conjunção seja "expletiva". Isso equivaleria a tirar do manejador da Língua o direito de expressar-se tão enfaticamente quanto quis ao dizer "A **e** B". Ele **disse** "A **e** B" sendo "B" oração com sujeito *que* — objeto em *e que ia haver* numa descrição artificialíssima — , **demonstrativo** cujo "antecedente" está na oração "A"; é do analista que se deve tirar o direito de manter-se indiferente e reafirmar que a oração relativa ou "adjetiva" **é** subordinada:

A todo instante surgem idéias.
*E **que** [**essas**] são manifestadas de todas as maneiras.* ,

O final do século XVII se caracterizou pela emancipação da forma da sonata barroca.
*E **que** [**essa**] se definiu.* ,

Disporia da própria vida se houvesse um ataque armado.
E ***que*** *[**esse**] ia haver. ,*

A floresta está sendo prejudicada com o desmatamento realizado pelo homem.
E ***que*** *[**esse**] não está nem preocupado com o que está acontecendo com o meio.*

E a coordenação pode mesmo ser assindética,

> "O desenvolvimento industrial é muito grande, **que** é necessário, mas a preservação é mais importante."
> (Prova de Redação do Exame Nacional do Ensino Médio: 2001),

O desenvolvimento industrial é muito grande.
Que *[**Esse**] é necessário,*
mas a preservação é mais importante. ,

uma vez que a presença de conjunção apenas explicita o tipo de relação que se quer estabelecer entre uma parte e outra — aliás aqui se considera a conjunção um elemento externo a qualquer parte; enquanto elo, pertence não a uma parte mas ao todo, que é o discurso [118] — . O que sustenta a independência da oração é a demonstratividade do pronome relativo. Também esse não pode enquadrar-se na simploriedade da idéia de "vocábulo expletivo", nem aí nem fora de oração constituída:

> " — lisboa vai tendo também já problemas desses não tão agudos como cá penso eu... mas também... e agora está numa fase de desenvolvimento... com a entrada portanto de portugal no cce com o com os grandes problemas do da do do grande mercado

[118] Desconsidere-se a chamada "conjunção integrante", conforme se anunciou na Introdução e reiterou em segmentações seguintes.

que é europa também vai havendo problemas do gênero **que** embora:: em menor em menor escala "
(Gomes: 1996),

[*também vai havendo problemas do gênero*]
[***que*** *embora em menor escala*] ,

Também vai havendo problemas do gênero.
Que [***Esses***] *embora* [advérbio] *em menor escala.* ;

"Libertas, quae sera tamen (...)"
(Vergílio: 1982, 34),

de que se apropriaram — impropriamente? — os Inconfidentes para expressar o desejo de

Liberdade.
Que [***Essa***] "*tardia emb-ora*" [advérbio] . ,

então

Libertas.
Quae *sera tamen.* ,

[*libertas*]
[***quae*** *sera tamen*] ,

a partir da possibilidade deixada por Vergílio e, bem mais amplamente, oferecida pela Língua.

5
E A GRAMATICALIZAÇÃO?

É possível, se não provável, intuir que o discurso tecido até aqui pressuponha equivocada a idéia de gramaticalização, pelo menos se aplicada ao pronome relativo e à oração "adjetiva".

Não pressupõe. Em contrapartida, também não a pressupõe tão óbvia e indiscutivelmente verdadeira como, em geral, parecem pressupor algumas teorizações recentes, sobretudo de orientação funcionalista.

Já se encontra em Câmara Júnior (*idem*, verbete **gramaticalização**):

> "GRAMATICALIZAÇÃO — Processo que consiste em transformar vocábulos lexicais, ou palavras, providos de semantema, em vocábulos gramaticais. É em princípio a origem diacrônica de todos estes últimos vocábulos. Quando num estado lingüístico coexistem a palavra e o vocábulo gramatical, decorrente da gramaticalização, tem-se um caso de derivação imprópria; ex.: *salvo* — particípio ou preposição (*O menino está salvo — Entraram todos, salvo ele*). Às vezes a gramaticalização é esporádica [?] , como a de *caso* em conjunção condicional: '*Esta aí! sim, responderia / caso pudesse falar* ' (Correia, Poesias, I, 147).".

Diz Carreter (1974, verbete **gramaticalización**):

> "**Gramaticalización.** (...) Proceso mediante el cual una palabra se vacía de contenido significativo, para convertirse en mero instrumento gramatical. Así, por ejemplo, *haber* ha perdido su significado 'tener, poseer', para convertirse en un simple morfema que sirve para la formación de los tiempos compuestos: se ha gramaticalizado. Lo mismo ocurre con el sustantivo *mente*, que hoy

> es un sufijo para formar adverbios de modo, o con el verbo *andar*, en frases como *anda enamorado*, *anda metido en negocios*, etc.".

Conforme Neves (1998, 46),

> "*Gramaticalização* é um termo que não tem sido definido de maneira uniforme pelos diversos estudiosos. Entretanto, segundo Traugott e Heine (1991), pode-se dizer que o termo se refere à parte da teoria da linguagem que tem por objeto a interdependência entre o categorial e o menos categorial, entre o fixo e o menos fixo na língua.
>
> É fácil mostrar a existência de palavras funcionais originadas em palavras de conteúdo lexical e que constituem, pois, o que se poderia considerar como as instâncias prototípicas da 'gramaticalização'. São casos, por exemplo, como o das preposições *durante* e *mediante*, ou das conjunções *consoante*, *conforme*, *segundo*, *apenas*, *mal*. Por outro lado, muitos autores não exigem nem mesmo um ponto de partida no material lexical, para a consideração do processo da gramaticalização, incluindo também nesse processo o percurso feito a partir de um elemento já gramatical."

Ainda que, segundo Neves (*idem*, *ibidem*), o termo não venha sendo definido de maneira uniforme, o modo como os autores se expressam ao falar de gramaticalização deixa transparecer que a obviedade da existência de vocábulos gramaticais é consenso. Aqui se insiste em discordar dessa obviedade.

Em primeiro lugar, Câmara Júnior (*idem*, *ibidem*) talvez não tenha sido preciso na escolha do verbo *transformar*, que a rigor significa fazer mudar de forma, e um vocábulo não necessariamente sofre mudança ao passar de "lexical" a "gramatical", não enquanto propriamente vocábulo, forma. Pode também causar espécie a voz ativa, que permite imaginar uma

transformação proposital, experimental, um sujeito ativo manipulando vocábulos, brincando de forjar metaplasmos. Contudo, é certo que as palavras não se transformam a si mesmas; são transformadas por "sujeitos ativos", o que seguramente redime o autor quanto à voz do verbo — não quanto ao verbo — . O problema está nos exemplos. *Salvo* mesmo quando "preposição" mantém a idéia de **exclusão** que há no particípio; em

Entraram todos, salvo ele. ,

salvo ele de fato não tem nada que ver com perigo, lugar comum de que todos querem ser salvos, mas não está apagada aí a idéia de exclusão, de exceção. Pode-se à vontade classificar *caso* como "conjunção" condicional, que jamais deixa de estar a idéia aproximada de ocorrência, situação; em

Esta aí! sim, responderia caso pudesse falar. ,

caso pudesse falar equivale perfeitamente a *no **caso** de poder falar, na situação de poder falar. Caso pudesse falar* e também *salvo ele* podem ser interpretados como orações expressas sem conectivos, potencialidade da Língua, e, aí, *salvo ele* corresponde em Português à "enxutez" do ablativo absoluto latino e continua particípio.

Carreter (*idem, ibidem*) não ilustra bem seu "mero instrumento gramatical". *Andar* em

Anda enamorado.

e em

Anda metido en negocios.

não está desprovido do "caminhar" continuativo que permanece na idéia de que alguém tem estado enamorado ou tem estado envolvido em negócios, dos quais talvez não venha querendo ou não venha conseguindo sair. E se fosse verdade que "*haber* ha **perdido**[119] su significado 'tener, poseer', para convertirse en un simple morfema que sirve para la formación de los tiempos compuestos", o autor provavelmente teria dito "*haber* **perdió** su significado" e não "*haber* **ha perdido**[120] su significado", uma vez que, diferentemente do que se deu em Francês, em Castelhano se manteve no verbo *haber* do *pretérito perfecto compuesto* a idéia de resultado e, portanto, de permanência da "ação" verbal, justamente porque continua nesse verbo, mesmo quando "**simple** morfema que **sirve** [121] para la formación de los tiempos compuestos", a idéia de "tenência"; competente nativo em Castelhano, o autor se trai ao usar o verbo *haber*, com propriedade mas ironicamente nesse momento.

Quanto ao que diz Neves (*idem, ibidem*), aqui parece que **não** "é fácil mostrar a existência de palavras funcionais originadas em palavras de conteúdo lexical e que constituem, pois, o que se poderia considerar como as instâncias prototípicas da 'gramaticalização'". Não com os exemplos trazidos. As "preposições" *durante* e *mediante* mantêm, sim, sua "participiedade presente", e o mesmo se afirma aqui para *consoante*, que, se pode, como lembra a autora, ser "conjunção", pode também ser "preposição": *durante algo* é *enquanto algo dura, estando algo durando / "durante"* ; *mediante algo* é *pela mediação de algo, se algo medeia, estando algo mediando / "mediante"* ; *consoante se age* é *em conso(n)ância com o agir, estando o agir conso(n)ando / "conso(n)ante"* ; *consoante algo* é *em conso(n)ância com algo, estando algo conso(n)ando / "conso(n)ante"*. *Conforme*, que, além de poder ser, como lembra a autora, "conjunção", também pode ser "preposição", mantém a idéia de conformidade: *conforme se age* é *em conformidade com o agir, estando* ou *sendo o agir con-forme*; *conforme algo* é *em conformidade com algo, estando*

---

[119] O negrito é meu.

[120] *Idem.*

[121] Os negritos são meus.

ou *sendo algo con-forme*. Quando acima se disse "conforme Neves", logo depois se transcreveram palavras suas, tentando-se, aliás, manter a **forma** como haviam sido expressas, para que, metonimicamente, Neves também se mantivesse **conforme** e depois aqui se pudesse propor *conforme Neves* como sintagma nominal, **adjetivo** e substantivo, "ablativo absoluto" — entre muitas aspas! — , sem nenhum apelo a gramaticalização. *Segundo*, que, além de "conjunção", também pode ser "preposição", não perdeu a idéia de ter algo como primeiro, como referência, de estar na esteira de algo, de segui-lo: *segundo se age* é *tendo o agir como primeiro, seguindo o agir, sendo* ***segundo*** *relativamente ao agir* ; *segundo algo* é *tendo algo como primeiro, seguindo algo, sendo* ***segundo*** *relativamente a algo*. Quando aqui se disse "segundo Neves", teve-se a intenção de deixar claro que **primeiro ela** afirmou que "*Gramaticalização* é um termo que não tem sido definido de maneira uniforme pelos diversos estudiosos.". *Apenas* e *mal*, se perderam a idéia pretensamente exata de pena(s), sofrimento, insatisfação, seguramente contêm ainda a idéia de limitação, estreiteza, aperto, aqui abordada como una e ligada à primeira: *apenas entrou, saiu* é *foi tão curto o lapso entre a entrada e a saída que antes de sair* ***somente*** *entrou,* ***apenas*** *entrou* ; *mal entrou, saiu* é *foi tão curto o lapso entre a entrada e a saída que é como se tivesse entrado* ***não "bem"****, inacabadamente*.

Não se está aqui negando a gramaticalização. É percepção válida e rendosa para alguma sorte de sistematização ou ressistematização lingüística. Mas se vê um incômodo um tanto brutal: talvez seja excesso chamá-la "percepção", porque incide sobre um fenômeno em si grosseiramente sensível, que é a extensão de significados. Essa até se pode imputar de óbvia e indiscutível, se é que existe algo assim. Aqui se disse **extensão** de significados, **não apagamento**, não alteração aleatória, cuja admissão teórica é o incômodo brutal. Não ocorre o esvaziamento proposto pela gramaticalização; ocorre um enfraquecimento que ela trata de radicalizar, sem sutileza, e a consideração de mudança de classe gramatical muitas vezes parece ser conseqüência não da gramaticalização entendida como enfraquecimento, mas dessa radicalização equivocada.

Note-se que acima não se propôs *segundo Neves* como sintagma nominal. *Segundo* não determina *Neves*, e **por isso** não há concordância; ora, Neves foi aqui **a primeira** que disse que "*Gramaticalização* é um termo que não tem sido definido de maneira uniforme pelos diversos estudiosos.". Também não se propõe um sujeito implícito, mais *segundo*, ainda numeral ordinal, determinando esse sujeito, mais ainda algo como *relativamente a* para justificar *Neves*, "algo segundo relativamente a Neves". Tampouco sujeito implícito, mais *segundo* como forma nominal **ainda** evocando *sequor*, e então *Neves* como objeto direto, "alguém 'seguinte' Neves"... Essas hipóteses devem ser insustentáveis porque exigem tamanho recuo, que não se encontrariam ecos. Aliás já em Latim *secundum* "funciona" como "preposição" — aqui sempre aspas como lembrete insistente da rejeição de qualquer abordagem lingüística que descreve fatos sem arriscar interpretá-los — . Aí deve acionar-se a idéia de gramaticalização: no momento em que o recuo não mais encontra eco.

Aqui se tem consciência da subjetividade sugerida, do escorregadio que há nisso. Não se propõe nenhum critério preciso, seguro. Não é o Latim que ordena. Por exemplo, não se rejeitou em Carreter (*idem*, *ibidem*) a inclusão de *mente* nos exemplos de gramaticalização: embora em Latim tardio estivesse presente a idéia do substantivo, parece que de fato não mais está; o processo de mudança já atingiu o nível mórfico talvez justamente porque não se saiu do campo da adverbialidade, em se considerando o conjunto *mente* mais o adjetivo que hoje é parte do vocábulo, ou seja, não houve a deriva em geral pretendida pelas teorizações sobre gramaticalização, que verificam os processos de fato ocorridos — aí está a obviedade — mas os interpretam radicalmente.

Não se vai falar de "bom senso", que não passa de senso comum — afinal o que é "bom"? — , e o único "critério" que se pode, aqui, mencionar é o da busca de um **sentido sintático na Sintaxe**, que não rechaça as mudanças produzidas pelo tempo, porque mudança não é aniquilamento de sentido.

Com toda essa ressalva, o que mais interessa para este discurso é a afirmação de que se acata a idéia de gramaticalização. O fenômeno bem pode haver incidido sobre o que passou a ser "pronome relativo" e — por conseguinte?

— "oração relativa". Retomando-se a citação da página 43 deste Trabalho — e as ressalvas da página 44 — , reproduz-se novamente Monteil (*idem*, *ibidem*):

> "(...) une (...) **innovation** [do Latim], commune avec les autres langues italiques, consiste en l'**emploi en fonction relative de l'interrogatif-indéfini** [122]. **L'indo-européen ne paraît pas avoir possédé un pronom strictement affecté à la fonction relative, et les langues historiques se sont procuré cet outil syntaxique en affectant à la fonction relative des pronoms le plus souvent anaphoriques** (gr. ὅς, ἥ [*sic*] , ὅ, skr. *yáh*, *yá*, *yád*) **; parfois interrogatifs-indéfinis** [123] (hittite, italique) (...)".

De fato, dizer "l'emploi en fonction relative de l'interrogatif-indéfini [latino]" é propor gramaticalização do "pronome interrogativo-indefinido" latino, com resultado em "pronome relativo". Essa observação todavia **não** se inclina a ilustrar por que "muitos autores não exigem nem mesmo um ponto de partida no material lexical, para a consideração do processo da gramaticalização, incluindo também nesse processo o percurso feito a partir de um elemento já gramatical" (Neves: *idem*, *ibidem*), uma vez que em nenhum sentido se pode afirmar que pronome interrogativo e pronome indefinido sejam vocábulos gramaticais, independentemente da postura aqui assumida contra a idéia geral de "forma vazia". Dizer que o pronome relativo seja o "pronome interrogativo-indefinido" gramaticalizado não é propor nem "forma vazia" novamente gramaticalizada — um tipo de gramaticalização sobre gramaticalização, ou gramaticalização continuada, ou gramaticalização de vocábulo "mitologicamente gramatical" — nem palavra gramaticalizada em "forma vazia": gramaticalização não gera "forma vazia" porque "forma vazia" não é gerado.

É curiosa a expressão "un pronom strictement affecté à la fonction relative", de Monteil (*idem*, *ibidem*), pressuposição de que pudesse ter havido

---

[122] *Idem.*

[123] O negrito é meu.

uma função relativa prévia, mitológica, cuja inexistência no indo-europeu tenha sido acidental, lacunar, motivo de as línguas históricas haver apelado para "**la fonction relative des** pronoms **le plus souvent anaphoriques; parfois interrogatifs-indéfinis** [124] ". Ora, "a função relativa" deve ser resultado de um processo ocorrido sobre a **foricidade** e, portanto, como já se argumentou aqui, a **demonstratividade** de **pronome plenamente significativo**. Esse processo deve ter-se engendrado por meio da **identidade referencial** entre o pronome e o termo retomado ou prenunciado: ambos têm o mesmo objeto de referencialidade, fato que os identifica muitas vezes materialmente, ou seja, morficamente, valendo lembrar que a concordância é vista aqui como recurso textual que informa ligações de mundo. Talvez esteja aí a constituição da **afinidade semanticotextual** que produz, sim, a **sensação** de dependência, de "subordinação", mas que pode ser considerada alheia a um olhar *stricto sensu* **sintático**, preocupado com "inteireza **sintática**", com um **sentido sintático da Sintaxe**, não um sentido referencial, semanticotextual, pragmático, que penetra a Sintaxe, mas não a constitui, e, sim, um **sentido mitologicamente constitutivo das próprias construções**. O sentido de partição que há em *de* é que constitui o sintagma *de madeira* e diz que uma mesa saiu dessa matéria em *mesa de madeira*, sem nenhuma relação com referencialidade nem mesmo intratextual.

Porém, o afastamento da consideração de subordinação parace inaugurar uma ansiedade. Aquela afinidade entre o pronome relativo e o termo evocado parece requerer alguma teorização; mais do que a afinidade em si, o peso semanticotextual dessa afinidade; mais ainda, o peso que se verifica na afinidade entre o termo e o pronome relativo da oração "adjetiva" **restritiva**.

Para o encontro da oração "principal" com a oração "adjetiva" **explicativa** parece suficiente propor aposição, dizer que esta se apõe àquela e "busca" um termo ali presente. Em

---

[124] Os negritos são meus.

alma minha gentil,
que te partiste tão cedo desta vida descontente,
repousa lá no céu eternamente ,

que **é** *alma* (*minha gentil*), mas não se pode afirmar que *alma* (*minha gentil*) não seja senão aquela que se partiu tão cedo desta vida descontente; ao menos não se necessita afirmar isso para que se deixe claro de que alma se está falando: o eu poético dirige-se à alma da amada, identificando-a como "alma minha gentil"; então, essa é a alma a quem fala o eu poético, e essa é a alma de que fala o poeta, conjugando o verbo da oração "adjetiva" explicativa na segunda pessoa do singular. O poeta intercala *que te partiste tão cedo desta vida descontente* em *alma minha gentil, repousa lá no céu eternamente* apoiado na afinidade semanticotextual entre *alma* e *que*, mas essa afinidade não faz a expressão de *que te partiste tão cedo desta vida descontente* necessária para a identificação de *alma*. Em textos modernos e edições modernas de textos antigos desguarnecidos de pontuação gráfica original, a oração "adjetiva" explicativa deve mesmo ser grafada entre vírgulas, se intercalada na oração "principal", ou separada por vírgula, se posposta ou anteposta a essa, marcando-se, de qualquer forma, uma aposição quase parentética quanto à identificação, por assim dizer, objetiva, cognitiva, do termo a que o pronome relativo diz respeito.

Entretanto, no encontro da oração "principal" com a oração "adjetiva" **restritiva** o peso semanticotextual da afinidade entre o pronome relativo e o termo a que ele diz respeito é tal, que o objeto referencial desse termo é especificado, restringido, pela oração restritiva; **não é, na intenção do enunciado, senão aquilo que a oração restritiva diz** sobre ele: aqui se propõe dar a isso o nome de **foridentificação**, uma vez que o termo é **foricamente identificado** ao pronome relativo, que, por sua vez, carrega toda a informação veiculada pela oração restritiva. O que faz o objeto referencial do termo ser especificado pela oração restritiva é o próprio termo ser foricamente identificado ao pronome relativo. Espera-se que isso não seja criar nome novo

para coisa velha, mas distinguir o mais precisamente possível um fenômeno específico de referencialidade, relacionado com o "mútuo espelhamento" aqui já proposto. No "mútuo espelhamento", o fato de o termo da oração "principal" preencher de especificidade o pronome relativo ocorre sempre, e sempre igual, independe de ocorrer ou não o fenômeno da foridentificação, ou seja, independe de tratar-se de oração restritiva ou de tratar-se de oração explicativa, simplesmente porque o elemento fórico busca seu objeto; é no outro lado do espelhamento que está a diferença: o fato de a oração "adjetiva" desdobrar o termo da "principal" também ocorre sempre, mas não é **semanticotextualmente** sempre igual, porque o **peso semanticotextual** que há no desdobramento é dado em função de tratar-se de oração restritiva ou de tratar-se de oração explicativa, ou seja, justamente em função de ocorrer ou não o fenômeno da foridentificação. Em

você
que só ganha pra juntar (,)
o que é que há?
diz pra mim o que é que há
(Toquinho: 1996) [125] ,

talvez haja tendência de separar com vírgulas *que só ganha pra juntar*, considerando-se oração "adjetiva" explicativa, dado o caráter dêitico de *você*, que sugere que já esteja apontado o objeto referencial, suficientemente identificado, detectado; entretanto, parece mais adequado considerar "adjetiva" restritiva a oração, porque se nota que não é a qualquer receptor, ou interlocutor — não deixa de ser! — , que se dirige o eu poético, mas é àquele que só ganha pra juntar ; então, *você* não é senão *que*, e "*que*" só ganha pra juntar, o que restringe o grupo de interlocutores àqueles que pretensamente só ganham pra juntar, ou seja, *você* é foricamente identificado a *que*. A afinidade semanticotextual entre *você* e *que* tem o peso da identificação de *você* a *que*,

[125] Aqui não se respeitou o modo como a letra está no encarte.

e é por isso que não faz sentido estabelecer virgulação entre *você* (,) *o que é que há?* — interpretando-se *há* como *possui*, ou *o que é que há?* como lexia frasal antecipada a *diz pra mim* — e *que só ganha pra juntar*. Mais ainda aqui se justifica a intercalação da oração "adjetiva" na oração "principal", logo após o chamado nódulo sintático, que aqui se chamaria ponto de identificação fórica semanticotextual, ou seja, ponto da **foridentificação**: há o que antes se chamou "identidade referencial" — *você* e *que* têm o mesmo objeto de referencialidade, que é o interlocutor que só ganha pra juntar — ; produz-se o que antes se disse "afinidade semanticotextual" — *você* e *que* são, pois, afins semanticotextualmente, espelham-se mutuamente, conforme *você* preenche de especificidade *que* e *que só ganha pra juntar* desdobra *você* — ; essa afinidade tem o peso de "foridentificação", próprio do encontro entre oração "principal" e oração "adjetiva" restritiva, ou seja, o desdobramento de *você* em *que só ganha pra juntar* é semanticotextualmente indispensável para a identificação de *você*. Tudo isso, no entanto, pode permanecer afastado da idéia de subordinação: se se admite "conteúdo" no pronome relativo, *que só ganha pra juntar* pode interpretar-se como oração aposta, **sintaticamente plena**, e a esse dado **sintático** acresce o dado **semanticotextual** da foridentificação.

O peso que pode ter na semântica do texto a afinidade entre o pronome relativo e o termo a que ele diz respeito é consensual entre os estudiosos. Por exemplo Cunha e Cintra (*idem*, 588) dizem:

> "As RESTRITIVAS, como o nome indica, restringem, limitam, precisam a significação do substantivo (ou pronome) antecedente. São, por conseguinte, indispensáveis ao sentido da frase (...)".

Todavia, não se pode deixar de observar a incoerência que existe entre isso e a consideração de que a oração "adjetiva", como "adjunto adnominal", seja "termo acessório" da oração "principal", assim como não se poderia indiscriminadamente considerar "termo acessório" todo "adjunto adnominal". Por exemplo os mesmos autores dizem, poucas páginas antes (*idem*, 584):

> "Neste exemplo:
>
> Não desaprendi as lições **recebidas**.
>
> o adjunto adnominal, TERMO ACESSÓRIO, está expresso pelo adjetivo *recebidas*.
>
> Mas, se quiséssemos, poderíamos ter substituído o adjetivo *recebidas* por *que recebi*:
>
> Não desaprendi as lições **que recebi**.
>
> Teríamos, neste caso, como adjunto adnominal de *lições* a oração *que recebi*. Por outras palavras: teríamos um TERMO ACESSÓRIO representado por uma oração.".

De certa maneira, essa incoerência agrava-se vista por um discurso que entende a oração "subordinada adjetiva" nem como adjetiva nem como subordinada.

A variação daquele peso, ou, em outras palavras, a possibilidade de ocorrer ou não o fenômeno da foridentificação, talvez diga algo sobre a gramaticalização da oração "adjetiva". Pode render como problema teórico a hipótese de essa variação indicar heterogeneidade entre a gramaticalização que resultou na oração "adjetiva" restritiva e a que resultou na oração "adjetiva" explicativa. É plausível suspeitar de estágios de gramaticalização diversos, pressupondo-se que a "adjetiva" restritiva represente um estágio mais avançado, em que a relação entre o pronome relativo e o termo a que ele diz respeito seja mesmo o termo exigir o pronome e a informação veiculada pela oração "adjetiva", tamanho o "esvaziamento" do pronome diante do preenchimento *in loco*. Isso talvez fizesse indagar se continua em andamento a gramaticalização que já resultou na "adjetiva" explicativa.

Aqui se acredita que a já efetivada gramaticalização que produziu a oração relativa tenha sido processo uno, independente do peso da afinidade

entre o pronome relativo e o termo a que ele diz respeito. Esse peso está em função do sentido textual: a aposição de uma informação no discurso pode ser acréscimo, por assim dizer, paralelo e pode ser definição do já enunciado; isso nada tem que ver com gramaticalização, pelo menos consoante o entendimento que aqui se tem do processo. Em vez de

roga a Deus
que tão cedo de cá me leve a ver-te quão cedo de meus olhos te levou;
*"**esse**" teus anos encurtou*

ou

roga a Deus
*— "**esse**" teus anos encurtou —*
que tão cedo de cá me leve a ver-te quão cedo de meus olhos te levou ,

a gramaticalização operou

roga a Deus,
que teus anos encurtou
[aqui interpretado mesmo como
"esse" teus anos encurtou] ,
que tão cedo de cá me leve a ver-te quão cedo de meus olhos te levou .

Igualmente, em vez de

se vires que pode merecer-te algũa cousa a dor
*"**essa**" me ficou da mágoa, sem remédio, de perder-te,*
roga a Deus

— sendo a dor "essa" e não outra — , a gramaticalização operou

se vires que pode merecer-te algũa cousa a dor
que me ficou da mágoa, sem remédio, de perder-te
[aqui interpretado mesmo como
"*essa*" *me ficou da mágoa, sem remédio, de perder-te*],
roga a Deus .

Mesmo a "adjetiva" restritiva, que parece algo "completamente gramaticalizado", independe da idéia de subordinação, contanto que se admitam o conteúdo semântico do pronome relativo e a dissociação entre foridentificação e "subordinação". A "adjetiva" explicativa aqui não se diria que esteja num estágio menos avançado de gramaticalização nem que o processo esteja em andamento; o caráter quase parentético relativamente à identificação do termo a que o pronome relativo diz respeito parece tornar mais cômodo atribuir "certaine autonomie" (Ernout; Thomas: *idem*, 333) a essa oração.

Uma apreciação canônica de

alma minha gentil,
que te partiste tão cedo desta vida descontente,
repousa lá no céu eternamente

enfatizaria a existência subentendida de *tu* antes ou depois de *alma minha gentil*,

[*tu,*] *alma minha gentil,*
que te partiste tão cedo desta vida descontente,
repousa lá no céu eternamente ,

alma minha gentil, como vocativo, interpretável como resquício de aposto daquele *tu* subentendido, ou

alma minha gentil, [*tu,*]
que te partiste tão cedo desta vida descontente,
repousa lá no céu eternamente ,

em que a preposição a *tu* de *alma minha gentil* garante seu *status* de legítimo vocativo. Ora, *tu* não está expresso, e subentender sua existência só vale enquanto consideração de que a alma gentil que se partiu tão cedo desta vida descontente é "tu" para o eu poético, uma vez que ele se dirige a ela e, por isso, diz *te partiste* e *repousa*. Não é preciso subentender *tu* para satisfazer o furor formalista angustiado com as concordâncias; vale o que se tem aqui chamado "ligação de mundo" para a relação entre o eu poético e a alma gentil que se partiu tão cedo desta vida descontente, sendo ela "tu" para ele quando ele se dirige a ela: essa é a concordância, e em

alma minha gentil,
que te partiste tão cedo desta vida descontente

que é sujeito de *te partiste* e dispensa o subentendimento de *tu* porque contém essa "substância", **é** a "alma gentil", e essa "alma gentil" **é** "tu" para o eu poético no momento da enunciação; o que preenche de especificidade *que* não é o subentendido *tu*, mas é *alma* (*minha gentil*), e a "idéia" de "tu" é carregada pela enunciação. *Que* é semanticotextualmente denso o suficiente para que a oração *que te partiste tão cedo desta vida descontente* possa "parar em pé", independendo sintaticamente de qualquer elemento externo.

Em

alma minha gentil,
que te partiste tão cedo desta vida descontente,
repousa lá no céu eternamente ,

o fato de o imperativo recair sobre a "alma gentil" parece colaborar para a integração de *alma minha gentil* no conjunto do enunciado. Difere

Pai nosso,
que estais no céu,
santificado seja o vosso nome

ou

Pater noster,
qui es in caelis,
sanctificetur nomen tuum ,

em que *Pai nosso* ou *Pater noster* pertence ao conjunto *Pai nosso, santificado seja o vosso nome* ou *Pater noster, sanctificetur nomen tuum* , mas, se, antes, a "alma gentil" é que deve repousar, aqui não é o "Pai nosso" que deve ser santificado — seria "ilógico" e, aliás, herético supor que o próprio Santíssimo devesse ser santificado — ; é o nome **d**'Ele, não Ele. A inserção de *Pai nosso* ou *Pater noster* no enunciado não se faz por via sintática. Afirma a Sintaxe Estrutural que o vocativo não tem lugar na cadeia sintagmática; não é função propriamente sintática, e aqui se considera que, em Latim e Grego, a quase absoluta coincidência entre a forma do nominativo e a do vocativo queira dizer que ambos não sejam exatamente casos: são formas próximas da base do vocábulo, que não experimentam bem a "queda" — o "caso" — das desinências porque têm a função precípua de apontar o conceito batizado com o nome mais do que inseri-lo no jogo sintático; o vocativo efetivamente não entra nesse jogo, e sua função, em vez de sintática, é pragmaticotextual. Então se vê melhor a fragilidade que há em recuperar o "verdadeiro antecedente" do pronome relativo. Em qualquer dos artifícios

[*Vós,*] *Pai nosso,*
que estais no céu,
santificado seja o vosso nome

ou

[*Tu,*] *Pater noster,*
qui es in caelis,
sanctificetur nomen tuum

ou

Pai nosso, [*Vós,*]
que estais no céu,
santificado seja o vosso nome

ou

Pater noster, [*Tu,*]
qui es in caelis,
sanctificetur nomen tuum ,

recuperar *Vós* ou *Tu*, que fica sintaticamente isolado, é propor anacoluto em prol de um pretenso rigor de análise, estabelecendo-se completa solução da pretendida continuidade. *Pai* (*nosso*) é que preenche de especificidade *que*, *Pater* (*noster*) é que preenche de especificidade *qui*, e o "Pai nosso" é majestaticamente "vós" para o fiel lusófono, o " Pater noster " é "tu" para o fiel que se expressa em Latim, ou seja, "vós" ou "tu" é carregado pela enunciação. Por outro lado, dum ponto de vista estritamente sintático aqui se considera que *Pai nosso* ou *Pater noster* também inexiste nesse contexto, uma vez que não traz ao **discurso** o **conceito** "Pai nosso", mas traz à **enunciação** o **chamamento** do "Pai nosso";

fala-se a Ele, mas não se fala d'Ele. Até por isso, a impossibilidade formal, sem apelo a silepse, sob o pretenso rigor da Sintaxe Lógica, de propor *Pai* (*nosso*) *estais no céu* ou *Pater* (*noster*) *es in caelis*, *Pai* ou *Pater* sujeito, colabora para dizer que o tão desejado *Vós* ou *Tu* "**está**" em *que* ou *qui*, pronome relativo semanticamente denso, sintaticamente autônomo.

Todavia, a fragilidade da recuperação do termo a que o pronome relativo "verdadeiramente" diz respeito não denota esvaziamento nem apagamento algum. Não tem nada tem que ver com gramaticalização, em nenhum sentido. Pelo contrário, sugere a plenitude do pronome e a "sustentação" da oração.

À "plenitude" do pronome relativo é que, aqui, se atribui a responsabilidade pela "ausência" do termo a que ele diz respeito e que a tradição, escolar ou academicamente concretizada, reluta para recuperar. O fato de concretizarem escolarmente a tradição não escusa a Cart *et alii* (*idem*, 38) o simplismo:

> "**Relatif sans antécédent.** Parfois l'antécédent manque.
>
> 1. **qui** = *celui qui.*
>
> Il faut rétablir l'antécédent sous la forme du pronom démonstratif *is*, *ea*, *id* de même nombre, même genre, et en général même cas que le relatif.
>
> **Qui** (= is qui) bene amat,[*sic*] bene castigat. *Celui qui aime bien, châtie bien.*
>
> Age **quod** (= id quod) agis. *Fais ce que tu fais.*
>
> 2. **qui** = et *celui-ci*, car *celui-ci*...
>
> **En tête de phrase** on a souvent affaire à un relatif *de liaison.* Il équivaut alors à un démonstratif de même nombre, genre et cas *(précédé de:* et, mais, or, car, donc *selon le contexte).*

> **Quae** vobis nota sunt. (= Ea...). *Et ces choses vous sont connues.* ".

"Falta" o "antecedente" ou ele **existe** no pronome relativo "**qui** = *celui qui* "? Aí, há "acumulação" — mais uma!? — , como pretende a Morfossintaxe Estrutural — o que faz pressupor, além do acúmulo de funções apontado no início deste Texto, também acúmulo de elementos, "subentendido" o elemento "antecedente" — , ou o pronome relativo **contém**, em si, carga demonstrativa, porque **é** demonstrativo?... Em "**qui** = et *celui-ci*, car *celui-ci*..." absolutamente não falta nada, transparecem aí a demonstratividade do pronome relativo e a independência sintática da oração, que não é relativa, e o item é que está fora de lugar.

Assim como se entende

***isso** vos é conhecido*

por

***quae** uobis nota sunt* ,

aqui se propõe

"***esse***" *bem ama,* ("*esse*") *bem castiga*

para

***qui** bene amat bene castigat* ,

e a gramaticalização produziu a sensação

o que bem ama bem castiga ,

sem esvaziamento e sem tornar relativa a oração *qui bene amat*. Também se propõe

"***Isso***" [topicalizado] *fazes. Faze* ("*isso*").

ou

Faze ("*isso*"). "***Isso***" [topicalizado] *fazes.*

para

age ***quod*** *agis* ,

e a gramaticalização produziu a sensação

faze o que fazes ,

sem esvaziamento e sem tornar relativa a oração *quod agis, apud* Coria (*idem*, 114) *quod agit*:

> "(...) earum [das causas] quidem forma duplex est, quarum altera delectationem sectatur audientium, alterius ut **obtineat, probet et efficiat quod agit**[126] ,[*sic*] omnis est suscepta contentio (...)",

contenda empreendida para que obtenha, prove e efetive ("*isso*"), "***isso***" *busca* ,

contenda empreendida para que obtenha, prove e efetive o que busca .

A tradição, por exemplo a francesa, não apenas traduz esse *quod* por *ce que*, *ce qui*, como fazem, parcialmente, Cart *et alii* (*idem*, *ibidem*), mas também

[126] O negrito é meu.

o dicionariza como verbete à parte do conjunto *qui*, *quae*, *quod*, como faz Gaffiot (*idem*, verbete **quod**). Ao contrário de esvaziamento, isso denotaria complexificação semântica, se não fosse a demonstratividade própria do pronome relativo, sobre a qual operou a gramaticalização.

Em um provérbio do século XII (Manuscrito P 140, Biblioteca de Paris), tem-se:

"**Qui silva latitat** [127]
leporis mensam caro ditat." .

Aí a topicalização de *qui silva latitat* parace coadunar-se com a sensação de síntese que decerto há na "omissão" do "antecedente". Não há alguém específico cuja mesa seja enriquecida pela carne da lebre; consegue isso quem se esconde na floresta, e essa informação é realçada pelo efeito pragmaticotextual da topicalização, que acentua a agilidade de *qui silva latitat*:

Quem se esconde na floresta, a carne da lebre enriquece a mesa.

Uma vez considerados o conteúdo demonstrativo do pronome relativo e a independência da oração, não há que admitir anacoluto no fenômeno:

"***Este*" *se esconde na floresta: a carne da lebre enriquece a mesa.***

É intangível qual seria a sensação de um falante afeito ao Latim no século XII, mas, com ou sem gramaticalização, a demonstratividade constante em *qui* dispensa o contorno explicativo que é a consideração de anacoluto. Aliás, é essa demonstratividade e a independência da oração que parecem ter aberto caminho para a topicalização ali presente.

Os pronomes "sem antecedente" são demonstrativos **não em vez** de ser relativos, mas **por** ser demonstrativos são relativos; as orações não são relativas

---

[127] *Idem.*

a nada, não se apõem a termo nenhum. Aqui não se dirá que o pronome relativo "em certos usos" seja demonstrativo e não relativo, e que a isso se deva o fato de não ser relativa a oração em que se encontra o pronome assim "usado". Está-se dizendo, isto sim, que o pronome relativo **é** demonstrativo e, como tal, pode estar numa oração não relativa. A "função relativa" e, portanto, a oração "relativa" ou, pior, "adjetiva" é que resultam de um processo chamado gramaticalização.

Em item preocupado justamente com a afinidade entre o pronome relativo e seu "antecedente", mas numa abordagem aqui rejeitada, dizem Ernout e Thomas (*idem*, 137):

> "**Attraction** de l'**antécédent** au **cas** du **relatif**. Lorsque cette attraction se produit, l'antécédent est habituellement enclavé dans la proposition relative, et souvent ensuite repris dans la principale par l'anaphorique *is* ou un démonstratif: Cic. [Cicero], *Tu.* [*Tusculanae Disputationes*] 1, 41: *quam quisque norit artem, in hac se exerceat* 'que chacun s'exerce dans l'art qu'il connaît'.
>
> Mais, dans la langue parlée, l'antécédent — au lieu d'être ainsi enclavé — était parfois laissé en suspens *devant* le relatif, le plus souvent au nominatif ou à l'accusatif: Pl. [Plautus], *As.* [*Asinaria*] 621: *patronus qui uobis fuit futurus, perdidistis* 'le patron que vous deviez avoir, vous l'avez perdu'; *Am.* [*Amphitruo*] 1009: *Naucratem* [*sic*, sem vírgula] *quem conuenire uolui, in naui non erat* 'Naucratès [*sic*, sem vírgula] que je voulais rencontrer [*sic*, sem vírgula] n'était pas sur le navire'; également Pétr. [Petronius] 134, 8: *hunc adulescentem quem uides, malo astro natus est*; Caton, *Or. frgm.* [fragmentos de *Origines*] 32, 2 (Jordan, p. 54); Tér. [Terentius], *Eu.* [*Eunuchus*] 653; Var. [Varro], *L. L.* [*De Lingua Latina*] 8, 41; *Peregr. Aeth.* [*Peregrinatio Aetheriae ad Loca Sancta*] 13, 4; Grég. T. [Grégoire de Tours], *Martyr.* [*Liber in Gloria Martyrum*] 66 (Bonnet, p. 523 n.); etc.;

> — très rarement au datif: Pl. [Plautus], *Tru.* [*Truculentus*] 745: *illis quibus inuidetur, i rem habent.* Un seul exemple appartient à la langue littéraire: Vg. [Vergilius], *Én.* [*Aeneis*] 1, 573: *urbem quam statuo, uestra est* (paroles de Didon; valeur affective: il est qualifié de solécisme par Donat, *G. L. K.* [*Grammatici Latini ex recensione H. Keilii*, I-VIII, Leipzig, 1857-1870)] 4, 394, 3 sqq.). La correspondance de Cicéron en présente une trace dans une lettre de Pompée: *At.* [*Ad Atticum Epistulae*] 8, 12ª, 4: *arma quae ad me missuri eratis, iis censeo armetis milites.*".

Não há "atração" ao caso do relativo; não há "antecedente", nem "encravado" na oração relativa nem "suspenso" diante do pronome; não há oração relativa. Há demonstratividade no pronome relativo, desdobrado ou não por outro pronome:

Arma ***quae*** *ad me missuri eratis.*
Iis censeo armetis milites. ,

*As armas "****essas****" me teríeis enviado.*
Com elas é que penso que armeis os soldados. ;

Quisque norit ***quam*** *artem.*
Se exerceat in hac. ,

*Cada um conheça "****uma****" arte.*
Exercite-se nessa. ,

quam portando um conteúdo entre o indefinido e o demonstrativo, talvez menos demonstrativo do que indefinido, mas suficientemente denso para que se possa admitir a independência sintática de *quisque norit quam artem*

ou *quam quisque norit artem* se há topicalização sobre a arte que deve ser conhecida e na qual — não em outra — cada um deve exercitar-se, o que acentua em *quam* a demonstratividade:

***Quam** quisque norit artem.*
In hac se exerceat. ,

*"**Uma**" / "**Sua**" arte cada um conheça.*
Nessa se exercite. ,

e aí se sente a necessidade semanticotextual de *in hac* — "**nessa**, não em outra, se exercite" — , desnecessidade "gramatical":

***Qui** patronus uobis fuit futurus.*
Perdidistis. ,

*"**Esse**" patrono vos teria sido [foi o que se fazia ser para vós] [teria sido vosso].*
Perdestes. ;

*Patronus **qui** uobis fuit futurus.*
Perdidistis. ,

*O patrono "**esse**" vos teria sido.*
Perdestes. ;

*Naucratem, **quem**, conuenire uolui.*
In naui non erat. ,

*Náucrates, "**esse**", eu quis encontrar.*
Não estava no navio. ;

***Hunc** adulescentem, **quem**, uides.*
Malo astro natus est. ,

***Este** jovem, "**este**", vês.*
Nasceu fadado. ,

em que a enunciação de *quem* parece topicalizar *hunc adulescentem* — "este jovem, este mesmo" — , o pronome relativo reforçando o próprio demonstrativo, como em

***Illis quibus** inuidetur.*
I rem habent. ,

*Para **aqueles** há inveja.*
Possuem.

A qualificação de solecismo atribuída por Donato a

urbem** quam statuo **uestra est

bem ilustra o efeito da gramaticalização, que pode ter-se desenvolvido nem mesmo a partir de

urbs
— quam statuo —
***uestra est** ,*

a cidade
— "essa" construo —
é vossa ,

mas de

Vrbem quam statuo.
Vestra est. ,

*A cidade "**esta**" construo.*
É vossa. ,

possibilidade imensamente favorável à interpretação configurada aqui: na parataxe, a topicalização de *urbem* pode ter colaborado para o desfazimento do sintagma *urbem quam*, passando *urbem* a "antever" o conteúdo "uestra est" e assumindo a forma que explicita a relação direta "**urbs** uestra est", em coerência com "**urb**em quam statuo; **uestra est**", e *quam* passando a representar **substantival**mente o conteúdo "urb- qua-", em coerência com a especificação "**urb**em quam", constituindo-se, pois, um "pronome relativo" não apenas significativo mas **densamente significativo**. O que houve depois foi o estabelecimento de "ritmo de hipotaxe", "sensação de hipotaxe", não esvaziamento semântico; por aquela possibilidade, até aqui se constituiu precisamente o contrário, um adensamento semanticofuncional. Ritmo e sensação não produzem esvaziamento; as apreciações teóricas é que o propõem, assim como eminentemente é teórica a "subordinação", teoricamente prescindível portanto.

Nem a gramaticalização, entendida aqui como processo não esvaziador, nem a oração restritiva, aqui explicada por um fenômeno específico de referencialidade, reclamam a idéia de subordinação. **Conteúdo** no pronome relativo e **aposição** da oração relativa **com ou sem foridentificação** é o que se propõe aqui, em tentativa de estabelecer alguma sorte de formulação geral.

À GUISA DE CONCLUIR

Não quer este Texto dizer que esteja "errada" a visão tradicional que julga subordinada a oração relativa; essa visão se justifica internamente, uma vez considerados seus critérios, aliás bem definidos. O que se faz aqui é propor, se não outro "modelo de análise" — o que seria descabidamente presunçoso — , outra forma de ver o conjunto da oração relativa.

Aqui já se apontou que dizer "subordinada" é dizer "dependente", e vale acrescentar que dizer "sub-ordinada" ou dizer "de-pendente" é dizer "posta embaixo": a oração relativa não se "põe embaixo", mas "a-põe-se", e, numa classificação que tenha fúria hierarquizante, deve ser, então, vista no mesmo nível da "principal", assim como o aposto propriamente dito se coordena com o "fundamental", consoante a argumentação atrás exposta, talvez convincente.

Se Tesnière tem razão quanto ao acúmulo de funções do pronome relativo, pode-se entender que a reiterada expressão "forme pleine" — "et bien marquée" — de Ernout e Thomas (*idem*, 138 e 332) para qualificar o pronome relativo latino queira dizer "pleine" não apenas fônica mas também semântica e sintaticamente. Daí, considerando-se, não apenas em Latim, o traço demonstrativo do pronome relativo, pode-se alargar o sentido daquela "certaine autonomie" de Ernout e Thomas (*idem*, 333), qualificadora da oração relativa: esta, em Latim, e em Português por uma sintaxe resgatadora, também se pode considerar "pleine" e possuidora de "autonomie" — "plus que certaine"! — até mesmo do ponto de vista semântico, constituindo-se o "sentido próprio" e o caráter autônomo, de independência, com que Cunha e Cintra (*idem*, 578) descrevem a oração coordenada.

O fato de a oração relativa — tal qual aparece no período — não poder ser enunciada isoladamente não quer dizer que não possa ser interpretada como algo sintaticamente inteiro e independente, considerando-se o traço demonstrativo do

pronome relativo. Uma interpretação que a classifique como subordinada e pare mais ou menos nisso parece vinculada a uma sintaxe de superfície; interpretá-la sintaticamente independente, segundo o discurso aqui proposto, é tentar ver por trás; prescindir daquela classificação é prescindir de uma sintaxe do resultado, do visível e já visto, sintaxe que, aliás, costuma incorrer em observações mecanicistas, como aquelas que preconizam arbitrariedade. No tocante à forma *como* se apresenta a oração relativa, a "subordinação" parece mais textual do que sintática: uma oração relativa, com pronome relativo expresso sob forma própria de pronome relativo, se enunciada sem a oração "principal" não se sustenta textualmente, porque não se costuma enunciar assim, e não se costuma enunciar assim porque a foricidade do pronome relativo requer um objeto, que está em outra oração; porém, sintaticamente a oração relativa é tão "inteira" quanto qualquer oração dita independente.

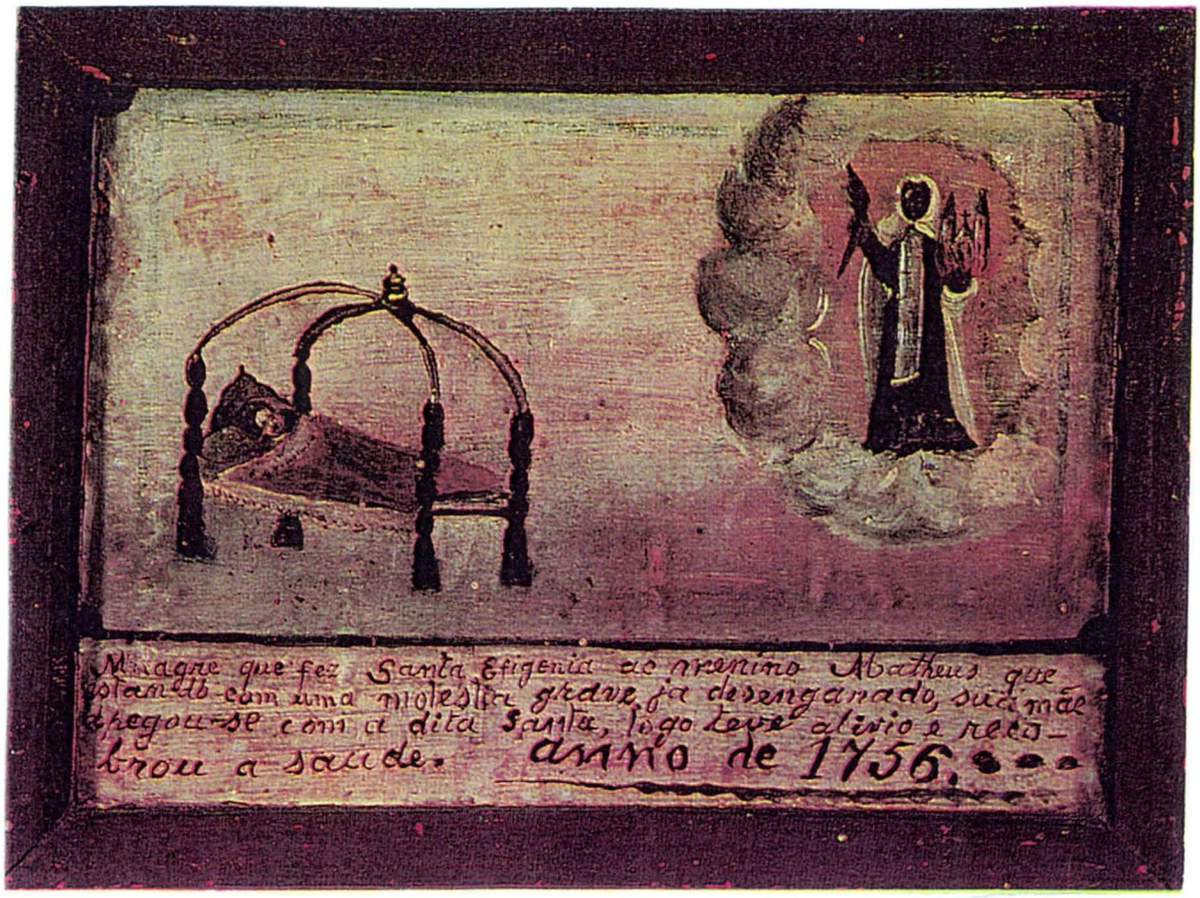
O pronome relativo dizer respeito a termo da oração "principal" é estar associado a ele, é serem ambos semanticotextualmente afins, e deve ter sido essa a brecha para a gramaticalização. Há foricidade, há afinidade semanticotextual, há gramaticalização. Mas há também substantivalidade no pronome relativo, aquela que entra em consonância com a nominalidade do termo a que ele diz respeito. Noutras palavras, o exercício da foricidade do pronome relativo é amparado pela própria substantivalidade que há no pronome, mas, nesse exercício, deu-se a gramaticalização, ou seja, a substantivalidade propicia a foricidade e é esvanecida por ela: esvanecida, **não destruída**. A gramaticalização não fez nulidade a inespecificidade do pronome relativo. Inespecificidade não é tendência a zero. É justamente nessa inespecificidade que se espraia a especificação, textual, da afinidade entre a nominalidade do pronome e a do termo evocado. Essa organicidade semanticotextual é negação de vazio gramatical. É apoio para uma interpretação sintática ligada a "inteireza", não a vazio.

Ex-voto — 1798



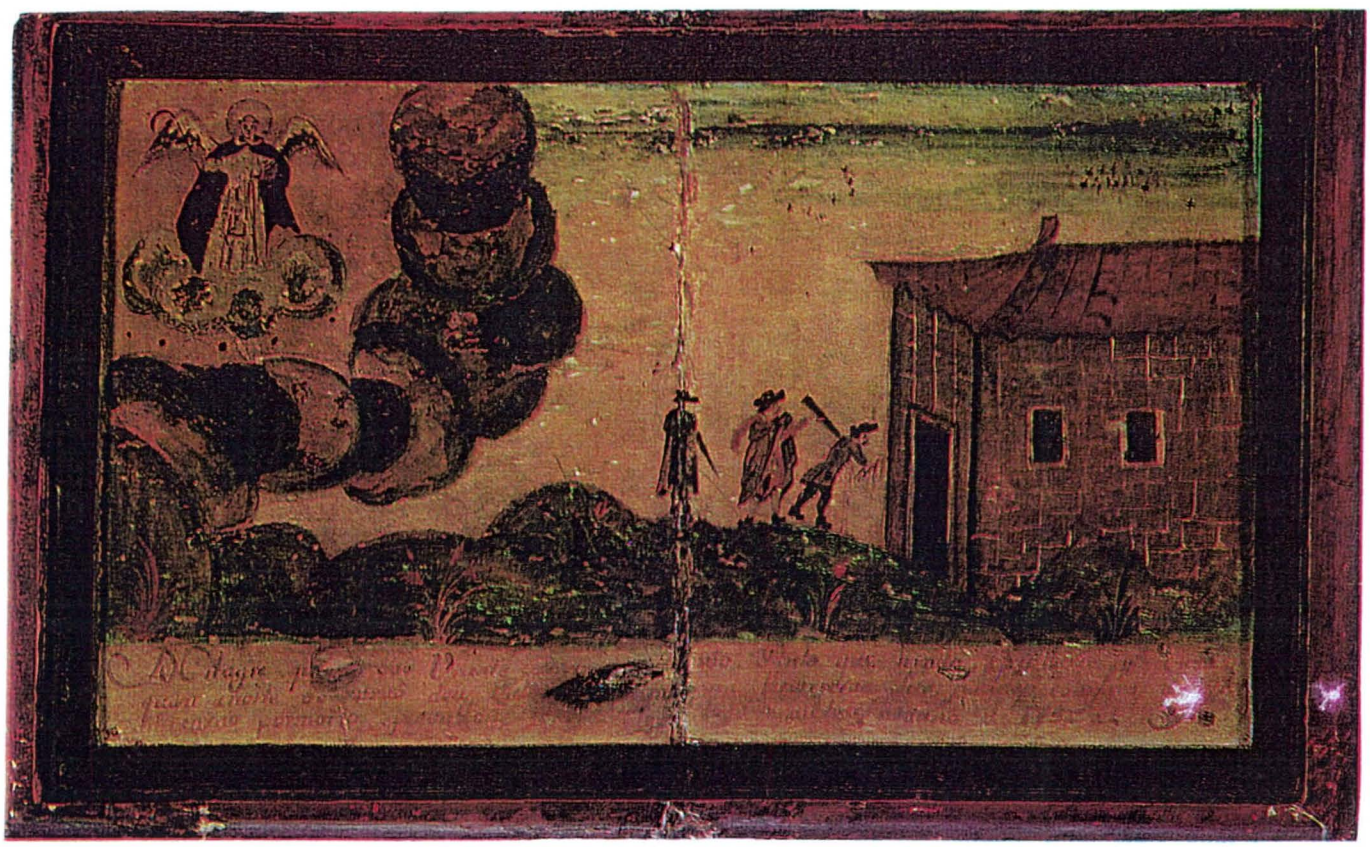
"Milagre q.[que] fez a Sr[?]ª S.ta Anna a Fran.ca inocente, q.~[que ? ; quem ?] estando perigoza m.te inferma, sem esperanç[?]as de vida ; apegou[?] com ad.[?]ª Snt.[?]ª logo d[?]iclinou saude ficando livri e i[?]mtera m.te .[?] sam.
1798"

Ex–voto — 1756



"Milagre que fez Santa Efigenia ao menino Matheus que estando com uma molestia grave ja desenganado , sua mãe apegou-se com a dita Santa , logo teve alivio e reco-brou a saude.
anno de 1756"

Ex-voto — 1757



"Milagre que fes[?] São Vicente Ferrer[?] Antonio[?] Pinto que hindo acolherse p/[a] casa quazi a noite o seguiráo[seguiram] dou/[dous ?] [ilegível] caza lhecorrerao[-o ?][deram] dua/[duas] facada/ com faca/ de [ilegível] deixaráo pormorto [deram por morto] epegandose[e, apegando-se] [ilegível] logo a saude noanno[no ano] de 1757"

BIBLIOGRAFIA

ABRAHAM, Werner. *Diccionario de terminología lingüística actual*. Versión española de Francisco Meno Blanco. Madrid: Gredos, 1981. (Biblioteca Románica Hispánica, 9).

AKINNASO, F. Niyi. On the differences between spoken and written language. *In*: _____. *Language and Speech*. [*S. l.*: *s. n.*], 1982. p. 97-125. [Tradução não publicada. Tradutor não identificado. Títulos não traduzidos.]

ALI, M. Said. Conjunções: espécies, formas e significação. *In*: _____. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. 6. ed. aum. Estabelecimento, revisão, notas e índices de Maximiano de Carvalho e Silva. São Paulo: Melhoramentos, 1966. p. 218-226.

_____. *Gramática Secundária da Língua Portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1964.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *NBR 6023*: Informação e documentação — Referências — Elaboração. Rio de Janeiro, 2000.

AULETE, C. *Dicionário contemporâneo da língua portuguêsa*. Rio de Janeiro: Delta, 1958.

BARBOZA, J. Soares. *Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza*. Lisboa: Academia Real das Sciencias, 1866.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 35. ed. São Paulo: Nacional, 1994.

BLATT, F. *Précis de syntaxe latine*. Paris: IAC, 1952.

BORBA, Francisco da Silva. *Teoria sintática*. São Paulo: EDUSP, 1979.

BRASIL. *Código Tributário Nacional*. Coordenação de Mauricio Antonio Ribeiro Lopes. 4. ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1999.

_____. Ministério da Educação e Cultura. *Exame Nacional do Ensino Médio*: Redações. Correção em São Paulo, 2001.

CÂMARA JÚNIOR, J. Mattoso. *Dicionário de Lingüística e Gramática*: Referente à Língua Portuguesa. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 1992.

_____. *Dispersos*. Seleção e introdução de C. E. Falcão Uchoa. Rio de Janeiro: FGU, 1972.

_____. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.

_____. *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1976.

CAMÕES, Luís de. *Lírica Completa*: Sonetos. Prefácio e notas de Maria de Lurdes Saraiva. Vila da Maia: Nacional, 1980. v. 2.

CARONE, Flávia de Barros. *Morfossintaxe*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1988. (Fundamentos.)

_____. *Subordinação e Coordenação*: confrontos e contrastes. 2. ed. São Paulo: Ática, 1991. (Princípios.)

CARRETER, Fernando Lázaro. *Diccionario de términos filológicos*. 3. ed. cor. Madrid: Gredos, 1974.

CART, A. *et al*. *Grammaire Latine*. Paris: F. Nathan, 1955.

CASTRO, Márcia de Moura. *Ex-votos Mineiros*: Tábuas Votivas do Ciclo do Ouro. Belo Horizonte: Expressão e Cultura, 1994.

CICÉRON. *L'Orateur*: A. M. Brutus. Texte établi et traduit par E. Courbaud. Paris: Les Belles Lettres, 1950.

CLIMENT, M. Bassols de. *Sintaxis latina*. Madrid: Menendes y Pelayo, 1956.

CONEXÃO ROBERTO D'AVILA. *José Augusto Ribeiro*: entrevista. Entrevistador: Roberto d'Avila. Rio de Janeiro: Intervídeo Comunicações, 2001. 1 fita Beta cam analógica (54 min).

CORIA, Bulmaro Reyes. *La retórica en "La partición oratoria" de Cicerón*. 1. ed. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1987.

CULTURA FM 103,3. *Banchetto Musicale*: O instrumental barroco. Produção e apresentação de Maurício Monteiro. São Paulo. Transmissão de 17 de out. de 2001.

_____. *Bulevar Cultura*: Fim de tarde com o maestro Walter Lourenção. Produção e apresentação de Walter Lourenção. São Paulo. Transmissão de 22 de dez. de 2000.

_____. *Mapa Mundi* [*sic*]: Uma geografia do som. Produção e apresentação de Cynthia Gusmão. São Paulo. Transmissão de 8 de set. de 2001.

CUNHA, Celso; CINTRA, L. F. Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 2. ed. 33. imp. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

CURADO. Fernando Dias Fleury. *Responsabilidade Tributária por Sucessão*. 2000. 70 f. Monografia (Conclusão de Curso) — Faculdade de Direito, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2000. Não publicada.

DIAS, Augusto Epiphanio da Silva. *Syntaxe Historica Portuguesa*. Lisboa: Clássica, 1918.

ERNOUT, A. *Morphologie historique du latin*. Paris: Klincksieck, 1945.

_____; THOMAS, F. *Syntaxe latine*. 2ᵉ éd. Paris: Klincksieck, 1972.

EX-VOTO com texto verbal e imagem de homem acamado à direita e Cristo crucificado à esquerda. Minas Gerais, 1844. Têmpera sobre madeira, 31,5 cm x 21,6 cm. Coleção de Márcia de Moura Castro.

_____ com texto verbal e imagem de homem rezando à direita, mulher acamada à esquerda e, no centro, Nossa Senhora com o Menino. Portugal, 1816. Formato trapezoidal, 39 cm x 26 cm. Coleção de Márcia de Moura Castro.

_____ com texto verbal e imagem de Nossa Senhora à esquerda e três pessoas no centro. Portugal, 1874. Óleo sobre madeira, 29,5 cm x 40 cm. Coleção de Márcia de Moura Castro.

_____ com texto verbal e imagem de Santo e mulher. Portugal, séc. XIX. Óleo sobre madeira, 31,5 cm x 22 cm. Coleção de Márcia de Moura Castro.

FARIA, Ernesto. *Gramática Superior da Língua Latina*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1958.

FERREIRA, A. B. de. H. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1971.

GAFFIOT, F. *Dictionnaire Latin-Français*. Paris: Hachette, 1934.

GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna*: Aprenda a escrever, aprendendo a pensar. 17. ed. 2. reimp. Rio de Janeiro: Getulio Vargas, 1997.

GIVÓN, Talmy. *On Understanding Grammar*. New York: Academic, 1979.

GOMES, Tomé. Entrevista concedida particularmente. Entrevistador: Clóvis Luiz Alonso Júnior. São Paulo, 1996. 1 fita de vídeo.

GUARDIA, J.-M.; WIERZEYSKY, J. *Grammaire de la Langue Latine*. Paris: A. Durand et Pedone-Lauriel, 1876.

HOPPER, Paul J.; TRAUGOTT, Elisabeth C. *Grammaticalization*. Cambridge: University, 1993 (impressão 1997).

JURET, A.-C. *Formation des noms et des verbes en Latin et en Grec*. Paris: Les Belles Lettres, 1937. (Publications de la Faculté des Lettres de l'Université de Strasbourg.)

LIMA, C. H. Rocha. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 15. ed. rev. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1972.

MACHADO, Raúl. *Questões de Gramática Latina*: Morfologia geral e Elementos de Morfologia Histórica. Lisboa: Clássica, 1941. v. 2.

MACIEL, Maximino. Conjuncção. (Palavra de ligação.). *In*: _____. *Grammatica Descriptiva*. 8. ed. aum. Rio de Janeiro: F. Alves, 1922. p. 152-156.

MANUSCRITO P 140. Paris: Biblioteca Nacional.

MANUSCRITO SG 17. Sankt Gallen: Abadia.

MEILLET, A. *Esquisse d'une Histoire de la Langue Latine*. Paris: Hachette, 1948.

MONTEIL, P. *Éléments de phonétique et de morphologie du latin*. Paris: F. Nathan, 1970.

NEVES, Maria Helena de Moura. A gramaticalização e a articulação de orações. *Estudos Lingüísticos*, Araraquara, v. 27, p. 46-56, 1998.

ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO. Rogério Wolf: Flauta. *Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo*. São Paulo: [*s. n.*], p. 25-26, set. 1998. 1998- . Mensal.

PEREIRA, Eduardo Carlos. Conjuncção. *In*: _____. *Grammatica Expositiva*. Rio de Janeiro: Nacional, 1907. p. 153-157.

PETRARCA, Francesco. *Canzoniere*. Introduzione di Ugo Foscolo. Note di Giacomo Leopardi. Cura di Ugo Dotti. 2. ed. Milano: G. Feltrinelli, 1994.

_____. *Il Canzoniere e I Trionfi*. Introduzione, notizie e commenti di Andrea Moschetti. Milano: [*s. n.*], 1924.

_____. *Le Rime*. Introduzione e note di Egidio Bellorini. Torino: Torinese, 1796. v. 2. (Collezione di Classici Italiani, 53.)

PLAUTE. Amphitryon. Aulularia. *In*: _____. *Comédies*. Texte établi et traduit par A. Ernout. Paris: Les Belles Lettres, 1970.

RIBEIRO, E. Carneiro. *Estudos Gramaticais e Filológicos*. 4. ed. Salvador: Progresso, 1957.

RIBEIRO, J. *Grammatica Portugueza*. 13. ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1913.

RIEMANN, O. *Syntaxe Latine*. 7e éd. Paris: Klincksieck, 1927.

RIGHI, Gaetano. *Historia de la Filología Clásica*. Traducción de J. M. García de la Mora. Barcelona: Labor, 1967.

RUBIO, Lisardo. *Introducción a la Sintaxis Estructural del Latín*. 2. ed. Barcelona: Ariel, 1984. (Letras e Ideas.)

SALLUSTE. *Catilina*. Texte établi et traduit par A. Ernout. Paris: Les Belles Lettres, 1958.

SALUM, Isaac Nicolau. As vicissitudes dos dêictico-anafóricos. *In*: *Eurípedes Simões de Paula*: *in memoriam*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1983. p. 1-32.

SENA, Jorge de. *Trinta anos de Camões*: 1948 — 1978: estudos camonianos e correlatos. Lisboa: Ed. 70, 1980. v. 2.

SÉNÈQUE LE RHÉTEUR. Préface II. *In*: _____. *Controverses et Suasoires*. Introduction et notes par H. Bornecque. Paris: Garnier, 1932. v. 1.

SOARES, V. R. Costa. *Curso Elementar Theorico-practico da Grammatica Nacional*. Rio de Janeiro: Luso-brasileira, 1868.

SWIGGERS, Pierre; DESMET, Piet. Histoire et Épistémologie du Comparatisme Linguistique. *In*: JUCQUOIS, Guy; VIELLE, Christophe (Ed.). *Le Comparatisme dans les Sciences de l'Homme*. 1e éd. Paris: Boeck Université, 2000. p. 157-208.

TESNIÈRE, L. *Éléments de syntaxe structurale*. 2e éd. Paris: Klincksieck, 1969.

TOQUINHO. Testamento. Toquinho, Vinicius de Moraes [Compositores]. *In*: _____. *Toquinho e suas canções preferidas*. Direção musical: Toquinho e César Suzigan. São Paulo: Paradoxx Music, 1996. 2 CD (74 min 19 s). Disco 2, faixa 1

(3 min 47 s). Sistema digital Soundscape (24 canais). Mixagem: César Suzigan. Masterização: César Suzigan e Alberto Ranellucci.

TORRES, João Batista. Cultura em Movimento. CULTURA FM 103,3. *Guia do Ouvinte*. Encarte de *Concerto*: Guia Mensal de Música Erudita. São Paulo: Clássicos, ano 7, n. 68, p. 1, nov. 2001. 1995- . Mensal. Absorveu *São Paulo Musical*. ISSN 1413-2052.

TORRINHA, F. *Dicionário latino-português*. 3. ed. Porto: Marânus, 1945.

TV CULTURA. *Opinião Nacional*. Entrevistados: Belisário dos Santos Júnior e Oscar Vilhena. São Paulo, 1996. Gravado em 1 fita de vídeo.

VERGÍLIO. *Bucólicas*. Tradução e notas de Péricles Eugênio da Silva Ramos.

FONTES ORAIS *IN LOCO*

Informantes nativos de Língua Portuguesa.